

FACULDADE SANTA HELENA
Curso de Especialização em Educação Especial
Estudos Surdos: Cultura e Diferença

MARIA DAS GRAÇAS DE F. RODRIGUES

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ATRIBUÍDAS A LIBRAS:
UMA LEITURA DOS FAMILIARES DE SURDOS

RECIFE
2009

MARIA DAS GRAÇAS DE F. RODRIGUES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ATRIBUÍDAS A LIBRAS:
UMA LEITURA DOS FAMILIARES DE SURDOS**

Monografia apresentada à coordenação do curso de Pós - Graduação da Faculdade Santa Helena, como requisito parcial do curso de especialização em Educação Especial Estudos Surdos: Cultura e Diferença, para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Profº. Dr. Abdias Vilar de Carvalho.

RECIFE

2009

Ficha Catológica

R696r RODRIGUES, Maria das Graças de Freitas.

Representações Sociais Atribuídas a LIBRAS: Uma leitura de familiares de Surdos / Maria das Graças de F. Rodrigues. Recife, 2009.

Monografia do Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos. – Faculdade Santa Helena. Abdias Vilar.

Inclui bibliografia e anexos.

1 Representação Social. 2 Surdez. 3 LIBRAS. I. Representações Sociais Atribuídas a LIBRAS. II. Uma leitura de familiares de Surdos.

MARIA DAS GRAÇAS DE F. RODRIGUES

Monografia apresentada à coordenação do curso de Pós - Graduação da Faculdade Santa Helena, como requisito parcial do curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos, aprovada em ____/____/____; pela banca examinadora, constituída pelos professores:

Prof. Dr. Abdias Vilar de Carvalho

Prof^a. Ms. Úrsula M^a Araujo Silva Gusmão

Prof^a. Esp. Gleyce Marcia Silva dos Prazeres

AGRADECIMENTOS

Ao profº. Abdias Vilar, por ter proporcionado uma melhor leitura da realidade e por ter aceitado, a tarefa de orientar- me na construção deste trabalho.

As demais professoras e em especial às Prof^{as}. Liliane Longman e Teresa Campelo, pelas instigantes aulas desenvolvidas durante o curso.

Aos meus filhos Julia e Ramon, e ao meu companheiro Orlando, por compreenderem a importância da realização deste trabalho, e por me incentivarem cotidianamente para sua conclusão.

A minha colega Jeane, que me apoiou em diversas ocasiões na realização deste curso.

Aos familiares dos alunos surdos da Escola Governador Barbosa Lima, que concordaram em participar da pesquisa.

Aos meus amig@s do Curso de Especialização em Estudos Surdos: Cultura e Diferença, pelos calorosos debates em sala de aula, e pelos momentos de descontração e amizade, dentro e fora da faculdade.

A todas as pessoas, com quem dividi as idéias, preocupações e também as satisfações de realizar este trabalho.

“A pior alienação
não consiste em ser
despossuído
pelo outro,
mas em ser despossuído
do outro”.

(BAUDRILLARD)

“O verdadeiro ato da descoberta
não consiste em encontrar novas terras,
mas sim, em vê-las com novos olhos.”

(MARCEL PROUST)

RESUMO

O trabalho buscou analisar as representações sociais de pais ouvintes, que têm filhos surdos. Procurou apontar conexões e possibilidades de sentidos atribuídos, a partir do entendimento que se tem sobre a surdez e LIBRAS. O enfoque analítico adotado teve suporte de autores, que apontavam ser possível identificar e analisar o processo de construção da realidade, a partir das relações sociais, com fortes inspirações, na teoria formulada por Serge Moscovici, através da Teoria das Representações Sociais. Outros suportes teóricos estão ligados aos Estudos Culturais, que questionam as representações hegemônicas do “normal” e que enfocam a surdez, como diferença política e social, contrapondo - se à concepção de surdez, como deficiência foram acolhidos. A investigação e a análise tiveram subsídios, a partir dos dados e resultados ofertados, pela pesquisa coletiva **FIGURAÇÕES CULTURAIS: SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE**, realizada durante o curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos, promovida pela Faculdade Santa Helena e pelo SUVAG em 2008, na qual foram sistematizadas informações, sobre o universo sociocultural de estudantes surdos, pais e professores. Optamos, neste estudo específico, por fazer uma análise a partir da visão dos pais e mães, da Escola Governador Barbosa Lima. Tendo como resultado, a constatação da predominância do padrão, onde a LIBRAS apresenta na vida destes pais e mães, uma perspectiva de menor valor, e de algo a ser utilizado, quando muito, nos espaços escolares.

Palavras chaves: representação social; surdez, LIBRAS, família

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze the social representations of listening parents who have deaf children. It also tried to show the connections and possibilities of meanings assigned from the understanding that this parents had about deafness and LIBRAS. The analytical approach adopted was supported by authors that identified and analyzed the process of constructing of the reality, such as social relations, inspired by the theory formulated by Serge Moscovici, the Theory of Social Representations. Other theoretical supports associated to Cultural Studies that question the hegemonic representations of "normal" and that focus on deafness as a political and social difference, in contrast to the notion of deafness as a disability, were accepted. The research and analysis from the data were subsided by the results obtained in the collective research project, **CULTURAL TRACES: THE DEAF COMMUNITY IN THE CONTEMPORARY WORLD**, made during the course of specialization "Special Education: Deaf Studies", promoted by the St. Helena's college and by SUVAG in 2008, where it was systematized information about the world of deaf students, parents and teachers. It was chosen in this specific study to make an analysis about parents perspective of Governor Barbosa Lima School. The results of this study showed a predominance model, where the LIBRAS represents something of lower significance in the life of these parents, who believe that the language should be used, at most, on school premises.

Key words: social representation, deafness, LIBRAS, family.

SIGLAS

APAE - Associação de Pais e Amigos Excepcionais

ASSPE - Associação de Surdos de Pernambuco

B L - Barbosa Lima (escola)

CEP - Conselho de Ética e Pesquisa

CENESP - Centro Nacional de Educação Especial

COMUDES - Conferência Municipal de Educação de Surdos

EGBL - Escola Governador Barbosa Lima

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FACHO - Faculdade de Ciências Humanas de Olinda

FCD - Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes

FENEIDA - Federação Nacional de Educação e Integração de Deficiente Auditivo

FENEIS- Federação Nacional de Integração de Surdos

GELES – Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez

INES – Instituto Nacional de Estudos Surdos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LS - Língua de Sinais

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

RS - Representação Social

TRS - Teoria da Representação Social

TLC - Termo de Livre Consentimento

SEE - PE - Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco

TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das turmas da EGBL, por turno..... 19

Tabela 2 - Distribuição nível de escolaridade/seriação X quantitativo de turmas
e alunos (as) surdos (as) 27

Tabela 3 - Universo dos pais e mães entrevistados (as), por escolas 76

FIGURAS

- Figura 1 Esquema sobre os elementos das Representações Sociais. Apontado por: Xavier (2002, p. 24)..39
- Figura 2 Proeficiência atribuída aos pais, da língua de sinais. Apontados por Quadros (2006, p. 149).94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
-------------------------	-----------

I – PARTE

A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO E O SEU ATENDIMENTO A ALUNOS (AS) SURDOS (AS)

CAPITULO 1 - A ESCOLA	20
------------------------------------	-----------

1.1 O histórico: Os seus primórdios	21
1.2 Principais e atuais características.....	23
1.3 Um passeio sobre o atendimento aos alunos / as surdos/as.....	25
1.4 Os depoimentos para a construção, de uma história.....	30
1.5 O que foi exposto e o que foi captado, para construção de uma história.....	31
1.6 Os novos depoimentos deverão ser colhidos	34

II – PARTE

AS PERSPECTIVAS E ELEMENTOS TEÓRICOS DE UM ESTUDO

CAPITULO 2 - REPRESENTAÇÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM O SENSO COMUM	37
--	-----------

CAPITULO 3 - SUBSÍDIOS TEÓRICOS DO CAMPO DA LINGUAGEM E O PAPEL DA LIBRAS	43
--	-----------

CAPITULO 4 - FAMÍLIA UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO	47
---	-----------

CAPITULO 5 - LIBRAS, UM INSTRUMENTO DE CIDADANIA UM POUCO DA
HISTÓRIA E DA DIFERENÇA DA LÍNGUA DE SINAIS50

5.1 História e a diferença da língua de sinais51

5.2 Principais marcos legais no Brasil quanto ao atendimento da surdez e da
LIBRAS58

5.3 Relatos de experiências do movimento surdo em Pernambuco62

III – PARTE

**ASPECTOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO DE
PESQUISA**

CAPITULO 6 - DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA65

6.1 Aspectos relevantes, gerais e operacionais da pesquisa coletiva67

6.1.1 Elementos e procedimentos gerais do processo investigativo68

6.2 Particularidades do universo /

amostra do segmento de pais e mães da EGBL,
tomados como referencial no processo de análise70

6.2.1 O diálogo das questões e respostas de uma investigação71

IV – PARTE:

O QUE DIZEM OS NÚMEROS? RESULTADOS DE UMA PESQUISA COLETIVA

CAPITULO 7 - COMO EVIDENCIAR E CONSTRUIR UMA COMPREENSÃO APROXIMATIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS “OUVIDAS”, ATRAVÉS DO DADO NUMÉRICO?	73
7. 1 Elementos de uma pesquisa coletiva, amostra do de pais e mães entrevistados (as) da EGBL	74
CAPITULO 8 - ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ E DA LIBRAS	79
8.1 Quadros de análise I e II	82
8.2 Reflexões dos quadros de análise	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

A comunicação, como se sabe é um dos principais fatores de integração do ser humano. Significa participação, convivência, socialização. Sabemos também que a família é a base mais importante desse processo inicial, pois ela é o elo entre o indivíduo e o mundo social.

Outro entendimento compartilhado atualmente, e também por nós, é o que ao se tomar a perspectiva de que só reconheço no outro, aquilo que conheço em mim, é fato que precisamos reconhecer e valorizar as manifestações de diferentes culturas, para que possamos desenvolver e construir as bases do respeito mútuo. Assim acreditarmos ser importante avaliar a visão que os familiares ouvintes de crianças e adolescentes surdos têm sobre a surdez, e sobre seu instrumento lingüístico, no caso para nós brasileiros (as), a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS¹. Estes aspectos necessitam ser explorados e trabalhados para que possamos desenvolver uma relação mais fraterna e de respeito entre as pessoas surdas e as ouvintes.

Segundo a literatura consultada, percebemos que não existindo possibilidades concretas de uma comunicação verbal (oral) entre os pais e ou “cuidadores”² ouvintes de crianças surdas, o prejuízo é quase certo. Tal literatura, ainda aponta, que quando é constatada a importância da Língua de Sinais - LS, pelos pais e mães, e quando estes responsáveis se propõem a aprendê-la, o mais cedo possível, o ganho qualitativo para os filhos e filhas surdos (as) é bastante satisfatório, repercutindo de forma positiva em todas as áreas da vida.

Entretanto, a nosso ver, a raiz central do problema apresentado aos pais e mães de surdos e surdas, envolve a polaridade do mundo ouvinte, versus o mundo surdo, processos em disputas, através da legitimação da língua oral ou de

¹ Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS oficializada através da **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**

² A expressão utilizada é no sentido de reconhecer que outros familiares e ou pessoas, eventualmente possuem uma relação direta de convivência com a criança surda e que estes

sinais. A disputa decorrer de como deve ser assegurado e desenvolvido, o processo de apreensão da realidade de um modo geral, e da aprendizagem formal das pessoas surda. Essas, portanto, foram às principais idéias que nos instigaram na elaboração deste trabalho.

Esclarecemos que o estudo aqui desenvolvido buscou suporte no campo dos Estudos Culturais³ e na Teoria das Representações Sociais⁴ procurando elucidar, como já citamos anteriormente, as expressões acerca das representações sociais que os familiares ouvintes, com filhos (as) surdos (as) têm sobre a surdez, e sobre a compreensão que se têm ou desenvolvem acerca do instrumento lingüístico, a LIBRAS. Também não podemos deixar de lado neste fazer, todo o movimento de ruptura trazido pelos recentes conhecimentos, disponibilizados pelos Estudos Surdos⁵.

Num primeiro plano, as reflexões aqui produzidas se deterão a registrar aspectos ligados a trajetória surda, enquanto segmento em busca de um reconhecimento descrevendo algumas passagens históricas e posteriormente a outras ligadas à vida cotidiana de pessoas surdas, e das suas relações com o seu grupo familiar direto. Aspectos estes, colhidos por ocasião da aplicação da

conseqüentemente, precisam estabelecer um elo de comunicação para garantir o cuidado, no seu dia a dia.

³ Estudos Culturais, campo de estudo desenvolvido no final da década de 50, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, tendo a frente Richard Hoggart, Stuart Hall e Richard Johnson. Segundo Sá (2002, p.10) por este campo de análise é possível identificar que há uma luta entre modelos e representações sociais sobre a surdez e sobre os surdos. Portanto, pretende desconstruir narrativas opressivas, expondo o processo de naturalização, a que se deve a construção de certos valores e sentidos vividos. Nesta abordagem há um claro posicionamento (intencionalidade política) em favor dos grupos em desvantagem (SÁ. 2002; p.43).

⁴ Segundo Almeida (2005, p 119 – 120), A TRS tem fundas raízes na sociologia, e uma presença marcante na antropologia e na história das mentalidades. A autora também nos trás que o conceito de representação nasceu na sociologia e na antropologia, foi obra de Émile Durkheim e de Lévi-Bruhl, contudo, os elementos de sustentação advêm de uma vertente da Psicologia Social, que desponta como uma nova maneira de interpretar o comportamento dos indivíduos e dos grupos sociais, a partir do trabalho desenvolvido por Serge Moscovici, que se originou na Europa com a publicação em 1961, **La Psychanalyse: Son image et son public (A Psicanálise, sua imagem e seu público)**, tinha como problemática, entender o processo de apropriação da teoria psicanalítica por parte de diferentes grupos sociais. Conforme os autores pesquisados, a questão central da referida obra, circulava em torno de como era consumida, transferida e utilizada uma teoria científica, pelas pessoas marcadas pelo senso comum. Bem como, nos trouxe também a informação de que posicionamento / adesão, a esta perspectiva psicossociológica, não ocorreu sem resistência, no meio acadêmico.

⁵ Skliar (1988; p. 13), alerta para a necessidade de construir um território mais significativo para a educação de surdos, e não limitar nossas expectativas a uma “melhora” dos paradigmas dominantes da educação especial.

pesquisa coletiva **“FIGURAÇÕES CULTURAIS: SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE”** ⁶ e tendo como amostra, os pais e mães integrantes da Escola Governador Barbosa Lima - EGBL ⁷.

É importante registrar que a escolha deste espaço, como lugar de observação em parte deve-se ao fato de atuarmos como docente, na unidade de ensino. Como também, a pretensão de no futuro próximo, desenvolver um trabalho diferenciado, a partir dos resultados deste trabalho.

Diante do resultado deste estudo, pretendemos, sim, ousar e contribuir na desconstrução das narrativas opressivas. Pois acreditamos que ao revelarmos a que se deve a construção de certos valores e sentidos atribuídas à surdez e a LIBRAS, outras possibilidades se materializarão e permitirá a transformação de uma convivência pobre de experiências significativas, para outras mais ricas e profundas, na relação de pais ouvintes e de filhos (as) surdos (as).

Num segundo plano procuraremos refletir a luz do referencial teórico as manifestações e dados acolhidos para a realização deste trabalho. Claro que o olhar aqui materializado, vem de um conhecimento recente e oportunizado pela realização deste curso de especialização, do qual podemos traduzir que nos permitiu a abertura de um “portal”, destes místicos, que nos levam a outra dimensão. Num mundo desconhecido, daquelas possibilidades paralelas ao mundo real, vistas em diversos filmes de ficção. Sabemos que essa é uma linguagem figurada, para nos referimos e traduzirmos em parte, todo o impacto ofertado por esta oportunidade.

Sim, vamos insistir, outra vida, outro lugar, apesar de tudo ser tão próximo e concreto, mas que por limitação ou talvez, por uma venda nos olhos, ou quem sabe, talvez pela consciência limitada, que não nos permitiu enxergar / perceber a realidade latente, mas tão bem presente nas relações desiguais entre ouvintes e surdos. Possibilidade só agora identificada, diante da enormidade de novos

⁶ Ver no VI capítulo deste trabalho, uma descrição mais detalhada da pesquisa.

⁷ Escola que tem uma tradição ligada ao trabalho de escolarização de pessoas com surdez, e atualmente apresenta um dos maiores quantitativos de surdos (as), matriculados (as) no Estado de Pernambuco. Fato constatado por ocasião da elaboração e aplicação da pesquisa coletiva.

conhecimentos, adquiridos ao longo do curso e da realização deste trabalho monográfico, que a cada dia revela surpresas.

O trabalho, ora apresentado está dividido em quatro partes, que são subdivididas em sete capítulos, que passaremos elencar de modo sucinto logo abaixo:

Na primeira parte intitulada, **A História de uma instituição e o seu atendimento a alunos (as) surdos (as)** é onde procuraremos resgatar e descrever, alguns aspectos do processo histórico da Escola Governador Barbosa Lima, unidade de ensino da rede pública estadual. Lugar escolhido principalmente no tocante a sua tradição e também devido ao seu atual e expressivo quantitativo, no atendimento a pessoa com surdez.

Já na segunda parte intitulada: **As perspectivas e elementos teóricos de um estudo**, desenvolvidos nos capítulos: **Representação social e sua relação com o senso comum**, no qual desenvolveremos reflexões sobre a fundamentação da TRs (Teoria das Representações Sociais) e do capítulo **Família um espaço de socialização** onde trabalharemos o conceito de família, e dos seus novos arranjos. Consta ainda, nesta parte, o capítulo **Subsídios teóricos do campo da linguagem e o papel da LIBRAS**, onde desenvolvemos algumas idéias, para interligar as perspectivas teóricas apontadas pelos estudos culturais, e o conteúdo de possibilidades de construção das representações sociais, a partir de algumas das idéias trabalhadas por Mikhail Bakhtin, filósofo da linguagem e do sociólogo francês, Pierre Bourdieu. Temos também, os capítulos: **LIBRAS, um instrumento de cidadania**, onde colocamos alguns processos enfrentados, para assegurar a descolonização da cultura ouvinte. E outro, que trará elementos para descrevermos, **Um pouco da história e da diferença da língua de sinais**, que deverá contar com a descrição de alguns dos principais e marcantes fatos ocorridos em diversas partes do mundo, quanto à história e a sua ligação com alguns de seus personagens, que de modo direto ou indiretamente estiveram envolvidos, com os conflitos e a luta dos surdos. Neste capítulo teremos ainda, a descrição de: **Principais marcos legais, presentes no Brasil, quanto ao atendimento de pessoas com surdez e da LIBRAS**, em quanto língua oficial, no qual procuraremos elencar alguns momentos significativos desse reconhecimento, pela sociedade em geral. Já no capítulo, denominado de:

Relatos de experiências do movimento surdo em Pernambuco é onde tentaremos fazer um passeio sobre alguns personagens, suas trajetórias e sobre fatos significativos do nosso estado. Como ainda, tentaremos descrever alguns dos últimos avanços alcançados pela comunidade surda local.

Na terceira parte, temos a apresentação dos **Aspectos metodológicos**, composto pelos capítulos: **Descrição do instrumento de pesquisa**, destacando os aspectos relevantes, gerais e operacionais da pesquisa, e pelo capítulo, **Particularidades do universo / amostra do segmento de pais e mães da EGBL**, no qual colocaremos os principais passos trilhados, na elaboração e realização deste trabalho específico.

Na quarta parte, trataremos dos conteúdos relativos aos elementos percebidos e identificados, por nós para a construção desta análise: **O que dizem os números? Resultados de uma pesquisa coletiva e a análise das representações sobre a surdez e a LIBRAS**, composta pelos capítulos: **Como evidenciar e construir uma compreensão aproximativa das representações sociais “ouvidas”, através do dado numérico?** E outro, que tratará da **Análise das Representações sobre a surdez e a LIBRAS, elementos de uma pesquisa coletiva, amostra do segmento dos pais e mães EGBL**. Neste último, construímos painéis, a partir de conteúdos (questões e respostas) colhidos da pesquisa coletiva, e onde teremos uma subdivisão dos elementos de análise, fazendo alusão às possíveis representações, construídas a partir da: a surdez e os seus impactos sociais; a apropriação dos artefatos culturais relevantes; da relação dos pais / mães e filhos (as) surdos (as), e destes / destas com a LIBRAS, enquanto instrumento legítimo a ser assegurado pelo surdos (as), a partir da visão considerada por nós, no processo de desnudamento teórico, tomado como suporte para este trabalho.

I PARTE

A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO E O SEU ATENDIMENTO AOS ALUNOS (AS) SURDOS (AS)

I CAPÍTULO

1 A ESCOLA

Lugar que pela sua característica institucional tem o papel de ofertar um “saber” sistematizado e acumulado historicamente pela sociedade. Portanto, revelador de importância social, por trabalhar no sentido de atuar diretamente nas questões instrutivas (saber técnico/informativo), como ainda, para expandir aspectos ligados à formação e a construção de valores de uma dada sociedade. Escola como lugar de relações, de representações sociais, tanto para manutenção quanto para transformação social.

[...] a escola parece se constituir como locus principal e mais produtivo de articulação e resistência cultural. [...] é, por excelência, a maquinaria na qual articulam o saber e o poder. É no espaço escolar que estão em jogo os poderosos mecanismos de atribuição e imposição de sentidos, de definição e normalização de determinadas identidades, homogeneização de determinadas práticas culturais [...]. (LOPES. 2007; p. 54-55)

Lopes (2007) continua, e nos traz a análise do papel da escola, como uma das instituições de seqüestro, mais potentes da modernidade, colocando também dentro de uma visão foucaultiana, que até o século XIX, os mecanismos disciplinares que atuavam de forma isolada sobre os indivíduos, passam a atuar no coletivo. Não se esquecendo de traduzir que nesse espaço institucional, ao longo da sua história vem tomando feições diferentes, conforme as concepções de indivíduos e mundo que adotam como valores.

Neste caso, imaginamos que o lugar escolhido é estratégico, para o conhecimento da questão da surdez, não só da perspectiva pedagógica, mas das próprias relações com o mundo surdo, como sendo um lugar, na maioria das vezes, o primeiro de encontro de pessoas surdas, com outras também surdas.

Como já mencionamos, o lugar de observação trata-se da Escola Governador Barbosa Lima - EGBL e o diferencial marcante desta escola, para nós e para este estudo específico, têm haver com a sua tradição histórica. Contudo, outro motivo relevante merece destaque e registro, pelo fato da mesma, ter sido escolhida e incluída, como espaço de investigação, dentre as escolas selecionadas pela pesquisa coletiva.

Em relação à tradição da escola, podemos destacar que dentro dos organismos institucionais, ligados à educação pública no Estado de Pernambuco, na área da surdez, ela apresenta uma atuação bastante anterior às políticas de inclusão⁸ em unidades de ensino regular. E por apresentar de forma continuada, ao longo dos últimos anos, o trabalho de atendimento a estudantes com surdez. Além de que atualmente, prevê uma prática educativa através do ensino de LIBRAS⁹.

É importante mencionar, que todo o registro aqui apresentado tem o propósito de aproximar algumas particularidades deste lugar comum, na vida de pessoas surdas e dos seus pais e mães, que se encontram e se relacionam a partir deste universo escolar. Tendo em vista que é a partir do “olhar” destes sujeitos, que iremos conduzir o processo de reflexão proposto neste trabalho, sobre as representações sociais, ligadas a surdez e a LIBRAS.

1.1 HISTÓRICO: OS SEUS PRIMÓRDIOS

Nesse resgate, procuraremos nos deter e trazer principalmente alguns aspectos marcantes, ligados à vida dessa escola¹⁰, a partir do que foi colhido pelas falas dos atuais dirigentes e trabalhadores da escola. Até porque os poucos indícios documentais, que poderiam servir de suporte nesta investigação, foram perdidos por ocasião de cheias (inundações), que assolaram a capital pernambucana entre os anos de 1970 e 1976.

A escola foi inaugurada no dia 30 de agosto de 1932, e funcionou em prédio localizado na Avenida Rui Barbosa, nº 1599, no bairro das Graças, na cidade do

⁸ Proposta apresentada atualmente pelos mais diversos marcos legais, que determinam o atendimento de “pessoas com necessidades especiais” (Nomenclatura utilizada no marco legal da LDB / Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e pela Lei de Diretrizes e Base da Educação) para se referir a pessoas que apresentam surdez - Art. 4; inciso III e Art. 58).

⁹ Claro que nem sempre a LS ou LIBRAS foram consideradas, como instrumento para viabilizar a formação das pessoas surdas. Ver V capítulo, que trata especificamente do resgate histórico.

¹⁰ Esclarecemos que não é objeto deste trabalho, um aprofundamento etnográfico, nem historiográfico sobre a escola. Ficando este registro limitado a alguns aspectos mais gerais, para que possamos situar o lugar de “encontro” dos sujeitos investigados e demarcar a sua tradição.

Recife - PE, com o nome inicialmente de Escola Experimental Barbosa Lima, posteriormente este foi alterado como veremos.

A prof^a. Lourdes Temporal foi uma de suas fundadoras e ficou a frente de sua direção, até seu falecimento em abril de 1946. Já em junho desse mesmo ano, assumiu a função de dirigente, a prof^a Alda Lafayette.

A sua importância local se faz marcar, pelo fato de que em novembro de 1940, contou com as presenças do então Presidente da República, Getúlio Vargas (1882-1954) e pelo então Governador de Pernambuco, Agamenon Magalhães (1893-1952), por ocasião da formatura do curso de iniciação profissional, que preparou jovens para o mercado de trabalho.

Em 1967 foi construído e equipado um prédio maior, localizado à Rua Joaquim Nabuco S/N, no bairro das Graças, para onde a prática docente foi transferida. Prédio este, inaugurado na gestão do governador Paulo Pessoa Guerra (1916-1977). E é neste endereço, que a escola funciona até os dias de hoje.

Já no dia 15 de janeiro de 1982, a escola foi elevada à categoria de Ensino de 1º e 2º graus, conforme decreto nº 7.735 / 82. Ocasão em que foi visitada pelo governador da época, o Sr. Marco Antônio de Oliveira Maciel, e pelo Sr. Joel de Hollanda Cordeiro, então secretário de Educação¹¹. Ano também em que festejou o 50º ano de sua fundação, onde veio a ocorrer alteração do nome de Escola Experimental, para a então Escola Governador Barbosa Lima¹².

¹¹ Fotos que retratam esta ocasião solene (Ver Anexo A. Fotos 1, 2, 3 e 4).

¹² Homenagem a Alexandre José Barbosa Lima (1862-1931), que governou a Província de Pernambuco, no período de 1892 a 1896. A ele é atribuída grandes preocupações com a instrução pública, onde os principais destaques do seu governo foram: a criação da Escola de Engenharia em 1895 e o apoio e incentivo ao ensino agrícola. Em 1962, pelo centenário de seu nascimento foi homenageado em Brasília, na Câmara dos Deputados, pelos seus 26 anos consecutivos de mandatos, legislativo. Neste momento esteve prestando homenagem ao tio, o Senador Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000). (D. O. Suplemento Cultural, p.11-13 1962).

1.2 PRINCIPAIS E ATUAIS CARACTERÍSTICAS

Consideramos válido, salientar que a referida escola é uma unidade de ensino, que compõe a rede pública estadual, sob a responsabilidade da GRE - NORTE¹³, que é uma unidade administrativa da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, portanto, é promotora direta e responsável pelas ações estatais, para implantação das políticas sociais, ligadas a área de educação.

Em relação a EGBL registramos que o ano de 2008, foram matriculados 2.200 alunos (as) em todas as modalidades de ensino, distribuídos em:

Tabela 1 Distribuição das turmas da EGBL, por turno

Modalidades de ensino	Quantitativo de turmas	Horário de funcionamento
Educação Básica Fundamental II	14 turmas	Manhã
Educação Especial (só para surdos) Infantil Fundamental I	12 turmas	Manhã = 06 Tarde = 06
Ensino Médio	21 turmas	Tarde Noite
Educação de Jovens e Adultos	07 turmas	Noite
Telessalas	11 turmas	Tarde Noite

Fonte: EGBL- 2008

Deste universo de alunos, constatamos que 1.230 são pessoas do sexo feminino, correspondendo a 56% e temos 970 pessoas do sexo masculino, correspondendo a 44%

¹³ GRE Gerencia Regional de Educação, no caso da cidade do Recife existe uma subdivisão neste órgão de gestão, em GRE norte e sul. Na GRE – Norte comporta atualmente a administração de 35 escolas estaduais.

Quanto ao trabalho de atendimento, registramos que o mesmo é realizado por 168 funcionários (as), sendo que 127 são professores (as), que de modo direto ou indireto, atuam no atendimento pedagógico de pessoas com surdez.

Outro dado a ser destacado diz respeito ao fato de que se constata grande interesse da população em geral, na busca pela prestação dos serviços ofertados por esta unidade de ensino. Acreditamos que este fato, pode ser atribuído a sua localização¹⁴ que é favorecida pela sua proximidade ao centro da cidade, e também por conta da facilidade de transportes coletivos urbanos, que servem a área do seu entorno.

Quanto à origem da população dos que procuram os serviços prestados por esta escola, percebemos ao longo de sua história, que a mesma é composta em sua maioria, por pessoas de diversas comunidades, tanto do próprio bairro das Graças, como também de bairros mais distantes.

Identificamos ainda, que a comunidade escolar é bastante plural, no tocante a faixa etária. Aspecto este detectado principalmente, pela existência das mais variadas modalidades de ensino. Havendo, entretanto a percepção de grandes distorções entre idade e série, principalmente no turno noturno, onde se verifica uma demanda de alunos (as) que trabalham e que não puderam concluir a sua escolarização em tempo hábil. Considerando a pluralidade das pessoas, podemos ainda, detectar a presença de alunos (as) oriundos de famílias mais abastadas e residentes próximas, a unidade de ensino. Contudo, verifica-se também a presença de outros, provenientes da periferia da cidade, com perfil bastante pauperizado.

Registramos que as características aqui apresentadas, quanto ao perfil da população atendida, foram observadas ao longo dos últimos 15 anos. Pois as mesmas foram em grande parte levantadas, a partir da observação cotidiana, oportunizada em parte pelo trabalho como docente, nesta unidade de ensino.

¹⁴O bairro das Graças faz parte da RPA -3 (Região Política Administrativa). Região que apresenta as maiores distorções de renda da cidade do Recife. Fonte: Perfil sócio econômico da RPA – 3. Disponível <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/inforec/estudos.php>. Acessado em 01/08/2009.

1.3 UM PASSEIO SOBRE O ATENDIMENTO AOS ALUNOS (AS) SURDOS (AS)

Como já foi citado a EGBL tem um histórico anterior de atendimento a pessoas com surdez, entretanto é válido esclarecer que a não colocação de informações precisas, referente a este público, está em parte, condicionado nas mesmas dificuldades, verificadas nos alunos (as) ouvintes, que se deve tanto a perda concreta de possíveis indícios documentais¹⁵, que vieram a ocorrer devido às inundações, quanto ainda, da constatação de mecanismos que não possibilitam a visibilidade histórica e social, atribuída às pessoas surdas de modo geral e as suas questões específicas, enquanto segmento educacional e social nos diversos espaços institucionais. Quanto a não visibilidade histórica e social atribuída às pessoas surdas, temos um posicionamento, que posteriormente explicitaremos melhor, neste trabalho.

Diante da não possibilidade de resgate dos dados oficiais, para a construção desse material, reforçado pela dificuldade de comprovação e pela escassez de documentação, optou-se por montar uma construção, onde as informações aqui descritas se não dispõem de elementos, que validem de modo concreto, através de documentação mais formal, devem ser consideradas em seu teor, pelo reconhecimento social dos depoimentos colhidos, e da validade das memórias dos integrantes que dispuseram a participar desse resgate, o que passaremos a descrever neste documento.

Para assegurar o valor da confirmação do atendimento de pessoas surdas pela escola, nos valem ainda da prova material obtida pelo resgate de algumas fotografias recolhidas de “supostos alunos surdos¹⁶”, que freqüentaram anteriormente a escola. Pois, como veremos nos depoimentos aqui registrados, essas “memórias” podem muito bem estarem perdidas.

¹⁵ A precariedade, quanto ao tipo e qualidade de informações a serem disponibilizadas pela escola, permanece, pois constatamos que a preocupação atual de armazenamento e preservação dos dados fica limitada aos conteúdos das fichas individuais e atas escolares. Conteúdo este, que se presta a outros propósitos analíticos, diferente da abordagem aqui pretendida.

¹⁶ Constatamos que é difícil precisar (identificar) no coletivo, os indivíduos surdos por meio de fotografias. Mesmo assim nos foi possível resgatar algumas fotos (documentos) que indicam serem imagens de pessoas surdas, que estudaram no EGBL. Relação confirmada por vários professores (as) de períodos distintos. (anexo A. Fotos 5, 6 7 e 8)

Sendo essa uma das preocupações da formatação deste trabalho, o de caminhar no sentido de iniciar uma tentativa preliminar de resgatar, e de reparar tal “esquecimento”. Pois acreditamos ser pertinente, o fornecimento e o repasse das informações aqui registradas, para quem sabe, um dia, outros possam recolher e dar a visibilidade merecida, a partir de uma (re) leitura da história, das lutas, e das formas de resistências da população surda.

Quanto ao atendimento atual, da escola destinada às pessoas com surdez podemos dizer que este se baseia tanto no cumprimento a política de inclusão¹⁷, quanto pela sua vocação histórica de atendimento a pessoas com surdez, como já foi mencionada.

Deste modo a tentativa de contribuir com esta “visibilidade”, passamos a apresentar dados / informações que indicam a presença dos surdos de modo significativo, nesta unidade de ensino ao longo de sua história, como o de reconhecer a sua importância, enquanto lugar de fomento de uma sociabilidade inicial do povo surdo há vários anos.

No ano de 2008, a escola contou com quantitativo de 322¹⁸ alunos (as) surdos (as), com a seguinte distribuição por nível de escolaridade:

¹⁷ Implementada a partir do arcabouço legal CF 1988 art. 208 inciso III; da LBD legislação já citada neste trabalho; bem como pela Lei nº. 10.172/01, que aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Além das Resoluções do CNE / CEB nº02 / 2001 de 11 / 09 / 01.

¹⁸ Existem divergências entre este quantitativo e o que aparece no Censo Escolar / INEP / MEC no ano 2008. Tal divergência pode ser atribuída, pelo que investigamos junto ao pessoal da secretaria da escola, ao fato de não se evidenciar a condição de aluno com “necessidade especial” (a divergência engloba tanto a condição de surdez quanto a de cegueira. Sendo nesta última, a cegueira apresenta uma discrepância em termos quantitativo muito maior.) na documentação manuseada, na parte administrativa da escola. (BRASIL. Educacenso. Relatório por aluno/MEC/INEP. Disponível em www.educasenso.inep.gov.br. Acessado em 20 set. 2008).

Tabela 2 Distribuição nível de escolaridade / seriação X quantitativo de turmas e alunos (as) surdos (as)

Modalidades de ensino X Quantitativo de alunos (as) surdos (as)	
Educação Básica	
Educação Especial (só para surdos)	Distribuídos em 12 turmas:
Infantil	06 manhã = 70 alunos
Fundamental I	06 tarde = 70 alunos
	= 140 alunos
Fundamental II (inclusos com intérpretes)	5ª serie = 12 alunos
	6ª serie = 15; “ “
	7ª serie = 10; “ “
	8ª serie = 08. “ “
Ensino Médio	
Tarde	1º ano = 22 alunos
	2º ano = 09 “ “
	3º ano = 11 “ “
Noite	1º ano = 30 alunos
	2º ano = 22 “ “
	3º ano = 10 “ “
Educação de Jovens e Adultos	
Noite	5ª e 6ª serie / EJA III = 07 alunos
	7ª e 8ª serie / EJA IV = 26 “ “
TOTAL	= 322 alunos / surdos

Fonte: EGBL – 2008

Os alunos que freqüentam as classes especiais¹⁹ da Educação Infantil e da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental são atualmente atendidos, dentro de uma perspectiva pedagógica “bilíngüe” (LIBRAS/Português escrito)²⁰.

Estas turmas são atendidas por professor ouvinte e por um instrutor²¹ de LIBRAS, que apóia os profissionais responsáveis, por cada uma das turmas. Além de contar com professor de Educação Física, específico para este grupo de alunos. Professor que freqüenta curso de LIBRAS, por iniciativa própria. A este grupo de alunos (as) também é disponibilizado um laboratório de informática, conquistado recentemente, com programas adaptados.

Dentro do ordenamento do atendimento aos alunos / alunas do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e da EJA (Educação de Jovens e Adultos) pela a escola, os mesmos estão inseridos em classes do Ensino Regular (atendem alunos surdos, junto aos ouvintes), contam com o apoio de intérprete em LIBRAS. Portanto, sendo ofertado o ensino na modalidade de educação “inclusiva”.

Nesta modalidade de ensino referente à Educação dos Surdos, a escola contemplada ainda, no atendimento do alunado com os seguintes serviços:

- Classes especiais;
- Instrutor de LIBRAS;
- Salas de aula inclusivas;
- Intérpretes de LIBRAS;
- Sala de atendimento educacional especializado;
- Professores itinerantes²²;

¹⁹ As referências legais apresentadas na nota de rodapé nº16 dão sustentação ao funcionamento desta modalidade de ensino, apesar da existência de um movimento forte dentro da política educacional (interpretação equivocada, a nosso ver), que favorece ao desmonte das classes de surdos, nas séries iniciais e defendem uma “inclusão”, sem considerarem as especificidades dos surdos, principalmente no tocante a apropriação de sua língua e no fortalecimento de sua da identidade.

²⁰ Essa perspectiva é assumida como modelo ideal a ser alcançado e não como prática efetiva, uma vez que várias condições deverão ser asseguradas, mas que infelizmente está longe de existirem de modo concreto, na referida escola.

²¹ Profissional Surdo com figura prevista no Decreto Lei 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que dá as providências para a inserção deste profissional, na educação de surdos.

²² Profissionais que atuam no suporte extraclasse junto aos alunos (as) surdos e devem ter o domínio de LIBRAS.

Os alunos inclusos recebem apoio educacional na sala de atendimento educacional especializado, orientados pelos professores itinerantes nas áreas auditiva e visual (brailista²³).

Em relação aos profissionais contratados, para as funções de intérpretes e instrutores, podemos registrar que sua presença na escola só foi possível a partir de 2002, para cumprir o que determinavam a legislação em vigor.

Sendo por nós constatada a presença, de quatro intérpretes para escola no ano de 2003. A contratação destes profissionais, na época concentravam-se no atendimento das turmas inclusivas, das séries do Fundamental II, onde havia maior concentração de demanda de alunos (as) por serie.

Já a contratação de intérpretes para o atendimento dos estudantes do Ensino Médio, apesar da existência de alunos surdos incluídos no período, não se efetivou de imediato. Tal efetivação só veio a ocorrer ao longo do ano de 2004. Entretanto segundo nos foi informado, a não contratação imediata, no quantitativo necessário deste tipo de profissional foi atribuída, em parte à falta no mercado de pessoas qualificadas, para a função.

Quanto à presença dos instrutores / educador (a) surdo (a), que teriam em princípio a função de inserir e ampliar os conhecimentos dos alunos (as) sobre a cultura e universo surdo. Além da ampliação de vocabulário em LS foi bastante restrita e ao mesmo tempo constatamos não existir ainda, uma clara compreensão entre o conjunto de professores (as) ouvintes, sobre a relevância de sua presença na escola

Em 2005 identificamos que a presença do instrutor, estava destinada somente ao atendimento dos alunos de 1ª a 4ª série, excluindo os que estavam matriculados na Educação Infantil. Posição equivocada, pois a nosso ver seriam estes / estas alunos (as), que tinham uma precariedade muito maior em termos lingüísticos, de que os de classes mais avançadas, já que em tese haviam estes /estas teriam já adquirido um repertório lingüístico, mais amplo devido a convivência com seus pares.

²³ Este professor atende as pessoas cegas, que também estão inseridas na condição de alunos (as) inclusos.

Claro que em nossa opinião, nenhum momento deveria existir a prevalência de um público, em detrimento do outro. Tal conduta só nos faz constatar que não existe por parte dos executores da política educacional, uma preocupação mais significativa quanto as suas especificidades. Além de demonstrar o desconhecimento total das potencialidades mais efetivas, do que esse profissional poderia vir a desenvolver no espaço escolar. Principalmente quanto ao ensinar e transmitir valores pertinentes da cultura surda e da possibilidade no desenvolvimento da aprendizagem da LIBRAS, para uma posterior inserção desses /dessas alunos (as) na língua majoritária (Português). Claro que tal visão, só retrata o distanciamento entre as implementações das decisões técnicas e operacionais da política educacional, da discussão mais próxima com os segmentos organizados dos surdos, que no avanço das suas reivindicações, pleitearam a presença deste profissional, mas que tal inserção vem ocorrendo de maneira indevida.

1.4 OS DEPOIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Neste tópico passaremos a descrever algumas informações colhidas, pelas entrevistas informais, realizadas com pessoas ligadas à escola em diversos anos de atuação, e que serviram de base, para a montagem do cenário, que nos propomos a compartilhar aqui.

É necessário frisar ainda, que o interesse no regate dos aspectos ligados à memória de quem ou como era feita a escolarização das pessoas surdas de modo geral; bem como, dos que foram e são atendidos na EGBL, surgiu por ocasião da realização da disciplina História da LIBRAS. Como ainda, a partir do conteúdo ofertado pela disciplina História Memória e Identidade Surda, onde percebemos as complexas relações entre a história e a memória, principalmente quanto aos processos de “ocultamento” a que estão submetidos os grupos minoritários de um modo geral, e em particular o das pessoas surdas. Ocultamento bastante evidente, por não disporem de artefatos concretos e oficiais, para demarcar a sua existência social, tendo como grande barreira, no caso o não compartilhamento de uma língua comum, para fazer frente ao desenrolar do processo histórico, o qual foi submetido suas narrativas.

Na oportunidade do aprofundamento dos conteúdos das referidas disciplinas, desenvolvemos um trabalho inicial de pesquisa, onde foi possível constatar pela literatura e pelas discussões na sala de aula, as similaridades das práticas e visões, a que estavam submetidos os surdos, nas mais diversas épocas, lugares e instituições, com o que era feito / praticado na EGBL. O exercício em questão permitiu a construção de um levantamento de informações, no mínimo interessante e instigador, que poderá e deverá ser ampliado no futuro.

Neste exercício, montamos um pequeno painel sobre as décadas de 70, 80 e 90, considerando a presença dos surdos na escola. A técnica de investigação baseada e fundamentada na História Oral é um processo válido²⁴, uma vez que não existem documentos escritos, é algo possível; como ainda se presta ao resgate de grupos populacionais que não ocupam a memória oficial (marginalizados / minorias).

Destacamos mais uma vez, que não encontramos absolutamente nada registrado na escola, quanto ao atendimento de pessoas com surdez ou quanto às especificidades das práticas pedagógicas, desenvolvidas com estes alunos. Deste modo, tomamos então, como ponto de partida, a realização de um levantamento a partir do que sabíamos, e pelo fato de trabalharmos nesta escola, nos últimos anos.

Após algumas indagações, partimos para identificar e ouvir as pessoas que trabalham ou já trabalharam na escola, e se mostraram sensíveis para colaborar. As informações foram elencadas numa tentativa de construção linear de tempo, e até onde as informações nos levaram ou trouxeram foi o que elaboramos, e passamos a apresentar logo abaixo.

1.5 O QUE FOI EXPOSTO E O QUE FOI CAPTADO

Dentre estes trabalhadores (as) identificamos os seguintes personagens, que se dispuseram a contribuir através dos seus relatos orais, e cujo teor, nos permitiu construir o que segue:

²⁴ QUEIROZ, M. **Relatos Orais do “Indizível ao “Dizível”**. In: VON SIMSON, Olga (org.). **Experimentos com História de Vida**. São Paulo; Vértice 1988. A História Oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos, a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documento, ou cuja documentação (representação material) se quer completar. p. 19. É reconhecida hoje em dia, como fonte histórica, a ser explorada de modo acadêmico.

- **Maria do Carmelo Mergulhão Barros Coelho (Funcionária da secretaria 1974 a 2005).** No início, por ocasião de sua lotação na escola, havia poucos alunos surdos nas turmas de educação infantil, mas seus nomes não eram catalogados em cadernetas (como os demais alunos), nem tão pouco, os seus nomes constavam nas atas anuais da escola. As anotações dos dados eram feitas pelo professor, em cadernetas individuais, cujo teor não tinha muita importância para a secretaria da escola. No resgate percebemos que é forte a fala, de que os surdos, na maioria das vezes, eram vistos como pessoas agressivas, ou meio loucas. Sendo muitas vezes colocados junto com alunos ouvintes que apresentavam distúrbios mentais. Em relação à prática pedagógica desta época, refere-se à crença forte de que através dos treinamentos orais, o “mudo” (palavra muito usada neste período) chegaria a falar. Na década de setenta havia poucos aparelhos auditivos (fones, bancadas...), porém, da década de oitenta para a década de noventa, a escola recebeu muitos aparelhos²⁵, para serem usados nas classes de Surdos. Também nos faz a menção, que um filho de alguém “importante” era surdo, e que este, chegou a estudar na escola.

- **Prof^a. Carmen Lúcia Cavalcanti Dias da Silva (Professora de Surdos que chegou à escola em 1987).** Foi possível com este depoimento, fazer uma ponte com os dados fornecidos pela funcionária Carmelo, que na década de setenta, atuava na secretaria da escola, ou seja, confirmou que a prática pedagógica utilizada era totalmente voltada para os treinos orais, e a visão da época, compreendia o surdo, como um sujeito patológico e não como um sujeito cultural, que precisava ser treinado, para suprir a falta. A entrevistada confirma que não havia cadernetas oficiais, para registro das atividades com surdos, nem seus nomes constavam nas atas oficiais da escola. Indagada de como era a organização das turmas, a professora nos respondeu que todos os surdos da Educação Infantil ficavam juntos, não havia seriação. Só bem mais tarde, quando o professor percebia que o aluno tinha condições de ir para uma primeira série, este aluno era integrado numa turma junto com os ouvintes, passando a ser um mero copista, pois nem ele sabia nada da língua portuguesa, e nem da língua de sinais. E muito menos o professor fazia qualquer esforço de apropriação da LS. Destacou não ser favorável, a tal prática, mas registra era a conduta a ser

²⁵ Até o ano 2005, por ocasião da última reforma, constatamos a existência destes equipamentos,

seguida. Segundo a entrevistada, na década de 90 (noventa), durante o governo de Miguel Arraes houve um grande despertar para os problemas, que eram vivenciados com os “alunos especiais”. Ela nos informa que este foi um período muito rico em capacitações. De acordo com seu ponto de vista, estas capacitações eram bastante produtivas. Tinha a presença de equipes de supervisão nas escolas, dando apoio aos professores e acompanhando todo o trabalho. Também foi nessa época que se deu o início da seriação de turmas, bem como o recebimento de novos equipamentos (tudo para reforçar os treinos orais), com o acompanhamento feito por fonoaudiólogas e pedagogas. Enfim, tudo era feito na crença de que quanto mais cedo à criança fosse estimulada, haveria uma chance para ela falar. Ela ressalta que apesar dessa efervescência, através dos suportes favorecidos pelo governo, o surdo continuou sendo visto como um deficiente, e não como um diferente.

- **Prof^a. Germana Albuquerque (Professora de surdos que atuou de 1982 a 1986).** O método trabalhado era o oralista. Confirma que tinha supervisão, permanente por parte dos técnicos do Departamento de Educação Especial da SEE (fala da presença de várias pessoas ligadas à gestão como: Adelaide, M^a José Pessoa, Gracita Dieer e Vanilda prof^a da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Suely Simonek, como pessoas de referências e ligadas a construção desta etapa).

- **M^a. Auxiliadora Diniz de Albuquerque – (atuou como itinerante no período de 1995 a 2006).** Informou que até o ano de 1995, só havia Educação Especial na modalidade de Educação Infantil, nesta unidade. Quanto aos alunos que queriam continuar estudando (os que conseguiam sair da pré – escola da EGBL) passavam a estudar, na Escola da Concórdia ou no Instituto Domingos Sávio, unidades de referência para continuação dos estudos. Informou-nos ainda, que no ano de 1995, só haviam 15 surdos integrados da 5^a série em diante na escola, em 2005 este quantitativo passou para 205 alunos.

Refletindo sobre a tentativa de resgate e situando o contexto da tradição do atendimento das pessoas com surdez, a partir do EGBL consideramos ter como referencial o pensamento de Von Simson (2000) de que: “a memória nunca se

apresenta de maneira ordenada ou cronológica, pois funciona através de associações livres entre vivências e fatos passados”. Assim, o ordenamento dos eventos e dos fatos apresentados acima, não procurou contemplar aspectos de linearidade temporal, mas sim, o de permitir pensar sobre este lugar (a escola), e a sua prática de atendimento aos surdos (as) e de como essas práticas repercutiram na atual posição social e na conotação política de reconhecimento social dos surdos.

1.6 OS NOVOS DEPOIMENTOS DEVERÃO SER COLHIDOS

A história deve continuar, mas deverá ser escrita a partir das memórias dos surdos e das surdas da EGBL, enquanto alunos (as) e / ou profissionais, pelo que venham a produzir e a se destacar no futuro, por serem protagonistas para o conjunto de surdos e ouvintes. Contudo, o acervo a ser construído deste lugar, deverá ainda, prever a leitura e informações de indivíduos pertencentes ao grupo social de surdos e das surdas, que passaram pela EGBL ao longo de sua história.

Ressaltamos neste exercício, que conseguimos identificar pelo menos, os nomes de três ex-alunos surdos²⁶, que tem projeção na comunidade, mas que infelizmente, não nos foi possível no momento, resgatar e apresentar as suas versões da história. Ficando o compromisso de tentar resgatar estes depoimentos, considerando a necessidade de trazer a tona, as memórias subterrâneas²⁷ e permitindo a partir do processo de compartilhamento de memória destes, a construção de fortalecimento da identidade cultural do grupo de surdos.

Imaginamos que todo esse exercício de colocar em evidência os componentes e determinantes, a que estavam submetidos os surdos e as surdas

²⁶ Localizamos informações referentes a um destes alunos, no Livro Estudos Surdos: Novas Perspectivas Vol.3; registro que o surdo, Digerson Manoel de Araujo que estudou no EGBL em 1967. Este é um personagem importante, uma vez que também é atribuído a ele, presidência da 1ª diretoria da Associação de Surdos de Pernambuco - ASPE de 1985 a 1987. SUVAG (2009; 19 – 20; 23). Além de outros, que tiveram uma trajetória escolar de vários anos e que chegaram concluíram o Ensino Médio.

²⁷ VON SIMSON. O. **Memórias subterrâneas ou marginais**: Versão sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade, onde suas lembranças e realizações não são gravadas em suportes concretos, só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando pesquisadores criam as condições para que elas possam surgir e venham serem registradas, analisadas. Podendo posteriormente a vir a fazer parte da Memória Coletiva (oficial).

dentro do universo escolar da EGBL, permitirá também revelar os fortes vínculos das representações sociais, a que estavam e estão submetidos os pais e mães ouvintes, que têm filhos (as) surdos (as). E também de como essas representações, influenciam as relações sociais, ligadas tanto ao universo de pessoas surdas, como das pessoas ouvintes, no contexto social mais amplo.

II PARTE:
AS PERSPECTIVAS E ELEMENTOS
TEÓRICOS DE UM ESTUDO

CAPITULO II

2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM O SENSO COMUM

Neste capítulo passaremos a descrever algumas das principais diretrizes, ligadas ao quadro teórico utilizado como referencial deste trabalho.

Como se formam as nossas idéias? Por que somos criados com algumas idéias? Como estas idéias interferem no pensar, no agir? Estes são os grandes e imprescindíveis questionamentos, para entender a leitura e representação que temos de algo, e do que seja este, para alguns indivíduos.

Representar é tão antigo quanto pensar. Essa afirmação é amplamente reconhecida pela Filosofia e pelas Ciências Humanas. O problema da representação se coloca para o homem desde o momento em que o próprio '**pensamento**', sua produção e exteriorização tornam-se objeto das especulações filosóficas, o que traria mais tarde a questão do papel do trabalho e da linguagem na constituição da consciência individual ou coletiva. As representações são '**uma modalidade de conhecimento particular**', que têm por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. (VALA apud XAVIER; 2002, p. 19).

2.1 Teoria das Representações Sociais

Nos últimos anos, o conceito de **Representação Social (RS)** tem aparecido com grande freqüência em trabalhos de diversas áreas das ciências humanas, e não é patrimônio de uma área particular.

A **Teoria da Representação Social (TRS)** ocupa-se da análise do conhecimento produzido no cotidiano, pois trata de analisar o processo de construção da realidade a partir das relações sociais do mundo, da vida (do que está muito próximo).

Segundo Souza (2005; p. 21-22), precisamos estabelecer distinções entre RS e TRS, pois falar de RS é remeter-se ao conhecimento produzido pelo senso comum a partir dos processos de **objetivação e ancoragem**, (que serão abordados em suas principais características, posteriormente). Já no caso TRS é referir-se a um modelo teórico, que visa compreender e explicar a construção do

conhecimento leigo (senso comum). Forma um conjunto de conceitos articulados, que tem origens nas práticas sociais. Portanto, é pertinente considerar que:

O estudo das representações sociais, nessa perspectiva, consiste na análise dos processos pelos quais os indivíduos, em interação social, constroem teorias sobre os objetos sociais, que tornam viável a comunicação e organização dos comportamentos. Assim entendidas, as representações alimentam-se não só das teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações cotidianas. (VALA apud, XAVIER; 2002, p. 19).

Deste modo, as Representações Sociais não dizem respeito apenas a um fenômeno imediato, ao contrário, estão, sobretudo, diretamente relacionadas a um contexto histórico social mais amplo. Nesse sentido, **RS**, é uma reprodução de uma percepção anterior ao do conteúdo do pensamento.

O (re)conhecimento da **RS** construída, passa necessariamente pelo conhecimento da história de construção desse conceito, pelos indivíduos pertencentes a um determinado grupo social. Deve também passar pela aprovação de correntes de pensamento da comunidade científica, uma vez que é a partir daí, que os mesmos são difundidos e propagados para outras instâncias sociais enquanto “verdades” a serem consumidas por todos.

Tal teoria nos permite analisar o senso comum como modelo de pensamento popular; bem como sua importância no processo de construção de algumas das noções (significados), a partir do como cada indivíduo, que experimentou a situação; posteriormente, externará sua compreensão sobre o ocorrido e/ou de outras situações similares. Aspectos estes, que a nosso ver cabem muito bem no desenho do estudo em questão. Estando evidente que no aspecto teórico e epistemológico, está imbricado uma inter-relação entre sistema de pensamento e a prática social, que resulta em fenômenos complexos.

Dadas essas referências, as representações sociais poderiam ser compreendidas em sua dinâmica e complexidade segundo Xavier (2002. p.24), pelo esquema abaixo:

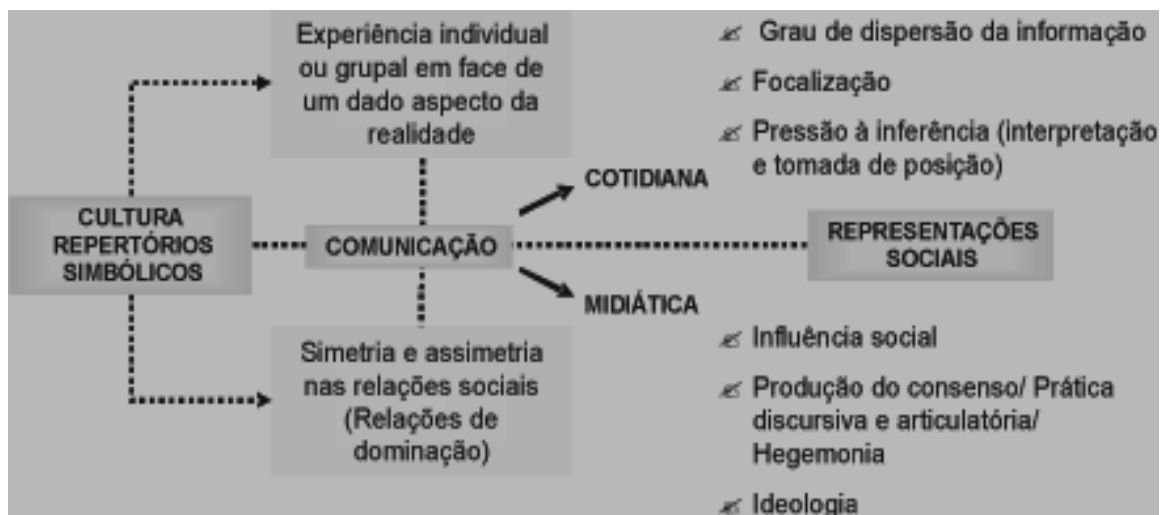


Figura 1 Esquema sobre os elementos das Representações Sociais (XAVIER. 2002, p. 24).

Por serem ao mesmo tempo, ilusórias, contraditórias e “verdadeiras”, as representações, podem ser consideradas matérias primas para a análise do social, e também para a ação pedagógica - política de transformação, pois retratam a realidade. Porém, é importante observar que as representações sociais, não conformam a realidade, e seria outra ilusão, tomá-las como verdades científicas, reduzindo a realidade à concepção que os atores sociais fazem dela, em suas práticas discursivas.

Como abordamos anteriormente, existem dois processos pelos quais são construídas as representações sociais, a objectivação e a ancoragem, conforme a visão de Souza (2005; p. 21) e Xavier (2002; p 24-25), temos: Na objectivação: as idéias abstratas que transformam-se em imagens concretas, através do reagrupamento de ideias e imagens focadas, no mesmo assunto. Já na ancoragem: prende-se com a assimilação das imagens criadas pela objectivação, sendo que estas novas imagens se juntam as anteriores, nascendo assim novos conceitos

Nesse processo é ainda pertinente, considerar que os indivíduos humanos são ativos na história, portanto são agentes de práticas sociais, dentro do processo histórico e todas as suas ações fortalecem ou não um modelo, uma postura perante a sociedade. Para as autoras Souza (2005) e Xavier (2002), as concepções se constroem em relação ao seu lugar e posição na sociedade, sendo ainda importante, que todo estudo (como no nosso caso), busque compreender as formas de como é estruturado o pensamento, e como é feita a

utilização deste, no processo de construção da comunicação dos atores sociais, através das estruturas imaginárias e simbólicas que dão as suas experiências.

A Teoria das Representações Sociais – TRS – operacionaliza um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Parte da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes. Formas que são móveis, onde cada uma gera seu próprio universo de validação, a consensual e a científica. A diferença entre as duas no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. Para nós a hierarquia aparente em algumas situações, deve-se a um posicionamento de escolha do pesquisador (a).

O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana. Enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. As representações sociais constroem-se mais freqüentemente na esfera consensual, do que no campo científico, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques.

Temos, portanto, a representação como um processo mental que carrega sempre um sentido simbólico significante. E ao estudar as Representações Sociais, teremos um “saber”, que busca conhecer melhor o modo, como um grupo humano constrói um conjunto de saberes, e de que forma expressam este saber, como fornece os elementos de identidade de um grupo social específico; como um conjunto de normas e regras de uma sociedade.

Na construção deste “saber” temos um elemento importante que não pode ser desprezado, e que é super importante na quebra do paradigma. Este elemento perpassa diretamente sobre o atendimento e formação educacional ouvintista ²⁸, dispensado ao povo surdo.

Assim, o componente trabalhado no campo teórico das ciências humanas, por inúmeros autores, a **Ideologia** passa a ser revestida de uma importância

²⁸ Segundo Skliar (1998: 15), esse termo se refere “as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos [...] a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. Com esse termo, se faz uma analogia ao colonialismo—colonialista.

fundamental para a compreensão das representações sociais. Segundo Chauí (1995; p. 220), a ideologia é um processo que perpassa nossas mentes, sem que possamos em inúmeras vezes, darmos conta disso. Segundo esta mesma autora, aqueles que são oprimidos são perpassados pela ideologia, que os oprime. E é próprio da **Ideologia**, esse “apagar” da consciência.

A **Ideologia** representa o **Poder** sobre o pensamento, argumenta Chauí (1980; p. 22), comumente segundo está mesma autora, o termo ideologia é usado no sentido de justificar "conjunto de idéias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas". E até porque o poder exercido, não aparece como violento, pois é considerado impessoal.

Para Chauí (1995; p. 214-15), um dos teóricos que começaram a fazer uso político, deste conceito foi Karl Marx. Segundo Chauí, Marx desenvolveu uma teoria em cima do conceito da ideologia, concebendo-a como uma forma de falsa consciência, cuja origem histórica ocorre com a emergência da divisão entre trabalho intelectual e manual. Deste modo, a ideologia constituirá um corpo de idéias produzidas pela classe dominante, que será disseminado por toda a população, de modo a convencer a todos de que aquela estrutura social é a melhor ou mesmo a única possível. Com o tempo, essas idéias se tornam as idéias de todos.

Em outras palavras, as idéias da classe dominante tornam-se as idéias dominantes na sociedade. Essa classe que se encontra no poder, vai fazer uso de todos os mecanismos possíveis e imagináveis, para distribuir suas idéias para todas as pessoas, fazendo com que acreditem apenas nelas. Numa sociedade de dominação, essa é a função dos meios de comunicação, das escolas, das igrejas e das mais diversas instituições sociais.

Deste modo, quando uma ideologia funciona de fato, ela se distribui por toda a sociedade, de forma a fazer com que cada indivíduo, em cada ato, reproduza aquelas idéias. O triunfo de uma ideologia acontece quando todo um grupo social está definitivamente convencido de sua verdade. Se todas as pessoas estão convencidas, ninguém questiona, e a sociedade pode manter-se sempre da

mesma maneira. De certo modo, o sucesso da ideologia está relacionado com o processo da alienação.

Processo este, presente e verificado pelos argumentos, contidos no arcabouço científico defendido pelo modelo ouvintista em prejuízo da perspectiva de valorização da cultura surda e da língua de sinais, fazendo com que prevaleçam as relações desiguais entre ouvintes e surdos.

III CAPÍTULO

3 - SUBSÍDIOS TEÓRICOS DO CAMPO DA LINGUAGEM

E O PAPEL DA LIBRAS

Neste capítulo tomaremos emprestadas algumas das idéias de Mikhail Bakhtin²⁹, filósofo da linguagem, e do sociólogo francês Pierre Bourdieu³⁰ que apesar de pertencerem a países distintos e terem ainda, como intervalo de tempo a distância de vários anos em suas produções, nos trazem elementos importantes para a construção desta reflexão.

Estes autores apresentam a nosso ver, discussões teóricas similares, com inserção da linguagem, do sujeito, da história, da ideologia e do social, no âmbito das ciências humanas. Visões que podem sustentar a necessidade de ofertar um “tratamento” no sentido de fortalecer vínculos e da importância de participação direta dos familiares, de indivíduos surdos, na apropriação do instrumento lingüístico, que os surdos necessitam ter acesso.

Tal exercício de modo algum, compreende ser tomado em separado do papel governamental, para a implementação de políticas públicas a serem viabilizadas na superação da barreira imposta, aos surdos e seus familiares, pela não aquisição de uma língua comum. Muito pelo contrário, esperamos que os pontos de vista, aqui apontados possam fortalecer o empoderamento destes pais e mães, para engrossarem a luta em defesa do reconhecimento dos direitos lingüísticos³¹, a que seus (as) filhos (as) são detentores (as).

Pela análise das contribuições teóricas dos autores citados, por Minayo (2003; p. 103), onde a mesma destaca que tanto Bourdieu, quanto Bakhtin:

²⁹ Mikhail Bakhtin (1895-1975) passou toda sua vida, na Rússia. Suas primeiras obras datam do início da década de vinte.

³⁰ Pierre Bourdieu (1930 - 2002) nasceu e viveu na França. Começa a publicar no final da década de cinquenta.

³¹ A legitimação deste direito é também explicitada pela Declaração de Salamanca (Espanha 1994), por ocasião da Conferencia Mundial de Educação Especial, onde estabelece que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signo. (p. 18).
www.portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf

[...] referem-se ao campo das representações sociais através da valorização da fala, como expressão das condições de existência [...] definindo o caráter histórico e social da fala como um campo de expressão das relações e das lutas sociais, que ao mesmo tempo sofre os efeitos da luta e serve de instrumento e de material para sua comunicação (MINAYO, 2003, p. 103).

Assim, entendemos que por destacar o caráter das representações sociais, quanto da valorização da “fala” (palavra), como instrumento de expressão, estes autores Bourdieu e Bakhtin, nos fornecem elementos que sustentam que a necessidade e a importância de comunicação da vida cotidiana e de sua dimensão cultural. Sendo este um instrumento essencial na formação dos sujeitos, que precisa ser assegurada de modo pleno.

E que, no nosso caso, ao tomarmos as condições da existência que os surdos e das surdas, que não vivem em uma comunidade de “falantes”, de sua língua natural, sofrem perdas significativas no seu processo de formação e de identificação social. Levando-nos a defender que tais condições devem ser modificadas.

Tal constatação se dá principalmente, quando constatamos que este prejuízo é atribuído e perpetuado, ainda hoje pela visão de que a LS é algo estranho e patológico; algo reforçado insistentemente pela cultura ouvintista. Daí a importância de concordarmos e defendermos que, quanto mais cedo, os surdos (as) possam acessar e compartilhar de um instrumento mediador, no curso de suas relações sociais primárias deva ser viabilizado. A LS precisa ser o mais cedo possível, ser incorporada de modo pleno, como meta de uma verdadeira inclusão e respeito aos direitos, que todos e todas devem usufruir.

Considerando ainda, que de acordo com Hanks (2008, p. 52), “Falar uma língua não é dominar um código, mas agir num mundo que é tacitamente aceito”, sendo fato que os surdos e as surdas, de um modo geral não dispõem de oportunidades, para se fazer competentes linguisticamente, por ausência de habilidades não conquistadas devido à assimetria social imposta de modo arbitrário e injusto, ao longo de suas existências. Por isso, acreditamos que construção de um cenário interativo, que permita o desenvolvimento competente de uma língua seja algo a ser almejado urgentemente.

O posicionamento em questão advém da constatação de que a grande maioria dos surdos e das surdas tem como condição, o fato de serem filhos ou filhas de pais e mães ouvintes, e o de não terem como acessar de modo natural, a língua de sinais, ficando deste modo, privados (as), por longos períodos de suas vidas, de um instrumento eficaz, que lhes permitam alimentar a consciência individual e interagirem com os demais³².

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos servem de trama a todas as relações sociais, em todos os domínios. É, portanto, o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam e que ainda não abriram caminhos para sistemas ideológicos estruturados e bem formalizados. (BAKHTIN, 1992, p. 41).

Deste modo para Bakhtin (1992), o sujeito é constituído, ouvindo e assimilando as palavras. Portanto, os discursos de outros (sua mãe, seu pai, seus avós, colegas, sua comunidade etc.), produzidos em contextos sociais reais e concretos, dentro de uma dinâmica comunicativa. É essa vivência que vai garantir a estas pessoas, uma competência necessária para atuar em igualdade de condições em outros espaços de socialização.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1992; p. 123).

Como isso, revela a teoria dialógica da linguagem³³, trazendo elementos fortes em defesa no sentido de enfatizar e defendermos a necessidade de modificar a distância, a que estão submetidos os surdos filhos de pais ouvintes. Uma que vez que os estudos detectam que os surdos, filhos de pais surdos, falam em tempo hábil e não há questionamento, quanto as suas competências lingüísticas. Aspecto este enfatizado por Longman (2007, p.67), nos seus

³² Ver pesquisa LONGMAN (2007; p 19 e 67). Onde os sujeitos pesquisados pré-fazem aproximadamente 99% dos entrevistados (as) e passaram mais de dez anos, sem o domínio de nenhuma língua. Já FONTE (2005, p. 13) destaca também o atraso na aquisição da língua natural como produto de situação onde os mesmos são direcionados a buscar o seu desenvolvimento lingüístico, como base no modelo majoritário das pessoas ouvintes e não através de mecanismos e instrumentos que garantam a sua acessibilidade.

³³ Em **Marxismo e filosofia da linguagem**, Bakhtin desenvolve sua teoria da linguagem e do dialogismo. A linguagem para ele é compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica. E o dialogismo é o permanente diálogo, entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, uma comunidade, uma cultura.

estudos sobre o mundo surdo, quando se constata os prejuízos verificados dos filhos (as) surdos (as) de pais e mães ouvintes, por viverem em grande parte fora de uma comunidade lingüística.

Segundo Silva (2009; p. 4), Bourdieu atribui que a relação de comunicação lingüística é uma “relação de força simbólica”, determinada pelas relações de quem pode, a quem e como se fala. Além de que, num mercado lingüístico as palavras são produtos, e que o seu preço é definido pelas relações de forças materiais e simbólicas.

Assim ao tomarmos essa perspectiva como pertinente ao nosso estudo, fazemos a leitura que o reconhecimento da LS pelos pais e mães trará para as relações familiares, quanto a outras onde o individuo surdo deverá agir e ocupar, uma força no sentido de restituir as suas “falas” um poder libertador dos estigmas impressos pela prática ouvintista em seu processo de socialização.

IV CAPÍTULO

4 FAMÍLIA UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO

A família como sabemos tanto pode ser um espaço de afetividade e de segurança, como também de medos, incertezas, rejeições, preconceitos e até de violência. Assim, identificar as representações sociais destes “pais” e / ou cuidadores, quanto ao ser Surdo e de como se dá o processo da aquisição e de utilização da LIBRAS, por estes familiares é o foco principal do trabalho que desenvolvemos. Assim trataremos neste capítulo alguns aspectos sobre essa relação.

Acreditamos que tal investigação nos oportunizará identificar elementos para superar a dicotomia na formação destes indivíduos. Pois como já foi anteriormente colocado, a visão de que o indivíduo Surdo não deva adquirir a Língua de Sinais (LS) é fruto de uma mentalidade oralista e defendida por uma visão hegemônica de uma cultura imposta ao longo da história, principalmente da área de saúde, na qual os profissionais deste segmento passam a servir de parâmetro inicial, nas orientações do “tratamento”, desde a mais terna idade das crianças, que apresentam surdez. Prejudicando de modo profundo e sistemático, o processo de aquisição da língua natural, que os mesmos têm direito e interferindo diretamente na sua socialização.

A família como núcleo primeiro de socialização do indivíduo, tem um papel importantíssimo nesta relação de identificação social e de pertencimento. Ao reconhecermos que a surdez traz consequências negativas, quando a sociedade priva os indivíduos surdos de um desenvolvimento social pleno, principalmente pela privação da aquisição, de uma língua natural, como no caso da língua de sinais, estará comprometendo todo o desenvolvimento social deste indivíduo.

Por isso temos que dedicar uma atenção especial ao envolvimento dos seus responsáveis diretos, no caso a sua família e as consequências das escolhas destas famílias, na vida do indivíduo surdo. Como também analisar o lugar que pais e mães/ouvintes vêm ocupando no processo de reconhecimento dos surdos e de sua língua (LIBRAS).

Neste enfoque da abordagem familiar, também deveremos observar que a maioria das crianças surdas nasce de pais-ouvintes³⁴. Ficando deste modo, essas crianças surdas de um modo geral, submetidas a um duro modelo, onde suas diferenças não são consideradas e nem respeitadas.

Deste modo, um estudo sobre as concepções e sobre os modelos de família, principalmente considerando o perfil destas na sociedade brasileira deverá servir como elemento do suporte teórico, deste processo de investigação.

A família, certamente, foi uma das instituições civis que mais recebeu modificações na sua estrutura interna e externa no curso do século XX. Essas profundas alterações no plano do direito positivado ganham visibilidade na segunda metade do século, quando a mulher deixa de ser 'relativamente incapaz', adentrando ao mercado de trabalho. (FANCHIN. 2001; p 128)

Segundo Fanchin (2001; p 123), o desenho jurídico da família estabelecido pelo antigo Código Civil brasileiro (Lei no 3.071, de 1916) sofreu considerável evolução até chegar ao modelo plural da Constituição Federal de 1988, conforme o disposto no seu artigo 5º e no Capítulo VII. E pelo atual Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) apontou para a necessidade de serem contempladas no sistema jurídico, novas forma de relacionamento, onde as pessoas irão compartilhar uma mesma comunhão de interesse e de vida, alicerçada, mais do que no contrato, e sim nos laços do afeto e solidariedade entre os indivíduos.

Nesta linha argumentativa a vida em família não se resume ao formalismo dado no contrato, e sim, onde família e casamento são sinônimos, pois de nada vale a lei se o seu destinatário (a) não tem a compreensão e a dimensão dos interesses de todos os integrantes e não respeitam a dignidade do outro, nem levam em conta as diferenças reais existentes entre seus membros, do grupo social em questão.

Dentro deste novo quadro social, a 'constitucionalização' do Direito de Família recepcionou a igualdade, a família sem casamento, a monoparentalidade, afastando quaisquer barreiras ao reconhecimento dos filhos, independente de sua origem. (FANCHIN. 2001; p 133)

No contexto atual, não se identifica, portanto, o pai como o marido. Pois os papéis e funções são diversos, como já se reconheceu no texto legal, quanto à responsabilidade do cuidado com os filhos (as). Pois a separação ou o divórcio é consequência da ruptura do projeto de vida do casal, mas não necessariamente

³⁴ Segundo Sá (2002, p. 68 e 102) este é um dado recorrente, verifica-se a prevalência de tal condição. Constatado também pela pesquisa **FIGURAÇÕES CULTURAIS: SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE** (Ver nota de rodapé nº 32).

altera a função de pais e de mães. No modelo tradicional, tínhamos os pais como provedores / repressores, autoritários; enquanto a figura materna assumia o papel do acolhimento e do cuidado doméstico.

Contudo, a nova família busca construir uma história em comum, baseada em outros interesses. Não se trata necessariamente mais da união formal, e eventualmente sequer se cogita a relação do casal (homem x mulher), na responsabilização dos filhos e filhas.

Saindo do aspecto legal quanto à visão da família, neste trabalho de pesquisa, passaremos a analisá-la segundo Melo (2001; p 21), como espaço que transmite a tradição e representa o cenário do imaginário cultural, com os seus significados e significantes dos ritos e mitos do presente e do passado, construindo sua história particular, marcando as relações internas e externas dos vínculos afetivos e sociais, com a intenção de estruturar o universo psicológico dos membros do grupo familiar.

Neste contexto, compreende-se ainda de acordo com Szymanski (2002, p 15), como uma associação de pessoas que escolhe conviver por razões afetivas e assumem o cuidado mútuo. Ainda segundo a autora, “pais e mães” compreendem sua tarefa socializadora das mais diferentes maneiras e assumem esta incumbência de acordo com modo e com os valores herdados, bem como pelos partilhados com os pares e a partir dos novos modos e valores.

Para Melo (2001; p 21), é através dos vínculos estabelecidos na família, que o sujeito pode encontrar o suporte para apreensão das suas diferenças, ao confrontar o contexto das semelhanças e relativizar a diferença, dentro da mesma. Ao oportunizar que é diferente, pode acrescentar pontos significativos na sua identidade social e percebe-se no universo das semelhanças.

Por isso, olhar como as famílias dos surdos percebem e lidam diretamente com a surdez e a LIBRAS é de fundamental importância, para transformações das relações até então em vigor.

V CAPÍTULO

5 LIBRAS, UM INSTRUMENTO DE CIDADANIA

Adquirir uma língua é condição imprescindível para a nossa sobrevivência na sociedade. É através da língua que se expressa e, ao mesmo tempo, se constrói o nosso pensamento. Sendo esta, portanto, mediadora da construção e do desenvolvimento de todo o conhecimento humano. A língua não só constrói o nosso pensamento como, também, nos constrói enquanto sujeitos.

Assim, ao colocarmos a LIBRAS no patamar de um instrumento que viabilize a cidadania dos indivíduos surdos, devemos ter a preocupação, também em resgatar minimamente alguns pontos como:

- A construção histórica da Língua de Sinais e de outros aspectos ligados as relações sociais, vivenciadas por pessoas surdas.
- Marcar a existência de alguns personagens, que foram protagonistas na história do povo surdo.
- Considerar que o modelo ouvintista é uma visão, produto de um jeito hegemônico de viver e narrar-se, que se opõem ao modo “visual/gestual” defendido pelos indivíduos surdos; ao tomarem para si o reconhecimento de identidade cultural, que não se baseia na “falta”, mas no ser diferente.
- Destacaremos também alguns dos principais marcos legais e sociais, que viabilizaram o reconhecimento da língua de sinais, principalmente no Brasil com a legalização da LIBRAS.
- A construção também pretende identificar o descompasso entre a promessa legal, principalmente no que se refere à oportunidade dos surdos e de seus familiares em acessarem alternativas, para sua educação e formação, tendo a diferença como marco predominante e não o enfoque da falta e da deficiência, como por muitos anos prevaleceu no processo educacional.

Neste exercício, portanto, buscaremos subsídios teóricos no campo lingüístico, que apontem para a necessidade da descolonização da cultura ouvinte, enquanto uma prática social imposta às pessoas surdas como única alternativa. Neste passear, teremos o propósito de destacar o fornecimento de elementos para a defesa de uma língua própria e sobre os benefícios diretos; bem como os direitos para a comunidade surda em acessá-la de modo o mais natural possível.

Apesar do acesso à escola, os surdos não tinham – e podemos dizer que ainda hoje não têm – asseguradas a aprendizagem da leitura e da escrita. As dificuldades encontradas por eles são produto de vários fatores, entre eles a formação docente baseada na tradição oralista, na qual os surdos são considerados portadores de uma patologia. Atualmente, ainda são poucos os cursos de formação de professores que não trabalham numa abordagem clínica da surdez. (FONTE, 2005; p. 15).

Por isso, construímos aqui, alguns registros de fatos, ou melhor, um panorama parcial do que, a nosso ver, são aspectos significativos, para a identificação e compreensão desta trajetória de resistência, tanto no Brasil, quanto em outros países. Resistência essa, que buscou a construção de um modelo alternativo que vem se desenhando até os dias de hoje, mas que precisa ser ainda, melhor qualificado.

5.1 HISTÓRIA E A DIFERENÇA DA LÍNGUA DE SINAIS.

Nessa busca devemos adotar a perspectiva de que a significação social de um artefato cultural como a língua merece ser vista e revestida de total importância, pois, ela representa todo o sistema de significação de um povo, por ser o elemento mediador dos indivíduos e destes com o mundo exterior e interior. A língua é, portanto, o meio de transmissão de conhecimentos e valores e é através dela, que poderemos compreender o mundo. Partilhar a língua é partilhar toda uma tradição, e de todas as suas referências.

Claro que temos a clareza que a maioria das informações aqui registradas foram forjadas e ainda estão impregnadas de um discurso oficial e, portanto, ouvintista. Considerando que muito destes acervos pesquisados continuam

impregnados de uma relação colonialista e de difícil separação é necessário o “alerta e a preocupação” de assegurar o olhar atento e aberto, para que sempre que for possível, tenhamos o cuidado de garantir o repasse das informações, de modo a destacar a presença do sujeito surdo, enquanto protagonista desta história.

Dentro de um processo de mediação sobre a interação de um universo ouvinte com o mundo surdo, e na defesa do direito que os surdos possam acessar de modo pleno a sua língua natural, passaremos a destacar alguns elementos do processo e do percurso histórico de aquisição da linguagem, em especial das **Línguas de Sinais (LS)**, para as pessoas com surdez.

Pela literatura consultada FONTE (2005); LACERDA (2008); LANE (1992); LONGMAN (2007); SÁ (2002); SKLIAR (1998); SUVAG (2009); SOUZA (2009) STROBEL (2008); THOMA (2006), e por diversas informações ofertadas por outros autores, que compuseram a bibliografia do nosso curso de especialização. Foi deste modo que construímos uma versão, sobre o até então resgate histórico, da narração do povo surdo.

Algumas informações aqui apresentadas foram mencionadas, por mais de um autor (a), como também identificamos em outras, não tão mencionadas, mas quede certo modo nos pareceram detalhes enriquecedores, que foram acrescidas para a composição do quadro de análise que nos propomos. Procuramos, pois apresentar estes dados em forma de tópicos, que tentassem contemplar / seguir minimamente, uma ordem cronológica. Mas é de suma importância a delimitação do marco abaixo:

A primeira caracterização de uma língua de sinais usada entre pessoas surdas se encontra nos escritos do abade De L' Epée. Muito tempo se passou até que o interesse pelo estudo das línguas de sinais de um ponto de vista lingüístico fosse despertado novamente, o que ocorreu nos anos 60 com os estudos de Willian Stokoe (1978). (LACERDA, 2008: p 05).

Os outros indícios colhidos apontam que:

- A visão predominante tanto na Antiguidade, quanto por quase toda a Idade Média, era a de que, os surdos não fossem educáveis. Portanto, não seriam

peessoas que pudessem receber instrução e adquirir conhecimentos, para assegurar a convivência com os demais.

- É só no início do século XVI que se começa a admitir que os surdos possam aprender através de procedimentos pedagógicos. Nessa época era freqüente manter em segredo o modo como se conduzia a educação dos surdos. Cada pedagogo trabalhava autonomamente e não era comum a troca de experiências.

- A figura do preceptor era muito freqüente em tal contexto educacional, famílias nobres e influentes que tinham um filho surdo, contratavam os serviços de professores/preceptores, para que ele não ficasse privado da fala e conseqüentemente dos direitos legais. Pois, no caso em questão, as heranças eram subtraídas daqueles que não tinham o domínio da fala. Os surdos que podiam se beneficiar do trabalho desses professores eram poucos e somente aqueles pertencentes às famílias abastadas poderiam dispor de tal acesso.

- O espanhol Pedro Ponce de Leon (1520 – 1584) é, em geral, reconhecido nos trabalhos de caráter histórico, como o primeiro professor de surdos. As práticas de então, procuravam desenvolver tanto a fala, quanto à escrita. Os alfabetos digitais eram amplamente utilizados. Eles eram inventados pelos próprios professores, porque se argumentava que se o surdo não podia ouvir a língua falada, então, ele podia lê-la com os olhos. Falava-se da capacidade do surdo em correlacionar as palavras escritas com os conceitos diretamente, sem necessitar da fala. Muitos professores de surdos iniciavam o ensinamento de seus alunos através da leitura-escrita e, partindo destas, instrumentalizavam-se diferentes técnicas, para desenvolver outras habilidades tais como leitura labial e articulação das palavras.

- A partir desse período, podem ser distinguir nas propostas educacionais vigentes, iniciativas antecedeem do que hoje chamamos de "oralismo", e outras iniciativas, que antecedeem ao que chamamos de "gestualismo".

- É no século XVIII que surge um conflito que separaria irreconciliavelmente, oralistas de gestualistas. Os primeiros exigiam que os surdos se reabilitassem na fala e que superassem sua surdez, de certo modo, que se comportasse como se não fossem surdos.

- Os proponentes dos oralistas eram menos tolerantes, e pretendiam reprimir tudo o que fizesse recordar que os surdos não poderiam falar como os ouvintes. Impuseram a oralização para que os surdos fossem aceitos socialmente. Nesse processo, deixava a imensa maioria dos surdos de fora de toda a possibilidade educativa, de toda a possibilidade de desenvolvimento pessoal e de integração na sociedade, obrigando-os a se organizarem de forma quase clandestina.
- Já os gestualistas eram mais tolerantes e foram capazes de ver que os surdos desenvolviam uma linguagem que, ainda que diferente da oral fosse possível e eficaz para a comunicação. Deste modo, lhes abria as portas para o conhecimento da cultura, incluindo aquele dirigido para a língua oral.
- Existe um consenso geral na literatura consultada, quanto ao se afirmar que temos como marco histórico, dentro de uma abordagem gestualista e ligado ao "método francês" de educação de surdos, o abade Charles M. De L'Epée (1712 – 1789), como sendo o primeiro a estudar uma língua de sinais usada por surdos, com atenção para suas características lingüísticas. Deve-se, portanto a L' Epée ³⁵, o reconhecimento a partir da observação de grupos de surdos, a constatação de que estes desenvolviam um tipo de comunicação, apoiada no canal viso-gestual e que a mesma era muito satisfatória.
- É atribuído a L'Epée, a criação, em 1775, de uma escola, a primeira em seu gênero com aulas coletivas, onde professores e alunos usavam os chamados sinais metódicos. Bem como a divulgação de seus trabalhos em reuniões periódicas e onde se propunha discutir seus resultados.
- Em 1776, L'Epée publicou um livro no qual divulgava suas técnicas. Neste faz menção que seus alunos manejavam bem a escrita, e muitos deles ocuparam mais tarde, o lugar de professores de outros surdos. Para ele a linguagem de sinais é concebida como a língua natural³⁶ dos surdos e como veículo adequado

³⁵ Sá (2002; p. 53), Coloca que por traz da figura de Charles de L'Eppé e seus sucessores, está o início das práticas de agrupamento de surdos em instituições. Portanto, a vigilância e administração dos surdos pelos ouvintes é algo marcante, a partir desta época.

³⁶ É possível também identificar através dos vários autores consultados, a referência quanto o fato da criação das escolas / internatos, permitir um processo de socialização dos surdos. Deste modo é justo pensar, que onde houvesse um grande número de surdos, mesmo sem qualquer atenção especial e que, provavelmente se estes vivessem agrupados, poderiam ter desenvolvido algum tipo de linguagem de sinais, através da qual interagissem em si. Sendo ainda destacado por

para desenvolver o pensamento e sua comunicação. Portanto, identificava a perspectiva de domínio de uma língua, oral ou gestual, como um instrumento para o sucesso de seus objetivos e não como um fim em si mesmo.

- Nasceu 1803 Ferdinand Berthier - Surdo, francês, intelectual. Foi professor de surdos e o seu método de ensino, tinha por base a identidade surda. Foi o fundador da primeira Associação de Surdos da qual se originaram outras no mundo todo. Recebeu o premio French Legion of Honor.

- Em 1815, Thomas H. Gallaudet, professor americano interessado na educação dos surdos, encontrou na França o abade De L'Epée, primeiro indivíduo a estudar a língua de sinais através da observação de um grupo de surdos que utilizava o método manual, o qual foi utilizado por ele, e em 1817, junto com Laurent Clerc, um dos melhores alunos de De L'Epée, fundou a primeira escola permanente para surdos nos EUA.

- No ano de 1864, Edward Gallaudet, o filho de Thomas Gallaudets, fundou a Universidade de Gallaudet em Washington. Ela é 1ª faculdade para Surdos no mundo 'National Deaf – M Gallaudet University

- Contudo, no dia 11 de setembro de 1880³⁷, foi realizada a assembléia final do II Congresso Internacional (06 a 11 de setembro), em Milão, que trouxe uma completa mudança nos rumos da educação de surdos. O congresso foi preparado por uma maioria oralista, com o firme propósito de dar força de lei às suas proposições, no que dizia respeito à surdez e à educação de surdos. Houve uma votação por 160 votos a favor de métodos orais na educação de surdos. Com exceção da delegação americana (cinco membros) e de um professor britânico, todos os participantes, em sua maioria com a participação de integrantes europeus e ouvintes, votaram por aclamação a aprovação do uso exclusivo e absoluto da metodologia oralista e a proscrição da linguagem de sinais.

Longman (2007, p. 18) que “ao que tudo indica, onde existe uma comunidade surda, desenvolve-se uma língua visual”.

³⁷ Essa data ainda é lembrada como a mais sinistra de sua história: como se fosse mesmo o '11 de setembro' deles quando desabaram as torres gêmeas da cultura e da língua de sinais, a do método misto e a do método manualista para educação dos surdos. Ali começou uma longa e amarga batalha para defender o direito de vida da língua de sinais.

- As decisões tomadas neste “Congresso de Milão” levaram a uma decisão que a linguagem gestual fosse praticamente banida, como forma de comunicação a ser utilizada por pessoas surdas no trabalho educacional. A única oposição clara feita ao oralismo foi apresentada por Gallaudet, que desenvolvendo nos Estados Unidos um trabalho baseado nos sinais metódicos do Abade dL'Epée discordava dos argumentos apresentados, reportando-se aos sucessos obtidos por seus alunos. Com este congresso termina uma época de convivência tolerada na educação dos surdos entre a linguagem falada e a gestual e, em particular, desaparece a figura do professor surdo que, até então, era freqüente. Era o professor surdo que na escola, intervinha na educação, de modo a ensinar/transmitir certo tipo de cultura e de informação através do canal viso - gestual e que, após o congresso, foi excluído das escolas.

O êxito das pedagogias gestualistas foi esquecido e se iniciava uma nova era na educação, com o oralismo e a afirmação das instituições filantrópicas [...]. Pode-se dizer que as pedagogias, até então mesmo as que priorizavam o ensino da fala, não tinham o caráter da surdez como patologia [...]. Uma nova ideologia pedagógica foi construída na união com a medicina. (LONGMAN; 2007: p. 56).

- Até o início dos anos 50, nada de realmente importante aconteceu em relação ao oralismo. Contudo, com as novas descobertas técnicas e a possibilidade de se “protetizar”³⁸ crianças surdas muito pequenas, fez com que um novo e forte impulso para a educação voltada para a vocalização (fala) retomasse o seu status, anterior de hegemonia.

- Contudo, na década de 1960, começaram a surgir estudos sobre as línguas de sinais³⁹ utilizadas pelas comunidades surdas. Apesar da proibição dos oralistas no uso de gestos e sinais, raramente se encontrava uma escola ou instituição para surdos, que não tivesse desenvolvido às margens do sistema, um modo próprio de comunicação através dos sinais.

³⁸ Essa tendência existe ainda hoje, mesmo que diminuta, tanto no aspecto dos aparelhos externos, mas com grande aceitação dos aparelhos internos (**Implantes Cocleares** - caracterizam-se como próteses computadorizadas inseridas cirurgicamente na cóclea). Este último também apresenta uma unidade externa e há vários cuidados devem ser observados permanentemente, de modo que chegam a limitar as atividades cotidianas das pessoas.

³⁹ Ver importância histórica deste reconhecimento, pela comunidade científica a partir de Stokoe.

- O descontentamento devido ao fracasso com o Oralismo e com o surgimento das pesquisas sobre línguas de sinais⁴⁰ deram origem a novas propostas pedagógico-educacionais, em relação à educação da pessoa surda. Essa tendência que ganhou impulso nos anos 70 foi chamada de Comunicação Total⁴¹, nesta prática utilizava - se sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital. Frente ao Oralismo de até então, a Comunicação Total favoreceu aos surdos, permitiu o contato com os sinais, que antes eram proibidos.

- A partir deste novo cenário tivemos a concepção da “educação bilíngüe”⁴², onde se preconiza o acesso da língua natural LS e da língua majoritária na forma escrita.

- Em 1974 foi inventado o sistema conhecido como *Sign Writing*, criado pela Valerie Sutton. Valerie criou na realidade um sistema para escrever danças, e despertou a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa, que estavam procurando uma forma de escrever os sinais. Portanto, é na Dinamarca que foi registrada a primeira página, de uma longa história, o da criação de um sistema de escrita de línguas de sinais. Este instrumento só foi possível através da utilização do computador. Tal possibilidade tecnológica fez com que o *Sign Writing* se tornar muito mais popular nos Estados Unidos.

- Hoje em dia, o sistema de escrita de sinais não tem mais a mesma forma que do sistema criado em 1974. E no ano de 1996, a PUC do RS em Porto Alegre através do Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa descobriu o *Sign Writing*, enquanto sistema escrito de sinais, usado através do computador. A partir disso, *Sign Writing* começou a tomar forma no Brasil, o próprio Dr. Rocha formou um grupo

⁴⁰ Stokoe, lingüística que afirma ou entende ser essa língua um produto, que atende a todos os critérios para seu reconhecimento no campo científico como: sintaxe, léxico, capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

⁴¹ A Comunicação Total foi desenvolvida em meados de 1960, após do fracasso de Oralismo puro em muitos sujeitos surdos, começaram a ponderar em juntar o oralismo com a língua de sinais simultaneamente como uma alternativa de comunicação.

⁴² Educação bilíngüe implica na utilização de duas línguas em espaços diferentes dentro da escola. Há vários tipos de bilingüismo e cabe ressaltar que todas as discussões sobre educação bilíngüe, no mundo estão impregnadas de questões políticas, sociais e culturais. Em uma abordagem bilíngüe pressupõem que o aprendizado de língua de sinais seja oferecido aos surdos em situações significativas, como jogos, brincadeiras e narrativas de histórias, mediante a interação com outros surdos e surdos adultos competentes em língua de sinais. (BOTELHO, 2002. p. 122)

de trabalho, envolvendo especialmente a Prof^a. Marianne Stumpf e a Prof. Marcia Borba.

- Entre 20 e 28 de julho de 1987, a Federação Mundial de Surdos organizou um encontro internacional na Finlândia. Teve como deliberação a defesa de que cada criança ter o direito, de utilizar livremente a língua de sinais de seu país.

- Nos EUA, em 09 de março de 1988, realização de protesto Gallaudet da 1^a greve – reivindicação de reitor surdo. Sendo eleito King Jordan 1^o reitor surdo.

- Em 1991 foi realizada em Boston – EUA, uma conferência sobre a coordenação da Cochlear Corporation, com o objetivo de promover os implantes em criança. Na ocasião um dos conferencistas foi abordado por um líder de uma organização de surdos, onde o mesmo lhe perguntou até que ponto a equipe que faz os implantes informava aos pais das crianças candidatas sobre as alternativas possíveis e sobre as comunidades dos surdos e da língua de sinais. Sendo prontamente respondido com franqueza, que eles (os defensores de tal procedimento) só tinham a preocupação de apresentar o assunto sob o seu ponto de vista (LANE, 1992 p. 38), demonstrando a compreensão que não seria deles, o papel de ofertarem alternativa.

5.2 PRINCIPAIS MARCOS LEGAIS NO BRASIL QUANTO AO ATENDIMENTO DA SURDEZ E DA LIBRAS

- No Brasil, em 1835, o deputado Cornélio França chegou a apresentar um projeto e que logo foi arquivado, onde propunha a criação do cargo de professor para ensino dos surdos-mudos, no Rio de Janeiro e demais províncias, mas esses atendimentos, de fato só veio há ocorrer 22 anos depois.

- Em 1855, chegou um professor francês surdo, Ernest Huet ⁴³, que com a aprovação do Imperador D. Pedro II ⁴⁴, conseguiu fundar a primeira escola

⁴³ Eduard Huet nasceu em Paris, França, no ano de 1822. Aos doze anos ficou surdo em consequência de sarampo

brasileira de surdos no Rio de Janeiro, em 26 de setembro de 1857 e que ficou respondendo pela direção até o ano de 1861. Assim, foi criado o Imperial Instituto de Surdos-Mudos que começou suas atividades em uma sala do Colégio Wassiman (centro da cidade do Rio de Janeiro), atendendo duas crianças surdas. O atendimento deste Instituto priorizou a educação oralista durante um longo período, por acreditar que era inútil tentar ensinar os surdos a escrever, já que o analfabetismo era condição da maioria da população brasileira. Por isso, a fala era o único modo pelo qual os surdos/as poderiam integrar-se na sociedade e no mercado de trabalho.

- Em 1923, foi fundado o Instituto Santa Terezinha, escola particular, em São Paulo, somente para o atendimento de meninas surdas.

- Verificou-se que mesmo existindo um interesse governamental de início para o atendimento de pessoas com surdez, posteriormente este atendimento ficou restrito a instituições filantrópicas e particulares. Atuação essa, que não visava assegurar e definir um currículo mínimo, para estes espaços de atendimento.

- No dia 22 de setembro de 1952, Dom Justino José de Sant'ana, bispo diocesano de Juiz de Fora, conferiu a ordem sacerdotal ao Diácono Vicente de Paulo Penido Burnier, sendo ele o segundo padre surdo, da Igreja Católica. O primeiro do mundo foi um francês: **padre Jean de La Fonta**, em 1921.

- Em 1957, o Instituto Nacional de Surdos Mudos passou a denominar de Instituto Nacional de Educação de Surdos, pela Lei 3.198 de 06 de julho de 1957. E foi neste mesmo ano que o governo federal assumiu a educação especial, transformando-a em um órgão especial, e a partir de então implantou uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961, objetivando a regulamentação da educação dos “excepcionais”⁴⁵ no sistema geral de ensino tanto nas escolas públicas, como nas associações não governamentais. Um dos artigos da lei incluía a “integração” das pessoas portadoras de deficiência na comunidade, assegurando-lhes o direito de receber educação.

⁴⁴ Existem várias referências históricas que cita a condição do Conde d'Eu (Gastão de Orléans genro de D. Pedro II, esposo da Princesa Isabel), como sendo surdo, conforme Karin Strobel, História dos Surdos: Representações 'Mascaradas' das Identidades Surdas -2009

⁴⁵ A palavra era denominação para todas as pessoas portadoras de deficiência.

- Em 1973, com a criação do CENESP - Centro Nacional de Educação Especial, o governo deu mais atenção à educação de surdos, este trabalho antes era delegado às ONGs
- Em 16 de maio de 1987, em assembléia presidida por Ana Regina Souza Campelo foi marcada a data de fundação da Federação Nacional de Integração de Surdos FENEIS. Nesta assembléia estiveram presentes representantes de associações de surdos de vários estados brasileiros, dando legitimidade ao grupo que assumia a entidade.
- Nesta mesma assembléia é aprovada a extinção da Federação Nacional de Educação e Integração de Deficiente Auditivo – FENEIDA⁴⁶, marcando mudança de perspectiva, ou de representação discursiva, a respeito de si próprios: ao alterarem a denominação “deficientes auditivos”, impressa na sigla FENEIDA, para “Surdos”, contemplada na concepção da FENEIS.
- A partir de 1980, com o resultado das pesquisas da professora de Lingüística Lucinda Ferreira Brito, sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), começa a ganhar força no país a filosofia do Bilingüismo⁴⁷.
- No ano de 1999 é realizado V Congresso Latino - americano de Educação Bilíngüe para Surdos, realizado em Porto Alegre, **“A Educação que nós surdos queremos”**, mostrou vários tópicos importantes relativos à educação de surdos, dentre eles: propor o fim da política de inclusão-integração escolar, pois ela trata o surdo, como deficiente e, por outro lado, leva ao fechamento de escolas de surdos e/ou ao abandono do processo educacional pelo aluno surdo.
- Dentro do arcabouço legal brasileiro temos a **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002 (anexo)**, que reconheceu como meio legal de comunicação e expressão a

⁴⁶ Composta por pessoas ouvintes. Segundo Souza (1998:91), nesta ocasião os Surdos deixaram claro, que recusavam o atributo estereotipado, que normalmente os ouvintes, ainda lhes conferem, isto é, o de serem “deficientes”.

⁴⁷ Educação bilíngüe para surdos pode ser definida como “uma oposição aos discursos e as práticas clínicas hegemônicas – características da educação e da escolarização dos surdos nas últimas décadas – e como um reconhecimento político da surdez como diferença” (LOPES, 2007 p. 67). Esta autora acrescenta que no caso dos surdos, viver numa condição bilíngüe implica viver concomitantemente numa condição bi-cultural. E que no bilingüismo a língua de sinais, por ser a primeira língua dos surdos, deve ser aprendida o mais cedo possível. No caso do Brasil o português como língua majoritária deve ser ensinada, de preferência em sua modalidade escrita, como segunda língua a ser aprendida.

Língua Brasileira de Sinais - Libras⁴⁸ e seu **Decreto n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005**, que regulamenta a **Lei de 2002**⁴⁹, com todas suas implicações práticas para a efetivação de implantação das referidas medidas.

- Implantação em 2002 do Curso de Pedagogia para Surdos, na Universidade Federal de Santa Catarina.

- É lançada em maio de 2004, no CINE-PE Festival de Áudio-Visual, na cidade de Recife, apoio a campanha pela legenda em filmes nacionais. Iniciativa que contou a participação / reivindicação de Marcelo de Carvalho Pedrosa.

- Em 2005, Marianne Stumpf (surda), professora na área de computação na Escola Especial Concórdia. Concluiu a sua tese⁵⁰ em sistema de escrita de línguas de sinais *Sign Writing* e agora no Brasil este sistema é conhecido como ELS “Escrita em Língua de Sinais”.

- No ano de 2006, em Curitiba houve a ordenação do segundo padre surdo do Brasil, Wilson Czaia. A ordenação foi oficializada pelas mãos do arcebispo D. Moacyr Vitti, aconteceu na Igreja São Francisco de Paula.

É bom que se registre que tudo não virou “um mar de rosas”, e que a regulamentação de algumas conquistas apontadas anteriormente, no plano legal não se deu sem grandes pressões e nem da noite para o dia.

5.3 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO SURDO EM PERNAMBUCO

- A História do Movimento Surdo em Pernambuco⁵¹ tem como marco o dia 15 de abril 1952, quando Monsenhor José Ayrton Guedes fundou a 1ª Escola para

⁴⁸ Faz com que seja exigida a presença de intérpretes de língua de sinais em diferentes contextos sociais, educacionais e políticos.

⁴⁹ Requer a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular para curso de fonologia; curso normal e de pedagogia; criação do profissional instrutores de LIBRAS

⁵⁰ Conclusão de tese de Marianne Stumpf (STROBEL; 2008 p.48)

⁵¹ Informações que foram cedidas pela Profª Norma Abreu e Lima Maciel de Lemos Vasconcelos que integrava até 2007, o corpo docente do **CURSO TÉCNICO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS - TRADUTOR/ INTÉRPRETE DE LIBRAS**, que funciona na Escola Almirante Soares Dutra.

Surdos no nosso estado, trata-se do INSTITUTO DOMINGOS SÁVIO que ficava localizado na Avenida Conde da Boa Vista e recebia alunos de vários estados da federação.

- No ano de 1961 é fundada a APAE (Associação de Pais e Amigos Excepcionais), localizada em Casa Amarela, cujo objetivo era o de atender a pessoas Surdas, cegas ou com deficiência mental.

- Na década de 70 (setenta) foi criado o CENTRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO, sendo a prioridade deste o diagnóstico e tratamento de pessoas excepcionais.

- No ano de 1976 é fundado o Centro SUVAG de Pernambuco, instituição que por dez anos, trabalhou na perspectiva de oralizar crianças surdas, mas que em 1993 adotou como metodologia o bilingüismo, e que tem a LIBRAS, como mediadora do processo de ensino aprendizagem.

- Em 1980, teve início as primeiras reuniões cujo objetivo e a Fundação da Pastoral de Surdos, vindo a acontecer em 1994⁵². Estas primeiras reuniões eram realizadas em Brasília Teimosa, que mantinha ligação com a Escola Domingos Sávio, com a FCD (Fraternidade Cristãs de Doentes e Deficientes), e com a Escola Nossa Senhora de Lourdes, segundo relatório da Conferência Municipal de Educação de Surdos - COMUDES.

- A comunidade surda, cada vez mais forte, caminhou para 17 de maio de 1985, e num esforço conjunto, fundou a Associação de Surdos de Pernambuco - ASSPE, tendo como um dos primeiros presidentes Gilmar Lopes, surdo, historicamente conhecido e saudosamente lembrado. A sede funcionou provisoriamente na Rua Conceição, nº 200. Depois foi comprada uma casa em Beberibe, com dinheiro arrecadado por doação, pela Irmã Virgínia, através de sua comunidade católica norte - americana.

⁵² Fizemos ainda pesquisa, através do artigo HISTORIA DOS SURDOS EM PERNAMBUCO... (publicado em versão provisória) pelos estudantes do Curso de Extensão promovido pelo SUVAG em 2006

- Em 1988 ocorre no Recife, o 1º Curso de LIBRAS promovido por Liliane Longman⁵³. Os professores deste curso foram oriundos da Escola Concórdia de Porto Alegre.
- Até a década de 90, a população surda do Recife era atendida em instituições filantrópicas, através de convênio firmado com a Secretaria Municipal e Estadual de Educação, cuja responsabilidade se efetivava na cessão de professores à instituição. Somente nos primeiros anos da década de 90, a população de alunos surdos e os seus respectivos professores passaram a ocupar fisicamente, as dependências de uma escola da rede municipal de ensino. (FONTE. 2005).
- Em 1999, os surdos conquistaram o direito ao transporte gratuito nos ônibus da região metropolitana do Recife, o que facilitaria seu deslocamento para as escolas.
- No ano de 2002, a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS inaugurou seu Escritório Regional em Recife. Já 2003, o primeiro grupo de alunos (as) surdos (as) que ingressaram no curso de pedagogia, são dez estudantes que chegaram para Faculdade de Ciências Humanas de Olinda - FACHO. No ano seguinte, mais doze pessoas surdas passam no vestibular, provando com isso que o Surdo é capaz, desde que lhe seja dada, as oportunidades.
- Já no ano de 2005, em Pernambuco foi aprovado por unanimidade dos votos dos parlamentares e publicado o Projeto de Lei o Projeto de Lei Nº 812/04, instituindo as funções de professores intérpretes e instrutores da Língua Brasileira de Sinais. Em março de 2006, abrem as inscrições para o concurso público da Secretaria de Educação e Cultura cujo objetivo era o preenchimento de 50 vagas na área de educação especial, sendo cinco para o cargo de professor intérprete de Libras de nível superior, 20 para o cargo de professor intérprete de Libras de nível médio, 13 para o cargo de professor instrutor de LIBRAS de nível médio, distribuídas nas escolas da capital e do interior.

⁵³ Participou da Diretoria de Educação Especial da SEE - PE. E é atual coordenadora do Curso de Especialização de Cultura Surda, promovido pelo Centro SUVAG de Pernambuco e pela Faculdade Santa Helena e autora do livro Memórias de Surdos; Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Editora Massangana, 2007.

- Em 2007 – Iniciação do Primeiro curso de FotoLibras (fevereiro a setembro 2007), apoiado pela FENEIS e também do curso de Especialização Estudos Surdos: Diferença e Cultura, em Pernambuco, apoiado pelo SUVAG e SEE-PE.
- Já em 2008 e 2009 a EGBL promoveu palestras, sobre a Cultura e Identidade Surda, ministrada por Rafael Ferraz⁵⁴.

⁵⁴ Ver Anexo A. Fotos nº 10 e 11

III PARTE

ASPECTOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

VI CAPÍTULO

6 DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Segundo Minayo (2003, p.103), Bourdieu considera que a comunicação verbal⁵⁵ é inseparável de outras formas de comunicação, portanto, as informações sobre as condutas da vida cotidiana se prestam a decifração de uma realidade objetiva.

A colocação acima aponta para nós, a possibilidade de utilizar como objeto válido em um estudo, o conteúdo das “falas”. Assim a montagem das possíveis RS, a partir dos conteúdos revelados pelas entrevistas, enquanto técnica de apreensão do objeto de investigação, deste trabalho monográfico, faz com que seja exteriorizado através dessas entrevistas, esse “dizer”, como possibilidade de fazer aparecer algo que permanece ou permaneceu escondido e precisa ser demonstrado, para que possamos modificar as relações ocultas entre o mundo surdo e ouvinte.

O processo de investigação instalado, segundo Bourdieu, permite que:

Cada agente, ainda que não saiba ou não queira é produtor e reproduzidor do sentido objetivo, porque suas ações são produtos de um modo de agir do qual ele não é produtor imediato, nem tem o domínio completo. (BOURDIEU apud, MINAYO 2003; p. 104).

Assim a citação apontada pelo o autor, consubstancia um jeito de desvendar o que tem por trás das principais compreensões traduzidas em “verdades”, quanto à visão da surdez e da representação da LIBRAS, como ferramentas de acessibilidade, para os filhos (as) dos pais e mães investigados, pela a pesquisa coletiva.

Esta, portanto, foi sem dúvida a nossa principal técnica de apreensão da realidade e da qual acreditamos que trouxe e / ou provocou efeitos, quanto ao teor do que foi investigado. Pois neste “fazer”, é tomada a condição de considerar o papel ativo do entrevistado (a) para alterar essa realidade, a partir da possibilidade da oferta de outras informações, que possibilitem o estabelecimento de novas conexões que se contrapõem a um modelo predominante.

⁵⁵ O mesmo que troca de significados dentro de uma linguagem, por aproximação e interação social.

6.1 ASPECTOS RELEVANTES, GERAIS E OPERACIONAIS DA PESQUISA

Como colocamos anteriormente, a análise aqui produzida advém do processo de investigação construído a partir da pesquisa FIGURAÇÕES CULTURAIS: SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE ⁵⁶. Em que podemos destacar três momentos, distintos e bastante ricos: o de preparação, de aplicação e o da apuração. Sendo que no período de julho a setembro 2008, tivemos a construção do instrumental; posteriormente, de outubro a dezembro de 2008, o momento de aplicação. Já de fevereiro a abril de 2009, foi organizado o processo de tabulação dos dados.

A referida pesquisa foi desenvolvida pelo coletivo dos professores (as) e alunos (as), do curso de pós - graduação em Estudos Surdos, promovido pela Faculdade Santa Helena, Centro Suvag de Pernambuco em parceria com a Secretaria de Educação de Pernambuco. A sua realização surgiu diante do escasso material / dados, atualizados sobre a comunidade surda local.

É válido destacar que foi atendida a recomendação de inscrição para a provação pelo Comitê de Ética e Pesquisa, conforme resolução 196 /96 MS, que define as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, mediante aplicação de Termo de Livre Consentimento (TLC), e com registro no Conselho de Ética e Pesquisa - CEP/ CCS/ UFPE, sob o nº 319/08.

⁵⁶ Os estudantes / pesquisadores (as) participaram de um processo de formação / treinamento, a partir da disciplina de metodologia III e IV. A formação teve tanto um caráter investigativo quanto pedagógico. A perspectiva metodológica adotada na construção e aplicação da pesquisa teve como suporte o texto Compreender (1997. 693-732) de Pierre Bourdieu. Nessa perspectiva a formação desenvolveu a construção de elaboração do instrumento dentro de um conhecimento praxiológico, onde o pesquisador deve está atento ao seu próprio ponto de vista, onde a compreensão do social escape tanto do objetivismo, quanto do subjetivismo Neste texto o autor reconhece que essa ruptura não é fácil, pois os pesquisadores em ciências sociais participam diretamente de um determinado mundo social (grupo ou classe), estando envolvidos por uma determinada linguagem, por conceitos e valores comuns da vida cotidiana.

6.1.1 ELEMENTOS E PROCEDIMENTOS GERAIS DO PROCESSO INVESTIGATIVO

O instrumental foi elaborado de modo coletivo, procurando abranger diversas áreas de interesses dos estudantes / pesquisadores (as), na tentativa de apreender a realidade educacional, social política cultural e econômica dos surdos, principalmente dos que freqüentam a rede pública estadual de ensino. Servindo como fonte de investigação, para futuros trabalhos monográficos, nesta área.

No processo investigativo da pesquisa coletiva foi tomado como universo: estudantes / surdos (as); pais (mães e pais) e professores (as) que tem um trabalho desenvolvido junto a pessoas com surdez.

Os indivíduos surdos que estão inseridos na amostra foram selecionados, de quatro escolas da rede estadual de educação de Pernambuco (Escola Governador Barbosa Lima; Rochael de Medeiros; Dom Vital; Lauro Diniz) e pelo Centro Suvag de Pernambuco, uma ONG, que tem um histórico institucional, voltado a questões da surdez de longa data. As unidades de ensino selecionadas têm entre si, como ponto em comum, o fato de serem unidades educacionais, localizadas na cidade do Recife e possuem pessoas surdas matriculadas.

No conjunto deste universo de estudantes surdos foram tomados os que estavam inseridos na rede estadual de ensino, na ocasião o total deste universo, correspondia de 846 alunos.⁵⁷ Também registramos que ainda, compuseram este público, oito estudantes universitários surdos, de diversas faculdades situadas no Grande Recife.

Já quanto ao total da amostra dos segmentos investigados pela Pesquisa Coletiva, podemos dizer que foram distribuídos da seguinte forma: Estudantes 63; pais 49; professores 28; totalizando 139 indivíduos. Todos escolhidos de modo aleatório, por cada uma das coordenações das unidades selecionadas; tendo-se em principio a adoção do critério por representação por nível de escolaridade⁵⁸ e por sexo. Contudo, este último requisito foi bastante prejudicado, na sua

⁵⁷ Dados do censo escolar de 2006 /SEE-PE, citado no pré-projeto da pesquisa coletiva – julho 2008.

contemplação, uma vez que devido ao caráter de liberdade de escolha (adesão espontânea), vários dos entrevistados (as) selecionados (as) no primeiro momento, e que não concordaram em participar tiveram que ser substituídos. Diante da dificuldade foi adotado outros mecanismos (critério) de participação, onde foi flexibilizada a cota relativa a distribuição equitativa de pessoas do sexo masculino e feminino (percentual relativo para cada unidade escolar) de exigência, já que esta, não era prerrogativa essencial para o trabalho.

Em relação aos questionários da pesquisa aplicados para cada um dos segmentos investigados, tivemos questões comuns de caráter geral e outras de caráter mais específico de acordo com a relação de interação, que cada pesquisado (a) tinha com a questão da surdez. Sendo definido como público: o próprio surdo / a; pai ou mãe de pessoa com surdez e pessoas de relação profissional educativa, com pessoas surdas.

Dentro da metodologia de investigação, podemos enumerar que o instrumento da pesquisa coletiva (questionários de entrevistas), foi composto por perguntas em sua maioria por questões fechadas e às vezes excludentes com duas ou múltiplas alternativas. E por outras questões, que permitiam mais de uma opção. Além de contar com questões mistas, fechadas em sua primeira indagação, mais comportando um complemento de livre escolha, da pessoa entrevistada.

Na aplicação da pesquisa tivemos a figura do entrevistador direto e da figura de outra pessoa, que produzisse um relatório de observação. Este último com a tarefa de identificar e registrar as principais reações ou acréscimos qualitativos, sobre o conteúdo ou condições que viessem a interferir no processo de coleta dos dados.

Outra observação relevante, a nosso ver, no processo de construção da aplicação da pesquisa deve-se a inclusão da figura do pesquisador / coordenador, que desenvolveu uma ação de estabelecer o contato entre os entrevistados (as) e pesquisador (a) / entrevistador (a) em cada uma das unidades de ensino contempladas. Portanto, de articulador do processo de pesquisa em cada um

⁵⁸ O nível de escolaridade aqui é tomado a partir da localização / inserção do surdo ou da surda, no sistema de ensino das respectivas unidades de escolares.

destes locais de pesquisa. Tendo-se como critério de que o mesmo (a), não fosse integrante do grupo de pesquisadores / aplicadores, da unidade educacional em que atuava, visando assegurar o mínimo de interferência ao processo de coleta de dados⁵⁹.

É interessante registrar que parte do processo de tabulação dos dados também foi realizado pelo coletivo, em exercício inédito, tendo em vista que vários dos estudantes / pesquisadores, nunca tinham desenvolvido tal processo de apuração.

6. 2 PARTICULARIDADES DO UNIVERSO / AMOSTRA DO SEGMENTO DE PAIS E MÃES DA EGBL, TOMADOS COMO REFERENCIAL NO PROCESSO DE ANÁLISE

Quanto ao processo de escolha para a nossa investigação particular, esclarecemos que:

- Consideramos as respostas das entrevistas aplicadas aos que compõem segmento pais (mães e pais) de alunos (as) surdos (as), circunscritos na realidade da Escola Governador Barbosa Lima.

- Para o desenvolvimento da proposta, trabalharmos com algumas questões específicas e não com o teor completo da entrevista elaborada⁶⁰. Registramos que no segmento da entrevista dos pais e mães, tivemos uma entrevista composta por 165 questões. Sendo que deste total, tomamos como objeto de análise, o conteúdo de 53 questões, que posteriormente foram agrupadas para que pudéssemos evidenciar com maior clareza os conteúdos presentes acerca da surdez e do instrumento lingüístico a LIBRAS.

⁵⁹ Bourdieu (1997; p. 693-694) considera que o espaço de produção da ciência - o campo científico - é um campo social como outro qualquer, cheio de relações de força, disputas e estratégias que visam beneficiar interesses específicos dos participantes deste campo.

⁶⁰ Ver Anexo B (p.102 – 106). Apresentamos alguns gráficos de questões consideradas relevantes e também a listagem das questões avaliadas neste estudo específico.

- No exercício de capturar o conteúdo, para a reflexão aqui apresentada também agrupamos as 53 questões⁶¹ e suas respectivas respostas em outras 13 subdivisões, organizadas em quadros temáticos, que permitissem verificar a existência de elementos periféricos e centrais das possíveis representações sociais, que evocassem as compreensões sobre a surdez e sobre a LIBRAS, colocadas e identificadas pelo questionário aplicado.

Neste exercício de conectar os possíveis significados, procurou-se relacionar e interpretar seus conteúdos, à luz do referencial teórico, onde tentamos distinguir os elementos presentes tanto em sua diversidade, quanto nas possíveis contradições existentes, nas questões e nas suas respostas. Por isso, tentamos colher nas “falas” dos participantes (pais / mães), as representações que os mesmos, têm ou fazem sobre a surdez e principalmente sobre a LIBRAS, como ferramenta de comunicação do universo surdo.

É pertinente ainda, esclarecer que estes itens ou questões, que foram tomados da pesquisa coletiva, além de serem definidos e categorizados, dentro de parâmetros definidos segundo avaliação identificada pela leitura crítica do pesquisador (a), que considerou a perspectiva dos pais e mães foram socializados em uma cultura ouvinte, mas que, ao se depararem em uma situação que até bem pouco tempo não vivenciavam, passam a ser são “orientados” a buscar apoio, no sentido de oralizar os seus / suas filhas. Portanto, sem lhes ser ofertada, uma visão / alternativa fora o modelo clínico / patológico e da deficiência, para conviverem com essa nova realidade.

6. 2. 1 O DIÁLOGO DAS QUESTÕES E RESPOSTAS DE UMA INVESTIGAÇÃO

O que nos interessa saber mais diretamente? Qual o perfil social destes pais e mães? Quais as suas percepções acerca da surdez? Qual o impacto da surdez nas relações dos familiares de pessoas surdas? E o impacto de suas interações com a língua “falada” e utilizada pelos surdos, tendo como elemento de ligação a LIBRAS? Os pais e as mães atribuem importância para vida dos seus filhos /

⁶¹ Ver em Anexo C (p. 107 – 118) o grupo de questões e suas respectivas respostas, recortadas da Fonte: Pesquisa Figurações Culturais: Surdos na contemporaneidade. Totalização Questionários de Pais SUVAG. 2009.

filhas, as manifestações da cultura surda? Qual a importância do instrumento lingüístico da LIBRAS? De quem é a atribuição em assegurar tal conquista /ou competência lingüística aos surdos?

IV - PARTE:

O QUE DIZEM OS NÚMEROS?

RESULTADOS DE UMA PESQUISA COLETIVA E A ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ E A LIBRAS

VII CAPÍTULO

7 COMO EVIDENCIAR E CONSTRUIR UMA COMPREENSÃO APROXIMATIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS “OUVIDAS”, ATRAVÉS DO DADO NUMÉRICO?

Ao construir uma imagem aproximada das possibilidades de leituras, que foram externadas pelos pais e mães de surdos (as) da EGBL e do que nos foi possível alcançar pelos dados da pesquisa coletiva, acreditamos ser possível, através deles, atingir ou evidenciar aspectos sutis e presentes, na vida dos pais e mães de surdos (as) de modo geral.

Claro que o que buscamos é muito mais do que números, por isso consideramos relevantes os conteúdos explicitados nas respostas, a cada uma das questões externadas por estes pais e mães. Também temos a convicção que tal exercício nos permitiu ampliar a reflexão sobre a realidade em que estão inseridos (as), e nos favoreceu a construção de uma reflexão no mínimo instigante.

Sabemos que a construção desta análise, exigirá de nós um esforço maior, para desenvolver a reflexão proposta, tendo em vista que o instrumento de investigação⁶² utilizado apresenta, a nosso ver, “certa limitação” para visualizarmos o conteúdo subjetivo das representações sociais, simplesmente pela colocação dos números apresentados. Mas esperamos que num futuro próximo, possa esta tentativa vir a fomentar outros processos investigativos mais densos.

[...] nenhum método isolado, por diversificado que possa ser o seu conjunto de técnicas, permite recuperar integralmente os dois aspectos fundamentais de uma representação social, ou seja, seu conteúdo e sua estrutura interna. (OLIVEIRA, 2005, p.87)

Uma abordagem plurimetodológica, segundo Oliveira (2005), pode apresentar-se como um caminho bastante rico, nas pesquisas e estudos que objetivam revelar mais do que um nível, dimensão ou processo de constituição de uma ou mais **Representações Sociais**, formadas e mobilizadas por uma dada população. No entanto a autora esclarece ser essa opção, nem sempre viável nas pesquisas de pós-graduação, nas quais o tempo é inimigo da perfeição

⁶² Ver Capítulo VI da Descrição da pesquisa.

metodológica, exigindo que o aluno (a) faça sucessivas escolhas, na busca da viabilidade do seu projeto de pesquisa, circunscrito pelo tempo que lhe é dado e pelos diferentes suportes de acesso à informação disponibilizada.

Outro elemento considerado relevante e disponibilizado na capturalização dos dados foi detectado, a partir da possibilidade de exposição do conteúdo de cada uma das questões e / ou alternativas, haja vista que a partir do novo, contido nas questões e / ou nas suas alternativas, acerca dos conteúdos investigados e ofertados para sua escolha, pelo instrumento de pesquisa, novas possibilidades de elaboração de conhecimento acerca da surdez e da LIBRAS, puderam ser reformuladas pelos então pais e mães entrevistados (as).

Quanto a este último aspecto, registramos que mesmo considerando sua precariedade, tomamos este movimento como relevante, para apreensão do objeto de análise, pois em alguns casos estes pais e mães passaram a considerar sua pertinência ou não, nas suas relações enquanto familiar de pessoa surda, diante do enfrentamento proposto pelo conteúdo da pesquisa. Portanto re-situar cada componente contido nas questões se faz necessário, para que possamos buscar mais que dados quantitativos, pois o “sentido” nasce do encontro e todo o processo de cognição é dialógico.

No desenvolvimento desta análise, faremos no primeiro momento um painel com o perfil básico de todos os pais e mães, que compuseram todo o universo pesquisado (ver Tabela 3) e posteriormente, nos deteremos apenas a comentários das respostas desse segmento social, cujos filhos e filhas estudam na EGBL.

Tabela 3 Universo dos PAIS E MÃES entrevistados (as) por escolas

CONDIÇÃO DOS ENTREVISTADOS	ESCOLAS					
	B. Lima	Lauro Diniz	Rochael Medeiros	SUVAG	Vidal de Negreiros	Total
Pai Surdo					1	1
Mãe surda						0
Pai Ouvinte	2	1	1	1	1	6
Mães Ouvintes	17	2	9	6	2	36
Total	19	3	10	7	4	43

Fonte: SUVAG 2009. Pesquisa Figurações Culturais: Surdos na contemporaneidade. Totalização Questionários de Pais.

Refletindo sobre a composição do grupo social em questão, algo bastante forte, aparece relativo aos nossos argumentos, sobre a importância dos familiares ouvintes, com filhos (as) surdos (as), ao defendermos a necessidade de procurarem se inserir no universo da língua de sinais. Considerando que dos 43 sujeitos deste segmento, só um deles é surdo; outras inferências poderiam ser destacadas, mas como já havíamos explicitado tomaremos como perspectiva de análise os pais e mães da escola EGBL, que em sua abrangência este / estas são constituídos em sua totalidade de pessoas ouvintes (19 como participantes).

7. 1 ELEMENTOS DE UMA PESQUISA COLETIVA, AMOSTRA DO SEGMENTO DOS PAIS E MÃES ENTREVISTADOS (AS) DA EGBL

Como já colocamos anteriormente, a população deste estudo está circunscrita a amostra selecionada e composta por pais e mães que têm filhos (as) surdos (as) que estudam na **EGBL**. Registramos que foram construídos alguns gráficos, para uma melhor visualização e que estão disponibilizados no anexo B, contudo:

- Na composição do grupo de entrevistados (as) dessa amostra selecionada, identificamos que a maioria era composta por 17 pessoas do sexo feminino,

correspondendo a 89%. Neste caso podemos concluir que a pesquisa corrobora, na existência de um consenso ainda bastante atual, e de que infelizmente, as questões ligadas à educação dos filhos são tarefas femininas. Apesar de se perceber um pequeno avanço na participação dos responsáveis masculinos, quando a presença destes de uma forma mais efetiva, na vida dos filhos (as).⁶³

- Quanto ao componente idade, verificamos que indica uma faixa de pessoas compreendidas entre 35 e 60 anos, existindo certa prevalência, entre pessoas na faixa dos 35 até 50 anos.

-Já em relação ao conteúdo relativo à auto – declaração quanto à cor / raça, constatamos que 14 pessoas, 74 %, assumiram-se enquanto integrantes do grupo inserido, como representantes pertencentes do segmento da condição de preta / negra / afro – descendente.

- Em relação ao local de nascimento evidenciou-se que existe certa paridade, entre os oriundos tanto da capital, Recife, quanto dos naturais (provenientes), de outras cidades do interior do estado.

- Verifica-se em relação à condição do estado civil, que pelo menos 21 % (4) declaram ser solteiros (as), e outros correspondendo a 21 % (4), que vivem sem um cônjuge⁶⁴. Contudo os demais participantes apresentam relações estáveis, com prevalência de mais de 10 anos de convivência, correspondendo a 58% (12)

-Quanto à escolaridade temos existência de certa prevalência dos participantes, quanto ao nível de instrução / escolaridade circunscrita ao Ensino Médio (Ver anexo B. Gráfico 1).

- No item da identificação religiosa verifica – se que 84% (16) assumem que tem religião, existindo prevalência de 57%, portanto de 08 participantes, entre as pessoas adeptas ao grupo protestante.

⁶³ A cada ano, 700 mil crianças que nascem no Brasil tendem a serem considerados filhos (as), de “pai desconhecido”. São filhos (as) de homens, que não quiseram reconhecê-los. Recusaram-se a dar seu sobrenome. Quase 30% dos brasileiros não sabem quem é seu pai – ou até sabem, mas não conseguem que o pai, os reconheça no nome, e no afeto. **Um país de “filhos da mãe”** revista Época 26/07/09 (AQUINO, 2009).

⁶⁴ Cruzando o indicador da existência social não assumida da presença masculina, na composição das famílias em geral e a predominância das pessoas do sexo feminino, dentro do grupo de análise, tal dado reforça a compreensão que os surdos e as surdas do EGBL são em sua maioria, desprovidos (as) da figura paterna, no seu cotidiano. Ver nota de rodapé anterior.

- Quanto ao aspecto condições de moradia constatou-se que 79 % (15) SOS entrevistados (as) declararam que possuem um local próprio.
- Em relação à profissão, constatamos que só 16% (3) exercem atividades remuneradas ligadas ao emprego formal. Neste mesmo item, identificamos que 21 % (4) assumem a condição de exercerem atividades, enquanto uma profissão e demais (5) 26 %, como pessoas do lar. Restando, portanto, o fato que 42 % (9), não desenvolvem no momento, atividades laborativas externas, que lhes proporcionem um retorno financeiro, como salário direto.
- Com relação à renda familiar⁶⁵ 63 % (12) vivem entre um e dois salários mínimos, podendo ser considerado nesta realidade, uma condição de pobreza, dentre os indivíduos entrevistados. (ver anexo 12).
- As formas de interações sociais estão condicionadas e concentradas, a poucas oportunidades de acesso aos equipamentos públicos, com grande ênfase no estabelecimento de atividades de lazer direcionadas a contos junto ao meio doméstico, como: ficar em casa 24% (11) e assistir TV 26% (12) % e ligadas atividades como ida à igreja (11)24%. (Ver anexo B. Gráfico 4)

Avaliando estes últimos itens de modo absoluto, não se evidenciam pelos dados colhidos, condições de vida pauperizadas (tipo e relação de moradia própria versus nº de integrantes familiares). Entretanto, já não se pode o mesmo ou inferir comentários positivos, quanto um comportamento diversificado em relação ao consumo e troca em termos de bens culturais, pois verificamos que nas questões ligadas ao lazer e da apropriação e usufruto de produtos ligados a leitura de maneira geral, verifica-se um baixo interesse. Não sendo possível verificar / detectar qual o percentual de renda, investido nestas atividades⁶⁶.

Neste processo de revelação e análise dos resultados, esperamos ainda, subtrair um pouco dos sentidos, das emoções, das atitudes, enfim, a vida destes

⁶⁵ Considerando que o indicador renda é um dos componentes que mais pesam sobre a desigualdade social, juntamente com o nível educacional. ROCHA, S. OPÇÕES METODOLÓGICAS PARA A ESTIMAÇÃO DE LINHAS DE INDIGÊNCIA E DE POBREZA NO BRASIL. Acessado em www.ipea.gov.br/pub/td/td_2000/td0720.pdf. Disponível 01/08/2009. Temos a leitura que o grupo em questão está inserido, dentre o universo de pessoas com bastantes dificuldades de sobrevivência algo há ser evidenciado pelo nº de integrantes familiares versus renda.

⁶⁶ Registramos que não foram incluídas, na pesquisa, questões com este propósito

pais e mães, para que possa brotar nessa análise parte desse mundo ouvinte e surdo. Pois consideramos que cada informação trabalhada, não pode ser vista de modo separado, e sim, circunscritos num conjunto de particularidades que se entrecruzam e incorporam novos conteúdos, e possam favorecer uma melhor compreensão das relações entre pais ouvintes com filhos (as) surdos (as).

Assim esperamos que outros dados sobre o perfil destes pais mães, possam ser bem mais visualizados e avaliados, tomando-se por base as informações apresentadas nos gráficos em anexo, mas que pelo limite deste trabalho não foram explorados aqui.

VIII CAPÍTULO

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ E A LIBRAS, ELEMENTOS DE UMA PESQUISA COLETIVA, AMOSTRA DO SEGMENTO DOS PAIS E MÃES EGBL

Antes da leitura dos quadros de análises abaixo é necessário esclarecer, da nossa tentativa em estabelecer correlações entre os questionamentos propostos e suas respectivas respostas em blocos, sendo no primeiro momento, separadas em dois grupos de enunciados, onde os conteúdos reportassem a possível identificação de: REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ e em seguida das possíveis REPRESENTAÇÕES SOBRE A LIBRAS. Este corte demarca a compreensão de que só poderemos perceber o conteúdo, do que está circunscrito na leitura que os pais e mães têm / apresentam sobre a LIBRAS, a partir do que eles revelam primeiramente sobre a surdez.

Lembrando, que o estudo das 53 questões e suas respectivas respostas foi organizado em quadros temáticos, onde adotamos o agrupamento de quatro blocos, onde procuramos ordenar as questões em conjuntos de informações que revelassem: **A Surdez e os seus Impactos Sociais** (azul), **Apropriação dos Artefatos Culturais relevantes** (verde); **LIBRAS - Uso e conhecimentos** (laranja); **Relação dos Pais / Mães com seus filhos (as) surdos (as) e a LIBRAS** (lilás). E foi neste processo, de ir e vir, que se procurou extrair o núcleo central do nosso estudo e decifrar as possíveis **RS** atribuídas a **LIBRAS**.

Também é válido destacar que dentro da montagem dos quadros e dos conteúdos extraídos das questões trabalhadas, na pesquisa, identificamos e selecionamos algumas questões, que passam e ou que têm a nosso ver, em seus conteúdos referência direta, sobre a opinião dos pais e mães em relação que consideram sobre: os seus filhos e filhas; outras ligadas ao fato de como eles / elas acham ou acreditam que é, ou seja, a compreensão deles /delas, sobre determinados aspectos do universo surdo; como ainda, da sociedade de um modo geral.

I - ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ

1.1 - A SURDEZ E OS SEUS IMPACTOS SOCIAIS					
I	T	E	M	Q	U
PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO		
I	2	3	5	5	5

⁶⁷ Para Foucault (2001), este é um conceito chave que nos permite entender as articulações, entre as instâncias de poder e os campos de saber envolvidos. Principalmente a tecnologia de poder sobre o corpo. Todos os mecanismos de poder disponíveis, ainda hoje são em torno do **anormal** para marcá-lo, como para modificá-lo [...]. A existência de um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais faz funcionar os dispositivos disciplinares. (FOUCAULT, 2001, p. 165)

Já para Chauí (1995), isso é uma convenção social definida com o advento da Modernidade; cada um, por causa da fixidez e da repetição de seu lugar e de sua atividade, tende a considerar natural. (CHAUÍ. 1995. p. 221)

1.1 - A SURDEZ E OS SEUS IMPACTOS SOCIAIS (CONT.)					
I T E M	Q U E S T Ã O	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
I I	5 8 5 7	- Sentimentos e reações no momento da descoberta da surdez	- Surpresa, choro, desespero. - Muita tristeza (manifestada de várias formas) - Condição da surdez detectada por outros.	- As orientações do âmbito da medicina são as únicas válidas para “tratar” a surdez.	- A falta de perspectiva, cria uma prisão a um único “modelo”.

1.1 - A SURDEZ E OS SEUS IMPACTOS SOCIAIS (CONT.)					
I T E M	Q U E S T Ã O	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
I I I	5 8 *	- Reação pós - descoberta.	- Choro, tristeza, dificuldades para entender e aceitar. - normal (normal, com indiferença?) ⁶⁸	Este “modelo” que não foi programado.	- Surdez não é uma condição desejada. E sim, uma condição considerada desgraçada.
	6 8	- adoção de pessoa com surdez.	- não é externado o desejo da adoção ⁶⁹ de pessoa com surdez.		

⁶⁸ Este dado é bastante significativo, visto que dentro da amostra investigada, não foi detectado nenhuma situação, onde a relação de parentesco do entrevistado (a) o caracteriza-se como surdo. Diante do exposto e por ser está à única questão totalmente aberta do instrumento de investigação, consideramos ser este aspecto merecedor de uma investigação mais aprofundada. Tendo em vista de que a terminologia “normal” tem em nosso trabalho importância estratégica, para identificara as **RS** dos pais e mães investigados. Pois a assertiva e compreensão que: “A ideologia do normal, enquanto reprodutora de valores e idéias de um grupo que produz significados e políticas marcadas de verdade inquestionável, voltadas de interesse útil para seu fim”. (LONGAMAN: p. 46; 2007)

⁶⁹ Mesmo considerando dentro do conjunto de respostas a informação / dado, é valido salientar que acreditamos que o “valor” da questão ficou comprometido, uma vez que não nos foi possível evidenciar em indagação anterior, o desejo de adotar, sem que a mesma, estivesse atrelada a outras condições. Visto que o ato de adotar, não é de todo uma prática social, sem maiores conflitos. Muito pelo contrário é carregada de componente subjetivo, bastante forte.

1.1- A SURDEZ E OS SEUS IMPACTOS SOCIAIS (CONT.)					
I T E M	Q U E S T Ã O	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
I V	45	- Convivência do grupo familiar	- Assumem que não houve alteração no grupo familiar pós - chegada do filho (a) surdo (a). - Existe prevalência do agir com naturalidade, mas os dados colhidos indicam que apesar de afirmarem, levar os filhos (as) para ambientes que possibilitem a sociabilidade, junto do grupo familiar próximo. Esse dado não pode ser tomado como real, pois temos outros indícios, que apontam atribuir a essa convivência, uma não satisfação. Visto que acreditam que uma das maiores dificuldades, sentidas dos filhos (as) é o de não poderem participar de modo pleno das atividades na família.	- A chegada do filho ou filha, não representa conflitos na relação familiar. - Percebe a existência de dificuldades, por partes do filho ou filha na convivência junto ao grupo familiar	-Indicação significativa de necessidade de suporte externo.
	59				
	61				
	63				- A convivência familiar não é tão pacífica, como querem deixar transparecer o conflito.

1.1 - A SURDEZ E OS SEUS IMPACTOS SOCIAIS (CONT.)					
I T E M O	Q U E S T Ã O	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
		- Comentários de terceiros sobre a condição do filho (a) que caracterizam desprestígio social ⁷⁰ .	- Compreensão social assimilada sobre a surdez, ligadas a formas pejorativas e com ênfase na falta, no patológico.	- O modelo da deficiência incomoda.	- Predominância de conteúdo de desprestígio social ligado a surdez.

⁷⁰ Para Hanks (2008, p.55), é pequena a distância entre o apagamento do poder e violência simbólica. [...]. Obviamente ser classificado, avaliado, estereotipado ou descrito como tal coisa é ser objeto de violência simbólica.

1.1 - A SURDEZ E OS SEUS IMPACTOS SOCIAIS					
ITEM	QUANTIDADE	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
V	54646677072	- Experiência cotidiana, diante da surdez.	- Vivenciar sentimento de felicidade, mesmo por não ter enquanto surdo (a), uma escola (formação) de qualidade e acesso ao instrumento lingüístico em tempo equivalente aos ouvintes. - Grande incidência de que as pessoas surdas em geral desejarem ser ouvintes.	- Crença na felicidade dos ouvintes. Sem a existência equivalente para os surdos (as). - Ausência de reconhecimento / identificação, com pessoas surdas que proporcionem um engajamento social ou referencial concreto, na identidade cultural do mundo surdo.	- Reconhecimento da diferença imposta aos filhos (as), mas permeada pelas dificuldades cotidianas destes (as), para obterem o acesso aos bens culturais legítimos, ofertados aos indivíduos ouvintes, na mesma proporção. - Não existem possibilidades da felicidade no universo surdo

1.2 - APROPRIAÇÃO DOS ARTEFATOS CULTURAIS RELEVANTES					
I T E M	Q U E S T Ã O	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
	V I L I	-Reconhecimento de expressões da cultura surda.	- Local de convivência familiar sem incorporação ou adaptação de suportes culturais, a vida cotidiana de pessoas com surdez. - Conhecimento precário sobre o mundo surdo.	- Não existe necessidade de modificação das relações e ambientes domésticos adaptados - O indivíduo surdo, que incorpore o mundo ouvinte. - Os surdos devem se esforçar para ser oralizado e comunica-se com os ouvintes.	- A família não evidencia a necessidade de reorganizar o cotidiano diante da nova realidade de convivência com o filho (a) surdo (a) ⁷¹ .

⁷¹ Verifica-se em outras situações familiares que tal reorganização é algo possível e real, e que não são transformadas em situações estranhas e estigmatizantes, onde são feitas adaptações familiares devido a condições clínicas, a exemplo de alergias e outras de natureza diversas, onde no a adaptabilidade dos espaços domésticos é algo considerado.

1.3 - APROPRIAÇÃO DOS ARTEFATOS CULTURAIS RELEVANTES (CONT.)					
I T E M	Q U E S T Ã O	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
V I L I	1				
	2	- Integração nos espaços políticos da comunidade surda	- Participação restrita / limitada dos familiares junto às entidades e atividades de cunho reivindicatório da comunidade surda.	- As dificuldades apresentadas não evidenciam a ultrapassagem das relações cotidiana e de âmbito doméstico, quando muito se dá na esfera escolar.	- Distanciamento dos familiares das questões políticas ligadas à comunidade surda ⁷² .
	5				
	1				
	2				
	7				
	1				
	2				
	8				

⁷² Acreditamos que as questões formuladas na pesquisa coletiva sobre o recebimento de benefícios advindos das políticas sociais, trazidas pela Lei Orgânica da Assistência Social-LOAS, Lei 8742 / 1993, não contribuíram para evidenciar a condição de pobreza e de um possível mecanismo de acomodação social, mediante o recebimento de valores advindos da condição de deficiente. Pois existem distinções significativas entre o recebimento da Bolsa Escola / Bolsa Família (a 1ª foi incorporada pela segunda) e BPC (Benefício da Prestação Continuada); além de critérios e valores totalmente diferentes. **Questão 102** - que nos coloca mais diretamente sobre o tema, não traz elementos diretamente para o bojo das questões sobre representação social, mais percebemos que nos permite visualizar, mesmo considerando o aspecto econômico precário da maioria dos entrevistados (as), uma grande incidência haja vista, que (17) 89 % dos entrevistados assumem o recebimento de benefício, mas ao que tudo indica não se tratar na realidade de Bolsa Escola ou Família, e sim, do BPC. E este nos termos da lei é destinado a quem... pessoas com **deficiência**, que não podem trabalhar e levar uma vida independente.

1.4 - APROPRIAÇÃO DOS ARTEFATOS CULTURAIS RELEVANTES (CONT.)					
I T E M	Q U E S T Ã O	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALÊNCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS NAS RESPOSTAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
I X	3	- Língua que primeiro foi aprendida.	-Os pais e mães divididos entre acreditar, que o acesso da língua, deva ocorrer tanto, pelo modelo língua portuguesa, quanto, pela LIBRAS.	- Os treinos orais são sempre necessários, para garantir a comunicação.	- Os pais e mães têm a compreensão equivocada de que é na escola, que a LIBRAS deve ser utilizada.
	3				
	3	- Quem foi responsável pelo o ensino da LIBRAS	- Professores ouvintes e surdos adultos são quem ensinaram LIBRAS, aos filhos (as)	- A LIBRAS deva ser utilizada no espaço escolar para facilitar o aprendizado.	- A família do surdo está ausente do processo de aquisição da LIBRAS. Contudo verifica-se que os filhos e filhas ouvintes recebem ou são incluídos, no campo da língua, pelos seus familiares. O que é evidentemente negado ao indivíduo surdo.

II- ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE LIBRAS

2.1- LIBRAS - USO E CONHECIMENTOS					
ITEM	QUESTÃO	PROPOSIÇÃO DOS ENUNCIADOS	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALENCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
X	06252834	- Incursões dos familiares, para apropriação da língua de sinais.	- Menos de 50 % dos pais e mães informam que só tiveram acesso ao instrumento lingüístico de modo tardio, após a entrada dos filhos (as) no ambiente escolar. - Menos de 50% dos entrevistados (as) assumiram que sabem e utilizam LIBRAS, na comunicação com seus filhos (as) ⁷³ - Assumem que para garantirem o mínimo de comunicação utilizam praticas sociais diversas e não necessariamente uma língua estruturada - Assumem em sua maioria que o instrumento lingüístico (LIBRAS), permitiu aos seus filhos (as) um melhor aprendizado escolar.	- Os surdos sabem e compreendem bem o português, desde que sejam “treinados” a fazer leitura labial. - Suas dificuldades lingüísticas específicas, não precisam ser consideradas. Afinal o mundo em sua maioria é ouvinte.	- Familiares não partilham e valorizam da apropriação da LIBRAS. - As pessoas surdas têm que se virar sozinhas, para alcançarem todas as informações e conhecimentos, sem a necessidade de compartilharem do mesmo código comunicativo, utilizado pelos os demais (maioria ouvinte).

⁷³ Verifica-se na prática pedagógica, que mesmo os pais e mães cujos filhos, já apresentem certo tempo de escolaridade (isso não significa mais avanço em termos de classe / seriação), não demonstram habilidades que comprovem sua desenvoltura em LIBRAS. Deste modo acreditamos que muitos destes pais e mães, não distinguem de fato, qual a **diferença entre LIBRAS e gestos domésticos** (comunicação de sinalizada, restrita ao grupo primário).

2.1- LIBRAS - USO E CONHECIMENTOS (CONT.)					
ITEM	QUESTÃO	ASPECTOS COLOCADOS PELOS ENUNCIADOS DAS QUESTÕES	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALENCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
X I	354099109991153637778	- Reconhecimento social equivalente entre as línguas de sinais e as línguas orais. - Locais onde se gosta mais ou menos da comunicação em LIBRAS -Surdos e surdas utilizando de datilologia e /ou LIBRAS, para se comunicarem.	- A grande maioria dos entrevistados (as) afirmam que estimularam os filhos/ filhas a “falar” português. - Reconhecimento que o ambiente familiar não é escolhido ou desejado para ocorrer uma comunicação através da LIBRAS.	- Existe um pequeno movimento favorável ao reconhecimento da LIBRAS, mas necessariamente não passa pela adoção das praticas no conjunto das relações familiares. - LIBRAS é um instrumento de menor importância social, que não deva ser compartilhado.	- A organização dos espaços públicos deve assegurar a oferta instituída, pela legislação em vigor. - No ambiente familiar não existem parceiros, que proporcione uma conversação plena em LIBRAS. - Familiares desestimulam ou não permitem a conversação em LIBRAS.

2.2 - RELAÇÃO DOS PAIS / MÃES E FILHOS (AS) SURDOS (AS) E A LIBRAS					
I T E M	Q U E S T Ã O	ASPECTOS COLOCADOS PELOS ENUNCIADOS DAS QUESTÕES	- ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALENCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS	REPRESENTAÇÃO IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
X I I	3 4 0 6 0 1 0 9	- Filho (a) surdo (a) já lhe contou que sonha em LIBRAS. - Formas de conversação dos pais com o filho (a) surdo (a).	- Os filhos (as) NÃO compartilham com os pais as possibilidades da língua de sinais.	- Os surdos entendem o conteúdo do que lhe é repassado pelos familiares. - Apresenta relativo interesse em “saber” (aprender) LIBRAS, mas não nos foi possível evidenciar e visualizar o esforço concreto.	- Comunicação com os familiares fica limitada a superficialidade da vida diária. - Os surdos entendem os ouvintes, os ouvintes NÃO precisam saber uma língua (LS), para se comunicarem com os surdos. Na relação comunicativa o prejuízo é do surdo. A leitura é a de que ele não se esforça para acessar a língua majoritária, nunca o contrário.

2.2 - RELAÇÃO DOS PAIS / MÃES E FILHOS (AS) SURDOS (AS) E A LIBRAS					
I T E M	Q U E S T Ã O	ASPECTOS COLOCADOS PELOS ENUNCIADOS DAS QUESTÕES	ELEMENTOS IDENTIFICADOS/ REVELADOS A PARTIR DA PREVALENCIA OU NÃO, DAS POSSIBILIDADES APRESENTADAS	REPRESENTAÇÃO O IDENTIFICADA PELO RESULTADO DA PESQUISA	VISÃO CONSIDERADA NO ESTUDO
X I I 1 1 3 e / o u 1 1 4 1 2 0	6 9 7 3 1 1 3	- A expectativa, seu sonho em relação a filho (a) surdo (a). - Você tem orgulho ou vergonha de seu filho (a) surdo (a)?	- Existe prevalência positiva, nas expectativas de ascensão social.	- A perspectiva de instrução permitirá a realização dos sonhos familiares.	- Segundo os pais e mães as oportunidades de ascensão social, ocorrerão de modo independente do desenvolvimento lingüístico, na língua de sinais é só seguir as exigências padrões do mundo ouvinte.

8.2 REFLEXÕES DOS QUADROS DE ANÁLISE

Este exercício permitiu observar as tendências, e algumas engrenagens significativas, que estão incidindo tanto na predominância de uma visão oralista, quanto na visão em defesa e valorização da língua de sinais para a formação de pessoas com surdez. Dentre as variáveis oferecidas, pelas as interconexões das questões e respostas colocadas pelos (as) entrevistados (as), e pelos conhecimentos que foram acolhidos ao longo deste estudo, evidenciamos que prevalecem as compreensões de que:

- Impera dentro do meio familiar um sentimento desesperador pela chegada, e pela existência de pessoa surda, sentimento carregado pela dicotomia do normal e anormal.
- As orientações ofertadas às famílias de surdos, continuam focadas no campo da medicina, para garantir o “tratamento de pessoas surdas”. Não existe, a possibilidade de uma vida feliz, no universo surdo⁷⁴.
- Verifica-se distanciamento dos familiares das questões políticas e da sociabilidade da comunidade surda.

Neste revelar, contudo, cabe muito bem o alerta para a não culpabilização destes pais e mães, pois a estes, como sabemos, não são ofertadas alternativas que lhes permitam a aquisição de outras perspectivas fora do padrão da deficiência. Temos o posicionamento, de que até mesmo se caso estas, viessem a ocorrer por iniciativa das atuais autoridades no assunto, a mesma, estaria sobremaneira, comprometida pela visão clínica que prevalecem como explicação e orientação na maioria do primeiro e dos subseqüentes atendimentos, ofertados a esses pais. Visão reforça e compartilhada por Lane (1992, p.38)

[...] Os pais, entretanto estão numa fase de crise e é pouco provável que sejam críticos relativamente àquele ponto de vista. Se o profissional descrevesse a comunidade dos surdos, tal descrição será em termos tão concisos, que na realidade, os pais não veriam nesta, uma alternativa para estatuto e destino da sua criança. O especialista e os pais partilham, geralmente, a mesma cultura dos ouvintes [...]. (LANE, 1992 p. 38).

⁷⁴ Informação e interpretação ofertada pelos dados colhidos e não tomada como leitura real da perspectiva concreta do universo Surdo

Por outro lado, verifica-se na pesquisa, um pequeno movimento, ou melhor, interesse em “saber” (aprender) LIBRAS, por parte dos pais e mães, pelo menos ao nível do discurso, a necessidade de poderem utilizar esta ferramenta, como instrumento para comunicar – se ou mediar os conflitos da relação com os filhos (as).

Este movimento foi considerado por nós, como um aspecto positivo, tanto do ponto de vista da oportunidade em se ter uma aprendizagem na língua natural, para os surdos; bem como pelo fato dos familiares ouvintes, de terem de certo modo apresentado, uma pequena alteração, na perspectiva predominante por muito tempo, de que a língua de sinais era prejudicial às pessoas surdas. Perspectiva que tomava como única, a forma de que as pessoas surdas, só deveriam fazer uso da língua oral em todos os seus contatos sociais.

No sentido contrário, contudo foi identificado pela pesquisa, que para os pais e mães a apropriação da LIBRAS irá ocorrer sem o envolvimento direto dos familiares em geral. Necessitando haver investimentos no sentido de instrumentalizá-los nesta ferramenta.

Outro entendimento, advindo do confronto entre as informações colhidas pela pesquisa coletiva e a leitura crítica, com base no referencial teórico é no sentido, de que estes pais e mães apresentam em parte, uma leitura no mínimo equivocada, quanto ao nível de competências lingüísticas, que alguns acreditam possuir. Perspectiva também compartilhada por Quadros (2009, p.149), quando trata dos interlocutores do âmbito familiar, e demonstrado através de estudos realizados em Santa Catarina, cujo resultado é apresentado pela **figura 2**. Embora essa abordagem diretamente, não tenha sido algo que a pesquisa coletiva tenha buscado revelar, acreditamos ser um dado significativo, que necessita ser melhor investigado.

Essa discrepância, entre a fala dos familiares e dos dados apontados por Quadros (2009) é percebida e reconhecida, por nós, ao confrontarmos o resultado de algumas questões em relação ao observado no dia a dia, do

cotidiano escolar, onde se verificam divergências gritantes, que indicam a falta de visão crítica dos pais e mães, quanto a este entendimento⁷⁵.

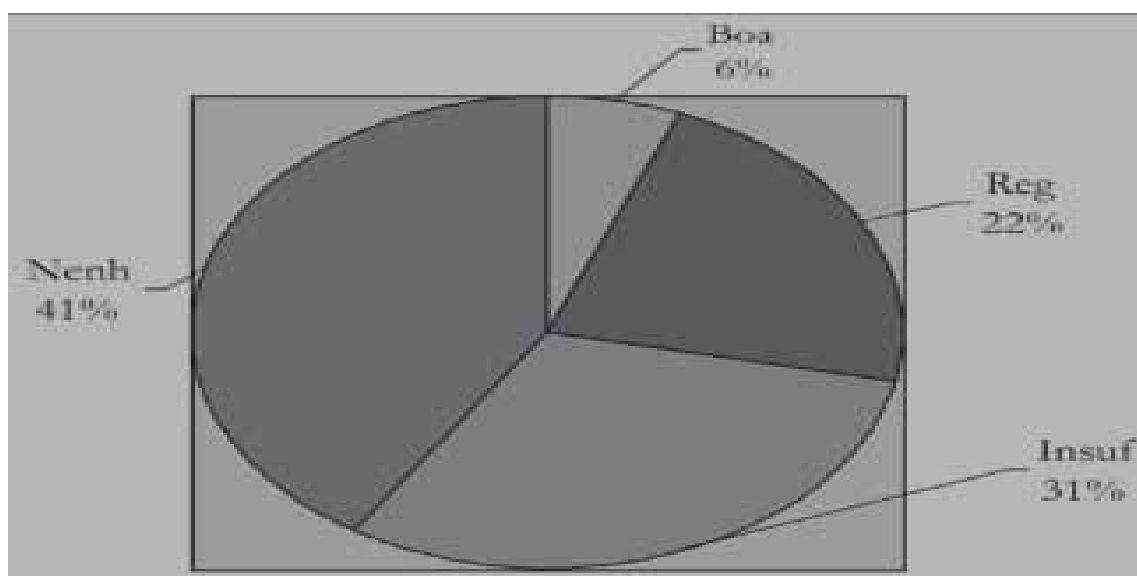


Figura 2 Quadros (2009). Proeficiência dos pais, na língua de sinais. Dados apontados em: Políticas Linguísticas e Educação de Surdos em Santa Catarina: Espaço de Negociações. Quadros (2009).

Outra constatação segue no sentido, de que para os pais e mães a oferta deste “saber” (conhecimento da LIBRAS), para o surdo (a) deva ser assegurada pela escola, como lugar de iniciação e com a função de assegurar o aprendizado escolar.

Compreendemos que por uma questão ética, e também de direito, deve-se oferecer aos familiares ouvintes, com filhos (as) surdos (as), a possibilidade de acessarem toda a produção de conhecimento sobre a surdez. Embora também reconheçamos que cabe a cada pessoa, o movimento de buscar canais institucionais, para legitimar a LIBRAS no cotidiano de suas vidas. Pois é como atores sociais, que têm de buscar a sua capacidade de agir, para interferirem na sociedade e modificarem a realidade.

Uma forte revelação do fazer monográfico, passa pela constatação de que as pessoas surdas filhas de pais ouvintes, padecem de uma grande solidão. Solidão, por não terem nos primeiros anos, com quem possam contar dentro do meio familiar, para compartilhar os seus sentimentos, dúvidas e outra

⁷⁵ ver nota de rodapé nº 73, na página 88.

avalanche de necessidades. Ficando todo este turbilhão de questões, que qualquer outra pessoa é submetida, sem respostas que lhes permitam uma melhor compreensão do mundo. E que só mais tarde, por ocasião da adolescência ou mesmo só na fase adulta, tentam buscar junto a outras pessoas surdas, mecanismos para suprir suas “carências” de entendimento do mundo. Tudo isso, imposto por relacionamentos pobres de trocas simbólicas, no seio familiar. Sentimentos tão freqüentemente e relatados, nos estudos de Longmam (2007) e Strobel (2008).

Claro que para a superação destes tipos de representações, necessitam ser criados esforços (mecanismos), para além do reconhecimento político e até mesmo de práticas educacionais, que extrapolem a visão tradicional e ouvintista. Neste registro, deveremos nos posicionar no sentido de oportunizar também a releitura de que através da LIBRAS, e da exposição da cultura surda, em suas diversas manifestações é possível a oferta de um mundo completo, a pessoas com surdez.

A defesa segue no sentido, de não permitir que os filhos (as) surdos (as) de pais e mães ouvintes sejam alijados (as) desta oportunidade, por lhes assegurarem um modelo (“retalho”) de língua, que não lhe é natural⁷⁶. E, se caso fossem feito a defesa de tal perspectiva, de lhes imporem uma língua artificial e estranha, ao menos fosse considerado e / ou desprendido pelos pais e mães, o tempo e os esforços equivalentes na aprendizagem da LIBRAS, quanto aos investimentos, por eles / elas realizados ao nível de tempos e empenho desprendidos no treino oral, a ser ofertado aos filhos ou filhas.

Registramos que o acima proposto, não se trata de um posicionamento em defesa dos treinos orais, ou até mesmo uma crítica. Mas sim, trata-se de um “trocadilho”, para destacar as contradições trazidas por uma visão unilateral, imposta as pessoas surdas, e revestidas no plano simbólico, de

⁷⁶ A literatura a ponta que os filhos (as) ouvintes de pais e mães surdos (as), não apresentam prejuízos lingüísticos na mesma proporção a que estão submetidos os filhos (as) surdos (as) de pais e mães ouvintes. A organização bem como às pessoas que são filhas ouvintes de pais surdos, dá-se o nome de CODA (do inglês Children Of Deaf Adults). Os CODAs são pessoas que, biologicamente, têm o sentido da audição preservado, mas que interagem simultaneamente com os dois universos lingüísticos e culturais. (FIGUEIREDO 2009)

importância tal para a maioria dos familiares (ouvintes), ainda bastante predominante.

Deste modo, queremos demonstrar que as desigualdades e as hierarquias de significados existem, precisam ser reveladas e desconstruídas. Mas que também entendemos que o processo de cultura é permeado por momentos de sedimentação, até que possa ser incorporado como algo comum, da prática social. Por isso, devemos nos empenhar, para garantir o máximo da socialização da LIBRAS, junto aos familiares de indivíduos surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos diante dos limites enfrentados que não nos foi possível revelar e clarificar em profundidade, a singularidade de cada história contida para a construção das representações sociais, pela exploração dos dados colhidos pelo instrumento de pesquisa.

Contudo, este exercício de pensar nos oportunizou buscar (trazer a tona) e de revelar sobre as “palavras”, os mecanismos de sujeição, impostos ao longo dos anos, e ainda bastante presente, no cotidiano dos pais e mães “ouvidos” pela pesquisa coletiva, e especificamente dos inseridos na EGBL.

O instrumental utilizado, para a coleta dos dados teve um processo de elaboração bastante inovador, permitindo a construção de modo coletivo, que abrangeu diversas áreas de interesses dos estudantes / pesquisadores (as), na tentativa de apreender a realidade educacional, social, política, cultural e econômica dos surdos (as), principalmente dos que freqüentam a rede pública estadual de ensino. Tendo como universo: estudantes / surdos (as), pais (mães e pais) e professores (as).

Quanto ao objeto de análise deste trabalho em especial, procurou-se extrair / coletar dos conteúdos apresentados nas respostas fornecidas de 53 questões, que previamente foram selecionadas e que posteriormente foram agrupadas em dois grupos de enunciados. Sendo selecionados enunciados, que nos reportassem a possíveis identificações de: REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ e em seguida, das possíveis REPRESENTAÇÕES SOBRE A LIBRAS. O corte demarca a compreensão de que só poderemos perceber o conteúdo, do que está circunscrito na leitura que os pais e mães têm / apresentam sobre a LIBRAS, a partir do que eles revelam primeiramente, sobre a surdez.

Com o suporte de tais revelações, e com a leitura crítica da **TRS**, compreendemos que o (re)conhecimento das **RS** construídas, passam necessariamente pelo conhecimento da história de construção desse conceito, pelos indivíduos pertencentes a um determinado grupo social, como ainda, deve passar pelo o entendimento e aprovação de correntes de pensamento da

comunidade científica, que são empregados para a sustentação de determinadas visões, uma vez que é a partir daí, que os mesmos são difundidos e propagados, para outras instâncias sociais, enquanto “verdades” a serem consumidas por todos.

Os conteúdos coletados permitiram também, verificar a continuidade de existência de modelos, que não favorecem a construção de uma identidade surda positiva. Onde a família é excluída, e também se exclui da possibilidade de explorar este universo.

Verificamos que se mantêm bastante forte, o mesmo paradigma da surdez como patologia, apesar dos avanços significativos, trazidos pelos conhecimentos ligados à superação do até então modelo hegemônico da surdez, enquanto algo extremamente negativo, e de difícil aceitação. Trazendo-nos a compreensão, de que é necessário criar mecanismos políticos e institucionais, para a oferta e de inserção dos pais e mães ouvintes, junto à experiência de conviverem de modo efetivo, com a LIBRAS.

A execução deste curso e dessa monografia em particular, também nos proporcionou a identificação e acolhimento de novas informações, através da construção das narrativas históricas do povo surdo, apresentadas tanto na construção do resgate, de alguns momentos da instituição escola, tomada em quanto lugar de amostra / referência para pesquisa; como pelos fatos, personagens e situações vivenciadas e descritas, por nós, de como se deu da trajetória dos movimentos da comunidade surda, no plano mundial, brasileiro e pernambucano.

Outro entendimento revelado, nesse estudo, advém da compreensão de que estes pais e mães apresentam em parte de uma visão equivocada, quanto ao nível de competências lingüísticas, no caso da LIBRAS, que alguns acreditam possuir. Portanto, consideramos que as RS atribuídas a LIBRAS, pelos pais e mães “ouvidas” neste estudo, estão direcionadas para uma perspectiva de menor importância / valor, e de algo, a ser utilizado quando muito, nos espaços escolares.

Devendo ser enveredados esforços, no sentido de melhor avaliar essa constatação, pois acreditamos ser essencial ao processo de autonomia das

peessoas surdas, dentre outras bandeiras de luta, a existência de interlocutores de surdos (peessoas ouvintes que saibam LS), qualificados no seio familiar. Outra constatação identificada refere-se, quanto ao distanciamento dos familiares dos surdos, das questões políticas e da sociabilidade da comunidade surda em geral.

Acreditamos que no mínimo, essa duas leituras equivocadas, criam um fosso social enorme, para as peessoas com surdez. Fazendo com que permaneçam nas “falas” dos pais e mães, a distância simbólica e concreta dos artefatos culturais das comunidades surdas, pois aparentemente eles /elas até conhecem ou foram expostos (as) a vários elementos significativos da cultura surda, conforme o revelado no anexo B. Gráfico 8, mas que infelizmente, não foram incorporados no cotidiano de suas relações familiares

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A; COSTA, W. Teoria das Representações Sociais: Uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. Acessado em: <www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as_teorias_das_repres>. Disponível em 04 de junho 2008.

AQUINO, R. Um país de “filhos da mãe”. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/revista/epoca_mulher.>. Acessado em 02 de agosto 2009.

ARRUDA, Â. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. Disponível em: < www.scielo.br/scielo>. Acessado em 16 de junho 2006.

BAKHTIN, M. (Voloshinov, V.N. -1929). Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução Michel Lahue e Yara Vieira; 6ª Ed. Hucitec, São Paulo; 1992.

BOTELHO, P. Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos: Ideologias e Práticas Pedagógicas. Autentica Belo Horizonte. 2002

BOURDIEU, P. (Org.). A Miséria do Mundo. Tradução Matheus S. Azevedo e vários. Ed. Vozes; Petrópolis; 1997. Capítulo: Compreender (p. 693-732).

BRASIL. Educacenso. Relatório por aluno/MEC/INEP. Disponível em: <www.educacenso.inep.gov.br>. Acessado em 20 de set. 2008.

BERGMANN, L. Repercussões da Surdez na Criança, nos Pais e Suas Implicações no Tratamento; REVISTA ESPAÇO 16 – (JULHO / DEZEMBRO 2001). Disponível em: < www.ines.org.br/paginas/revista/>. Acessado em 02 de maio de 2008.

BRASIL. LOAS. LEI ORGÂNICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL. [L8742](#) dez / 1993. Disponível em:< www.planalto.gov.br/>. Acessado em 15 de julho de 2009.

_____. LIBRAS. LEI 10436 abril / 2002. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br/>>. Acessado em 15 de junho 2009.

_____. Decreto n.º 5.626 / dez 2005. Regulamenta a Lei 10.436 /2002. Disponível em: < www.planalto.gov.br/ccivil.../decreto/d5626.htm>. Acessado em 15 de junho 2009.

CHAUÍ, M. A não violência do brasileiro: Um mito muito interessantíssimo. Cadernos de Literatura e Ensaio nº 11 1980 Almanaque, mimeografado

_____. Convite à Filosofia. São Paulo. Editora Ática; 1995.

FANCHIN, R. Em busca da família do novo milênio. Rio de Janeiro. Ed. Renovar, 2001.

FIGUEIREDO, B, filhos de pais surdos uma relação “im” possível. Disponível em www.feneis.com. Acessado em 15 de maio de 2009

FONTE, Z. A educação de surdos e a prática pedagógica dos professores ouvintes. UFPE -2005. Disponível em: < www.ce.ufpe.br>. Acessado em 15 de maio de 2009.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: História da Violência nas prisões. Trad. Raquel Ramalhe. 34ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007

HANKS, W. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (Orgs.). São Paulo: Cortez. 2008

LACERDA, C. Um Pouco da História das Diferentes; Abordagens na Educação dos Surdos. Cad. CEDES v.19 n.46 Campinas Set. 1998. Disponível em: <www.scielo.org/scielo>. Acessado em 18 de maio de 2008.

LANE. H. A Máscara da Benevolência: A Comunidade Surda Amordaçada. Instituto Piaget; Lisboa, 1992.

LONGMAN, L. Memória de Surdos. Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Editora Massangana, 2007.

LOPES, M. Surdez e Educação. Rupturas e Posições. Belo Horizonte. Ed Autêntica 2007.

MELO, Z. Estigmas: Espaço para Exclusão Social. Revista Symposium / UNICAP Recife, PE, ano 4; n. especial, p. 18-22, dez. 2000. Disponível em: <www.unicap.br>. Acessado em 22 de junho 2008.

MINAYO. M. O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI. P; JOVCHLOVICH. S. (Org.). Textos em Representações sociais 8ª ed. Editora Vozes; Petrópolis. RJ, 2003. Capítulo 3; p. 98 – 111.

OLIVEIRA. D. Pontuando idéias sobre o desenvolvimento metodológico das representações sociais nas pesquisas brasileiras Rev Bras Enferm 2005 jan-fev; 58(1): 86 - 90. Disponível em: < www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034>. Acessado em 02 de agosto 2009.

QUADROS. R. Políticas Linguísticas e a Educação de Surdos em Santa Catarina: Espaço de Negociações. Cadernos CEDES, Campinas, 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a03v2669.pdf>. Acessado em 26 de setembro 2009.

QUEIROZ, M. Relatos Orais do “Indizível ao “Dizível”. In: VON SIMSON, O. (org.). Experimentos com História de Vida. São Paulo; Vértice 1988.

PEQUENO, A. Educação e Família: Uma União Fundamental? Disponível em: <www.ines.org.br/paginas/revista/TEXTO2>. Acessado em 02 de maio de 2008.

RECIFE. Perfil sócio econômico da RPA – 3. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/infocrec/estudos.php>>. Acessado em 01 08 2009

ROCHA. S. Opções metodológicas para a estimação de linhas de indigência e de pobreza no Brasil. Disponível em: <www.ipea.gov.br/pub/td/td_2000/td0720.pdf>. Acessado 01 08 2009.

SÁ. N. Cultura, Poder e Educação. Manaus. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SANTOS. M; ALMEIDA, L. (org.); Diálogos com a Teoria da Representação Social. Recife, Editora Universitária da UFPE, 2005

SILVIA. C; A aquisição da linguagem e os aspectos socioculturais. Disponível em: <www.seara.uneb.br/sumario/professores/clauidiasilva.pdf>. Acessado em 26 set. 2009.

SKLIAR, C. (org.); A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Editora Mediação, 1998.

SPINK, M. (Org.); O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na Perspectivas da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1995. a

_____. O Conceito de Representação Social da Abordagem Psicossocial. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 1993. Disponível em: <www.scielo.org/scielo>. Acessado em: 13 Jul. 2007.b

SOUZA. R. Intuições "lingüísticas" sobre a língua de sinais, nos séculos XVIII e XIX, a partir da compreensão de dois escritores surdos da época. Disponível em: <www.scielo.br/scielo>. DELTA vol.19 no. 2 São Paulo 2003 Acessado em 15 junho 2009.

SUVAG. Historia dos Surdos em Pernambuco (publicado em versão provisória) pelos estudantes do Curso de Extensão em Estudos Surdos. Recife 2006. a

SUVAG. Pré-projeto da Pesquisa Coletiva. Dados do censo escolar de 2006 /SEE-PE. Recife. Julho 2008. b

SUVAG. (org.). Estudos Surdos: Novas perspectivas. Vol. 3. Olinda: Livro Rápido 2009. c

SUVAG. Pesquisa Figurações Culturais: Surdos na contemporaneidade. Recife 2009.d

STROBEL. K. História Dos Surdos: Representações 'Mascaradas' das Identidades Surdas. Disponível em: < www.feneis.com.br >. Acessado em 23 06 2009.a

STROBEL. K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008. b

SZYMANSKI, H. Viver em Família como Experiência de Cuidado Mútuo: Desafios de um Mundo em Mudança. Revista Serviço Social e Sociedade. Ed. Cortez; São Paulo; Ano XXIII; v 71 p 09 -25.

THOMA. A; LOPES. M. Educação dos Surdos: dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos. 1 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, v. II, p. 9-25.

_____ A Invenção da Surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. 1 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, v. II, p. 9-25. Disponível em: < www.ufrgs.br/nepes/ESPTemp.doc >. Acessado em 15 de junho 2009.

UNESCO. Declaração de Salamanca. Capítulo: Política e Organização. 1994. Disponível em: < www.portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf >. Acessado em 15 de julho 2008

VON SIMSOM, O. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento. O exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. Arquivos, fontes e novas tecnologias. Questões para a história da educação. Autores Associados, Bragança Paulista, Universidade São Francisco; 2000. Campinas- SP. Disponível em: <<http://lite.fae.unicamp.br/revista/vonsimson.html> >. Acesso em 10 de junho 2008.

XAVIER, R. Representação Social e Ideologia: Conceitos Intercambiáveis? Psicologia & Sociedade; 14 (2): 18-47; jul./dez. 2002; vol.14, nº2, p.18 - 47. Disponível em:< www.scielo.org/scielo >. Acessado em 21 de agosto 2005.

ANEXOS

Anexo A - Fotos

-Foto1- Solenidade no EGBL



Foto 2 -Solenidade do 50º aniversário da EGBL



Foto 3 - Recorte de Jornal de 1982, referente a solenidade do 50º aniversário da EGBL

Escola comemora 50 anos

Para abrir a programação comemorativa do jubileu de ouro (50 anos de fundação) da Escola Governador Barbosa Lima e anunciar o funcionamento do segundo grau, o secretário Joel de Holanda Cordeiro esteve naquela unidade educacional, onde conclamou, como tem feito, continuamente, a integração de esforços para oferecimento de uma melhor qualidade de ensino.

Fundada em 1932, tendo como patrono Alexandre Barbosa Lima, a Escola Governador Barbosa Lima é a antiga Escola Experimental, tendo iniciado seu funcionamento no prédio onde hoje está instalada a Secretaria da Justiça. Em 1967, no governo Paulo Guerra, a unidade passou para o prédio que ocupa até hoje.

2.500 ALUNOS

Durante seus 50 anos de existência, suas diretoras foram as professoras Lourdes Temporal, Akla Lafayette Uchoa, Tereza Barroca e Vera Lúcia Santiago de Lima (atual). Funcionando em quatro turnos, com mais de 2.500 alunos, mantendo os cursos pré-escolar, de primeiro e segundo graus, a escola oferece ensino especial e mantém instituições escolares, como Caixa Escolar, Programa do Aluno Colaborador, Biblioteca, Conselho de Apoio Comunitário à Escola e Círculo de Pais e Mestres.

A Escola Estadual Governador Barbosa Lima conta com gabinete de direção, sala para supervisão, pedagógica, para orientação educacional, secretaria, biblioteca, recepção, professoras, centro cívico escolar, educação física, gabinete dentário, cantina, merenda, almoxarifado, arquivo, além de 21 salas de aulas, sendo quatro para o ensino pré-escolar e dezessete para o ensino de primeiro e segundo graus, entre outras instalações.

PRONUNCIAMENTOS

Durante a solenidade de abertura das comemorações do jubileu de ouro da Escola Governador Barbosa Lima o representante dos pais, Reginaldo Pereira da Silva, enalteceu o trabalho que o secretário Joel de Holanda vem realizando em prol da educação do Estado, sempre dentro da linha de ação do governador Marco Maciel de "Desenvolvimento com Participação", afirmando que "merece dos pernambucanos em geral os mais sinceros agradecimentos. Muito foi feito. Muito, ainda, está por fazer. O poço do saber é inesgotável".

O antigo estudante Eduardo Jorge de Amêijo, atualmente universitário do curso de Direito, expressou seus agradecimentos pela formação recebida naquela casa, nas séries iniciais, ressaltando: "Somos nós, ex-alunos deste educandário, o testemunho vivo da significação de empreendimentos dessa natureza que engrandecem e nobilitam a função de governantes voltados à nobre causa da educação".

Durante a solenidade também falaram as representantes do corpo docente, professora Edite de Lima Cavalcanti, e da diretora da unidade, professora Vera Lúcia Santiago de Lima, que frisou: "O fato que hoje registramos com muita alegria é fruto de um Governo de Participação que procura ouvir as comunidades para melhor atendê-las nas suas justas reivindicações. Isto porém, só se torna possível quando do Governo participam homens da estirpe do secretário Joel de Holanda".



Foto 4 - Gutemberg Laurindo de Oliveira
Aluno surdo



Foto 5 - Adriana - aluna surda



Foto 6 - Equipe de alunos surdos, apresentando trabalho sobre LIBRAS em Feira de Conhecimentos 1998



Foto 7 -(A) - Oficina de LIBRAS



Foto 7- (B) - Oficina de LIBRAS



Foto 8 Jogos e brincadeiras - Ver aluno com aparelho auditivo



Foto 9 Instrutor de LIBRAS, ofertando oficina de LIBRAS para as mães



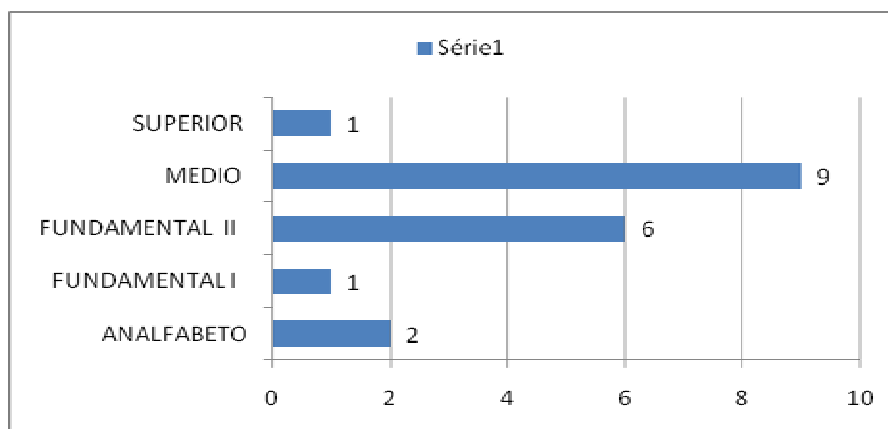
Foto 10. Palestra Ministrada por Rafael Ferraz, no EGBL sobre Cultura e Identidade Surda.



Foto 11. Palestra Ministrada por Rafael Ferraz, no EGBL sobre Cultura e Identidade Surda.

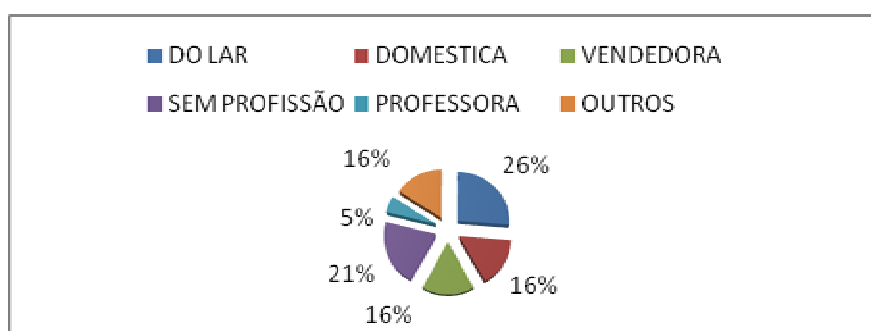
Anexo B – Gráficos das questões trabalhadas da Pesquisa

Gráfico1 Escolaridade dos pais e mães



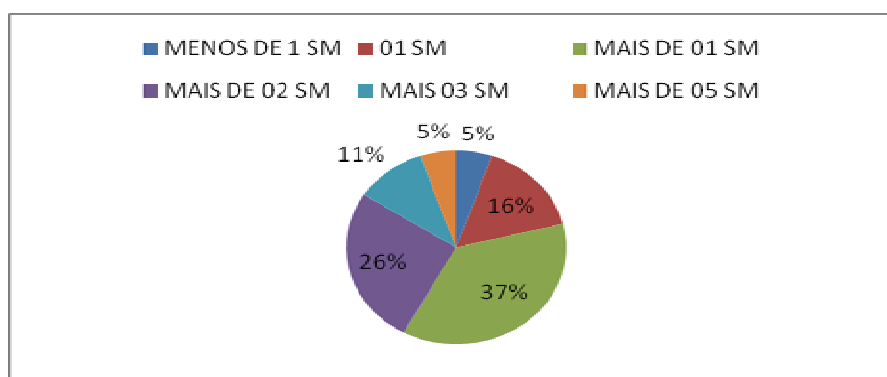
Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico 2 Profissão

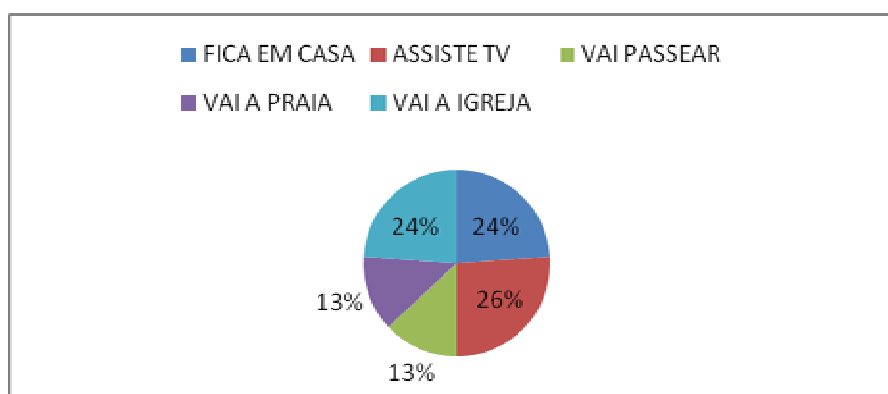


Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

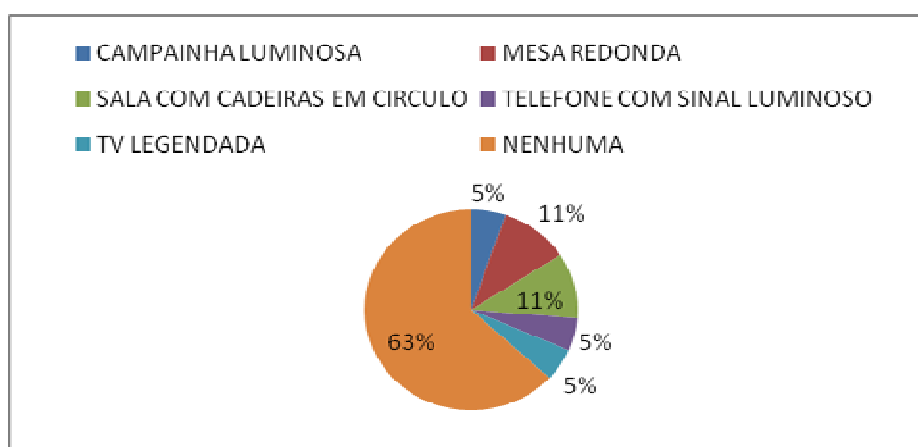
Gráfico 3 Renda Familiar



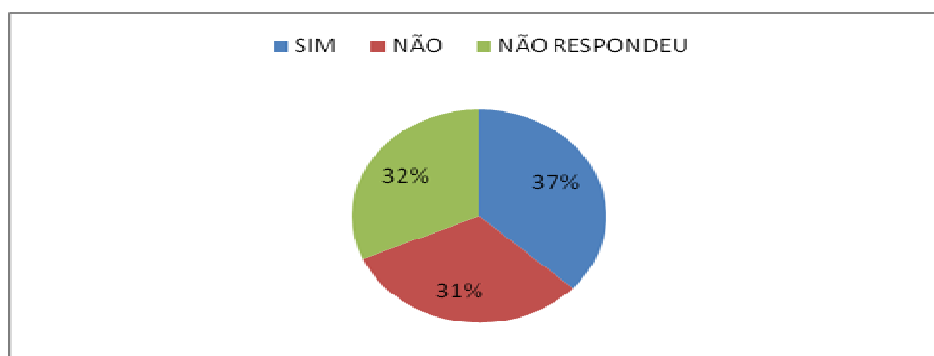
Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico 4 Lazer / Fim-de-semana

Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico 5 Usa/Possui em casa

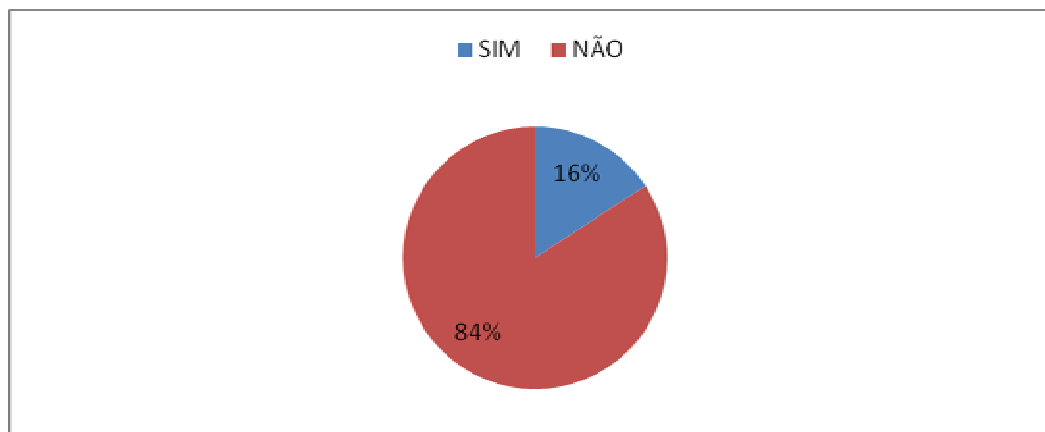
Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico 6 Você usa libras?

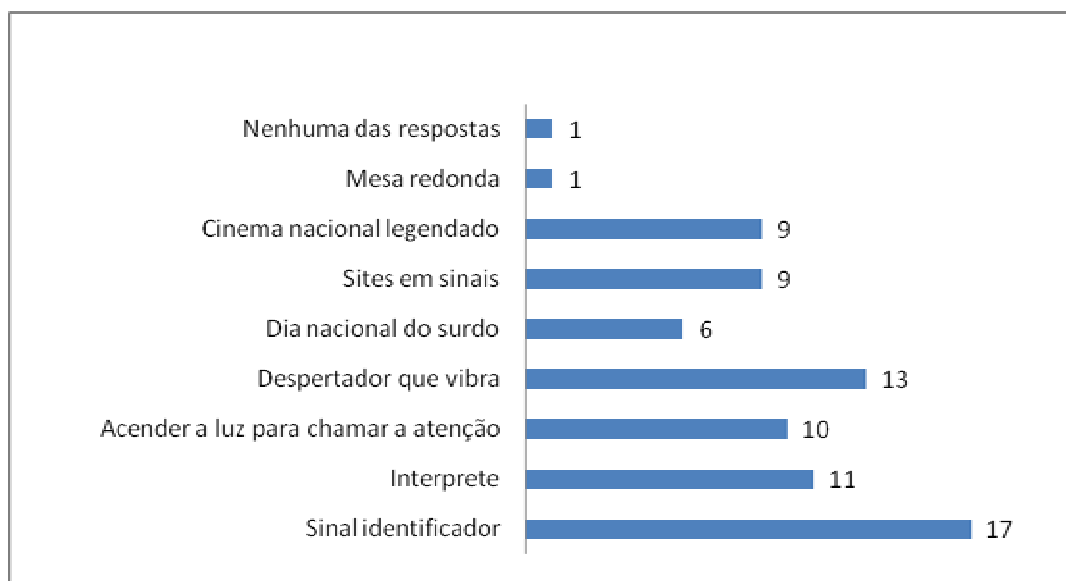
Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico 7

Você já participou de algum congresso de surdos ou sobre surdos?



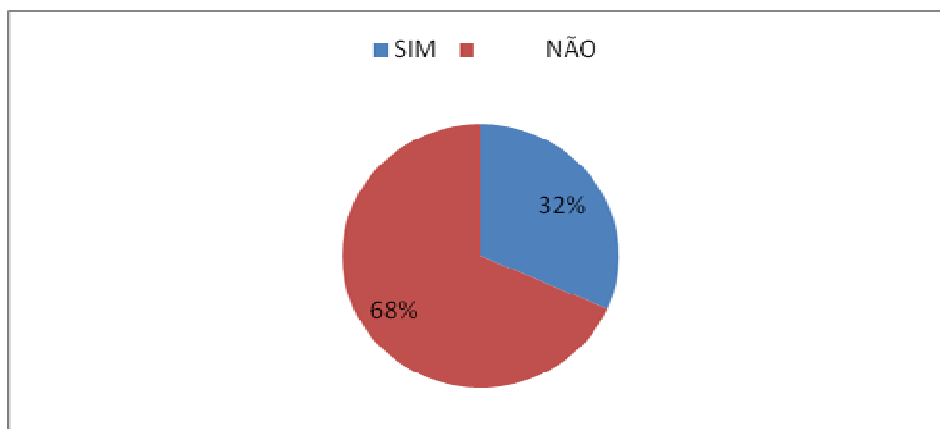
Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico 8 Você acha que são expressões da cultura surda

Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

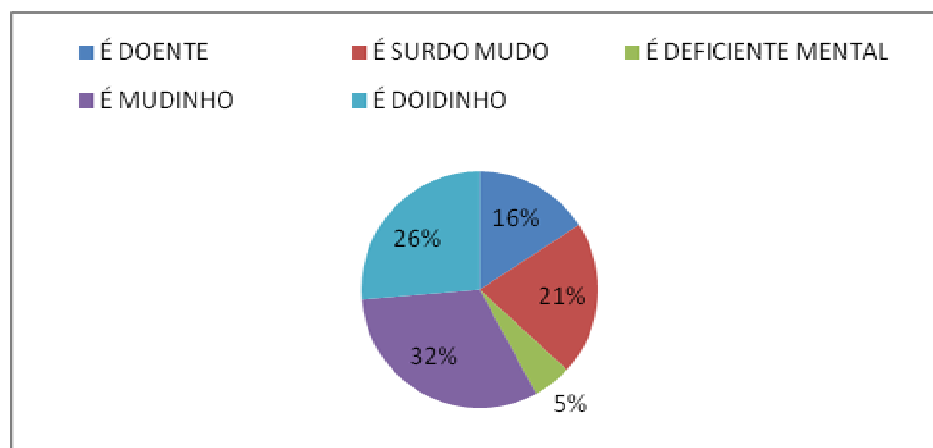
Gráfico 9

Houve mudanças em sua família, quando foi descoberta a surdez do seu filho?



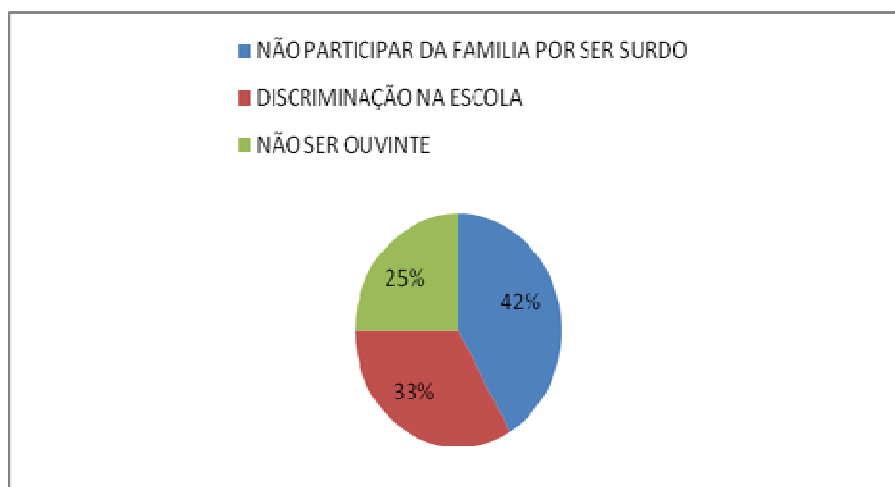
Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico10 O que mais lhe irrita quando perguntam do seu filho surdo?



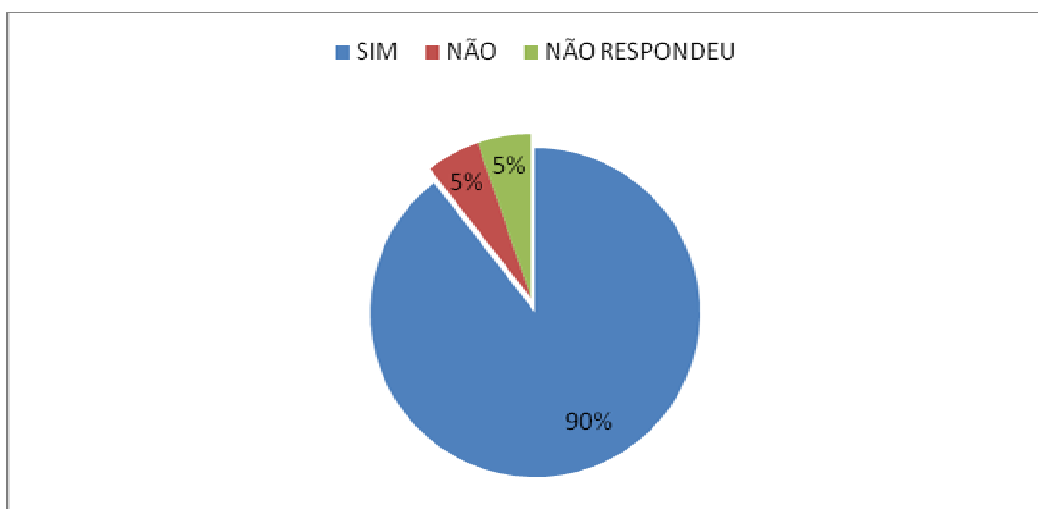
Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico 11 Qual a maior dificuldade sentida por seu filho surdo?



Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

Gráfico 12 Você acha que tem surdo que gostaria de ser ouvinte?



Gráficos construídos a partir do resultado das questões da pesquisa coletiva sobre o universo surdo e LIBRAS. Fonte Suvag 2008.

ANEXO C

QUESTÕES DA PESQUISA COLETIVA QUE SERVIU DE OBJETO DE INVESTIGAÇÃO NO ESTUDO.

TOTAL DE ENTREVISTAS APLICADAS = 19

I – IDENTIFICAÇÃO

0 - PAI SURDO (0) MÃE SURDA (0) PAI OUVINTE (02) MÃE OUVINTE (17)

01 - SEXO M=02 F= 17

02 - FAIXA ETARIA

36 a 40 = 06

41 a 45 = 04

46 a 50 = 03

51 a 55 = 01

56 a 59 = 04

60< = 01

03 COR / RAÇA

BRANCA = 05

PRETA / NEGRA / AFRO DESCENDENTE = 14

(NÃO HOUE REFERENCIA AS DEMAIS ALTERNATIVAS)

04 - LOCAL ATUAL DE RESIDENCIA

RECIFE = 10

JABOATÃO= 03

OLINDA= 05

SÃO LOURENÇO = 01

05- LOCAL DE NASCIMENTO DO ENTREVISTADO (A)

RECIFE = 09

OUTRAS CIDADES DE PERNAMBUCO = 09

OUTROS ESTADOS = 01

07- ESTADO CIVIL

a – SOLTEIRO (A) = 04

b – CASADO (A) =08

c – VIVE MARITALMENTE = 03

d – SEPARADO (A) = 02

e – DIVIVORCIADO (A) = 01

f – VIUVO (A) = 01

13- HÁ QUANTO TEMPO MANTEM O RELACIONAMENTO?.

f- MAIS DE 10 ANOS = 07

g- MAIS DE 20 ANOS = 05

11- RELIGIÃO

a- TEM = 16

b- SEM = 03

COMPLEMENTO

CATOLICA = 06

EVANGELICA = 06

CRISTÃ = 01

ASSEMBLEIA = 01

17- SITUAÇÃO DE PROPRIEDADE DA RESIDENCIA QUE MORA?

a) PROPRIA = 15

b) ALUGADA =04

12 – PROFISSÃO

DO LAR = 05

DOMESTICA = 03

VENDEDORA =03

SEM PROFISSÃO = 04

PROFESSORA 01

OUTROS = 03

16- NIVEL DE RENDA FAMILIAR

a) MENOS DE 1 SM = 01

b) 01 SM = 03

c) MAIS DE 01 SM = 07

d) MAIS DE 02 SM = 05

e) MAIS 03 SM = 02

f) MAIS DE 05 SM = 01

II – INSTRUÇÃO CULTURA E LAZER

08- ESCOLARIDADE

ANALFABETO = 02

FUNDAMENTAL I = 01

FUNDAMENTAL II = 06

MEDIO = 09

SUPERIOR = 01

19 – GOSTA DE LÊ?

a) SIM = 10

b) NÃO = 05

c) EM BRANCO = 03

22- IDA AO CINEMA

a) SIM = 01

b) NÃO = 01

c) AS VEZES = 07

d) NÃO RESPONDEU = 01

24-NOS FINAIS DE SEMANA VOCÊ FAZ O QUE?

FICA EM CASA = 11

ASSISTE TV = 12

VAI PASSEAR = 06

VAI A PRAIA = 06

VAI A IGREJA = 11

III – CONHECIMENTO DA CULTURA SURDA**94 - NA SUA CASA TEM OU USA?**

a) CAMPAINHA LUMINOSA = 01

b) MESA REDONDA = 02

c) SALA COM CADEIRAS EM CIRCULO= 02

d) TELEFONE COM SINAL LUMINOSO = 01

e) TV LEGENDADA = 01

f) NENHUMA = 12

117- VOCÊ JÁ LEU LIVROS ESCRITOS POR SURDOS?

a) SIM

b) NÃO = 16

00) NR = 02

EM BRANCO = 01

118 – VOCÊ SABE SE EXISTE MÚSICA FEITA POR SURDOS?

a) SIM = 04

b) NÃO = 14

00) NR = 01

EM BRANCO = 01

119 – VOCÊ SABE QUE OS SURDOS LUTAM PARA QUE OS FILMES NACIONAIS SEJAM LEGENDADOS?

a) SIM = 13

b) NÃO = 05

EM BRANCO = 01

121 - VOCÊ JÁ VIU PALESTRA DADA POR UM (A) SURDO (A)?

a)SIM=07

b)NÃO 10

122 - VOCÊ JÁ VIU ALGUM FILME SOBRE SURDOS?

a) SIM = 15

b) NÃO 04

124- VOCÊ JÁ LEU ALGUM LIVRO SOBRE SURDOS?

a) SIM = 04

b) NÃO = 13

00) NR = 01

EM BRANCO = 01

125 -VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUM CONGRESSO DE SURDOS OU SOBRE SURDOS?

a) SIM = 03

b) NÃO = 16

126 – VOCÊ ACHA QUE SÃO EXPRESSÕES DA CULTURA SURDA, O QUE?

a) SINAL IDENTIFICADOR = 17

b) INTERPRETE = 11

c) ACENDER A LUZ PARA CHAMAR A ATENÇÃO = 10

d) DESPERTADOR QUE VIBRA =10

e) DIA NACIONAL DO SURDO =13

f) SITES EM SINAIS = 06

g) CINEMA NACIONAL LEGENDADO = 09

h) MESA REDONDA = 09

i) NENHUMA DAS RESPOSTAS = 01

127 – VOCÊ FREQUENTA A ASPE?

a) SIM = 03

b) NÃO = 15

EM BRANCO = 01

128- NO DIA NACIONAL DO SURDO VOCÊ?

a) VAI A PASSEATA = 07

b) ASSISTE PALESTRAS = 02

c) FICA EM CASA = 04

d) NÃO PARTICIPA = 06

141 – VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE A INCLUSÃO DO ALUNO (A) SURDO (A)?

NA EDUCAÇÃO INFANTIL = 06

NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL I = 00

NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL II = 03

TODAS AS RESPOSTAS = 08

NENHUMA DESTAS RESPOSTAS = 01

III - LIBRAS - USO E CONHECIMENTO**06 -VOCÊ USA LIBRAS?**

a) SIM = 07

b) NÃO = 06

c) NR = 06

25- ONDE VOCÊ VIU LIBRAS PELA 1ª VEZ?

a) NA FAMÍLIA = 02

b) ENTRE SURDOS ADULTOS = 02

c) ENTRE CRIANÇAS SURDAS =

d) ENTRE JOVENS SURDOS = 02

e) ENTRE AMIGOS = 02

f) NA ESCOLA = 09

g) OUTRO = 01

26 - VOCÊ SABE QUE A LIBRAS PODE SER ESCRITA

a) SIM = 03

b) NÃO = 15

EM BRANCO = 15

27 – VOCÊ SABE QUE EXISTE POESIAS EM LIBRAS?

a) SIM = 07

b) NÃO = 11

28 – VOCÊ SABE QUE EXISTE DICIONÁRIOS EM LIBRAS ?

a) SIM = 04

b) NÃO = 07

29 – VOCÊ USA?

a) SIM = 04

- b) NÃO 14
EM BRANCO

35- VOCÊ CONCORDA QUE LIBRAS TEM O MESMO VALOR QUE QUALQUER LINGUA ORAL?

- a) SIM = 19
- b) NÃO = 0

30- VOCÊ SABE QUE EXISTE NOS EUA, UMA FACULDADE ONDE PROFESSORES E ALUNOS SÓ FALAM EM LINGUA DE SINAIS (AMERICANA)? A FACULDADE DE GALAUDET.

- a) SIM = 03
- b) NÃO 15
EM BRANCO = 01

42- VOCÊ JÁ VIU DVD EM LIBRAS?

- a) SIM = 14
- b) NÃO 05

IV – INFORMAÇÕES SOBRE A SURDEZ E SEUS IMPACTOS SOCIAIS.

23 – VOCÊ SABE A CAUSA DA SURDEZ DE SEU (A) FILHO (A)?

- a) GENTICA HEREDITARIA = 03
- b) PROBLEMAS NO PARTO = 00
- c) DOENÇAS NA GRAVIDEZ DA MÃE = 10
- d) NÃO SABE = 03
- e) NR = 03

55 – SEU (A) FILHO (A) TINHA QUANTOS ANOS QUANDO VOCÊ DESCOBRIU QUE ELE (A) ERA SURDO (A)?

- a) 0 A 05 MESES = 01
- b) 06 A 11 MESES = 07
- c) 01 A 03 ANOS = 08
- d) 03 A 6 ANOS = 02
- e) MAIS DE 07 ANOS = 01

56– QUEM PRIMEIRO PERCEBEU QUE SEU FILHO (A) ERA SURDO(A)?

- a) PAIS = 09
- b) MÉDICO = 04
- c) AVÓS = 02
- d) OUTRA PESSOA = 03
- e) NÃO SABE = 01

57- VOCÊ RECORREU A ALGUÉM QUANDO DESCOBRIU QUE SEU(A) FILHO(A) ERA SURDO (A)? QUEM ?

SIM 17

NÃO 02

COMPLEMENTO QUEM?

- a) UM FAMILIAR= 17
- b) MÉDICO = 02

58 - COMO VOCÊ REAGIU QUANDO SOUBE QUE SEU(A) FILHO(A) ERA SURDO(A)?

QUESTÃO TOTALMENTE ABERTA

59 - VOCÊ ACHA QUE HOVE MUDANÇAS EM SUA FAMÍLIA, QUANDO FOI IDENTIFICADA A SURDEZ DE SEU FILHO(A)?

- a) SIM = 06
- b) NÃO = 13

60 -COMO VOCÊ SE RELACIONA COM SEU FILHO(A) SURDO(A)?

- a) COM NATURALIDADE = 16
- b) BUSCANDO AJUDA DE QUEM SABE LIBRAS = 07
- c) BUSCANDO AJUDA DA MEDICINA = 03
- d) BUSCANDO AJUDA NA RELIGIÃO = 04
- e) OUTRA = 0

61. VOCÊ LEVA SEU FILHO (A) SURDO (A) PARA...

- A) REUNIÕES DE FAMÍLIA = 14
- B) FESTAS = 15
- C) CINEMA, TEATRO = 06
- D) OUTROS = 07

62- SEU (A) FILHO (A) SURDO (A) GOSTA DE IR A FESTAS DA FAMÍLIA?

- a) SIM = 16
- b) NÃO = 03

63 - VOCÊ SENTE QUE ALGUÉM DE SUA FAMÍLIA TEM VERGONHA DE SEU FILHO(A) POR ELE(A) SER SURDO (A)?

a) SIM = 01

b) NÃO = 17

c) NR = 02

64 - COM QUE IDADE SEU FILHO (A) SURDO (A) SOUBE QUE ERA SURDO?

0 A 02 ANOS = 0

02 A 04 = 03

05 A 07 = 05

07 A 09 = 04

NÃO SABE = 04

66 - COM QUE IDADE SEU FILHO (A) SURDO (A) CONHECEU UM(A) SURDO(A)ADULTO(A)?

02 A 04 ANOS = 02

05 A 07 ANOS = 03

7 A 9 ANOS = 06

10 A 12 ANOS = 03

13 A 15 ANOS = 01

15 A 18 ANOS = 01

NÃO SABE = 03

67 - SEU FILHO(A) SURDO(A) CONHECE ALGUM (A) SURDO (A) IDOSO (A)?

SIM = 16

NÃO = 02

NR = 01

68 - VOCÊ ADOTARIA UMA CRIANÇA:

SURDA 07

INDIFERENTE 08

70 - VOCÊ CONSIDERA SEU (A) FILHO (A) SURDO (A) FELIZ?

SIM 16

NÃO 01

NR 02

71 - O QUE MAIS LHE IRRITA QUANDO PERGUNTAM SOBRE O SEU FILHO (A) SURDO (A)?

É DOENTE =03

É SURDO MUDO = 04

É DEFICIENTE MENTAL = 01

É MUDINHO = 06

É DOIDINHO = 05

45 – NA SUA OPINIÃO, QUAL A MAIOR DIFICULDADE SENTIDA POR SEU(A) FILHO(A) SURDO(A)?

NÃO PARTICIPAR / FAMÍLIA POR SER SURDO = 05

DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA = 04

NÃO SER OUVINTE = 03

54 - SEU(A) FILHO(A) JÁ SOFREU ALGUMA DISCRIMINAÇÃO POR SER SURDO(A)?

NÃO TER ESCOLA DE QUALIDADE = 05

OUTRAS = 05

72 – VOCÊ ACHA QUE TEM SURDO(A) QUE QUER SER OUVINTE?

SIM = 17

NÃO = 01

NR =01

73 - VOCE TEM ORGULHO DE SEU FILHO (A)SURDO(A)

- a) SIM = 18
- b) NÃO = 01

V- UNIVERSO SURDO E A LIBRAS**77. SEU FILHO (A) SURDO (A) É FLUENTE EM LIBRAS**

- a) SIM = 17
- b) NÃO = 02

78 – SEU(A) FILHO(A) USA DATILOLOGIA (ALFABETO MANUAL)?

- SIM = 18
- AS VEZES = 01

36 - ONDE SEU (A) FILHO (A) GOSTA MAIS DE USAR LIBRAS?

- ESCOLA 15
- OUTROS 03
- CASA 02

37 – ONDE SEU (A) FILHO (A) GOSTA MENOS DE USAR LIBRAS?

- CASA 10
- NÃO 03
- NA RUA , NA ESCOLA 02

VI - RELAÇÃO DOS PAIS E FILHOS (AS) SURDOS (AS).**39 – SEU(A) FILHO (A) SURDO (A) JÁ LHE CONTOU QUE SONHA EM LIBRAS?**

- SIM 05
- NÃO 13

40 - VOCÊ OU SEU ESPOSO(A) CONTA (OU JÁ CONTOU) HISTÓRIA EM LIBRAS PARA SEU(A) FILHO (A) SURDO (A)?

SIM 04

NÃO 13

109 -VOCÊ CONVERSA COM SEU(A) FILHO(A) SURDO(A) EM:

LIBRAS 07

MINICA 05

GESTO 09

MISTURA PORT E SINAIS 10

PORT ESCRITO 05

DATILOGRAFIA 04

99 - VOCÊ ESTIMULOU SEU FILHO A FALAR PORTUGUÊS?

SIM 16

NÃO 03

69- QUAL A SUA EXPECTATIVA, SEU SONHO EM RELAÇÃO A SEU FILHO(A) SURDO(A)?

FAZER FACULDADE =10

TERMINAR A EDUCAÇÃO BÁSICA =07

PASSAR NO CONCURSO = 07

CONSTRUIR UMA FAMÍLIA = 09

TODAS = 10

VI – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SURDEZ E LIBRAS

115 – NA SUA OPINIÃO OS SURDOS TÊM CULTURA E LÍNGUA PRÓPRIA?

SIM = 16

NS ; NR; BRANCO = 01

31 - QUAL A PRIMEIRA LÍNGUA QUE SEU(A) FILHO(A) SURDO(A) APRENDEU?

LIBRAS = 07

NR = 03

Port. = 07

EB = 02

120 – VOCÊ CONHECE ALGUM SURDO (A) QUE TERMINOU A FACULDADE?

SIM 09

NÃO 09

BRANCO 01

73– VOCÊ TEM ORGULHO DE SEU FILHO (A) SURDO(A)?

SIM 18

NÃO 01

74 - VOCÊ TEM VERGONHA DE SEU FILHO(A) SURDO(A)?

SIM = 01

NÃO = 18

VII - PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O PROCESSO EDUCACIONAL

33 – QUEM ENSINOU LIBRAS A SEU (A) FILHO (A)?

PROF OUVINTE =10

AMIGO SURDO = 10

PROF SURDO = 04

79 – HÁ QUANTO TEMPO SEU(A) FILHO(A) SURDO(A) ESTÁ NA ESCOLA?

04 A 07 01

08 A 10 = 03

11 A 13 = 02

14 A 16 = 06

17 A 19 = 04

20 < = 03

34- VOCÊ CONCORDA QUE A LIBRAS AJUDOU NA APRENDIZAGEM DO SEU (A) FILHO (A)?

SIM = 19

NÃO = 0

86 – VOCÊ SABE SE SEU (A) FILHO (A) SURDO (A) FAZ PERGUNTAS NA SALA DE AULA?

SIM = 17

NÃO SABE = 02

88 – VOCÊ SABE SE SEU (A) FILHO (A) SURDO (A) COMPREENDE O QUE O PROFESSOR EXPLICA NA SALA DE AULA?

SIM = 11

NÃO = 02

NÃO SABE = 04

89– O PROFESSOR SURDO AJUDA MAIS NA APRENDIZAGEM DE SEU (A) FILHO(A) SURDO(A)?

SIM = 17

NÃO = 02

110- QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE SEU (A) FILHO (A) SURDO (A) FILHO (A) ESTÁ ENCONTRANDO NA APRENDIZAGEM?

PROF NÃO SABEM LIBRAS = 10

COLEGAS DE CLASSE NÃO TÊM PACIÊNCIA = 06

POUCAS HORAS DE AULA PARA APRENDEREM O PORT. ESCRITO = 05

41– VOCÊ SABE DIZER SE O(A) PROFESSOR(A) CONTA (OU JÁ CONTOU) HISTÓRIA EM LIBRAS PARA SEU(A) FILHO(A) SURDO(A)?

SIM =11

NÃO = 04

113 -114 - VOCÊ DESEJA QUE SEU (A) FILHO (A) SURDO (A) FAÇA O ENSINO MÉDIO? FACULDADE?

EM - SIM = 12

EM BRANCO = 7

F - SIM = 4

EM BRANCO = 15